

A woman with blue eyes, wearing a white knit beanie and a thick white scarf, looks upwards with a gentle smile. She is wearing a dark brown winter jacket with white fur trim on the cuffs. The background is a soft-focus winter scene with falling snow. In the upper left corner, a large, ornate clock face is visible, showing Roman numerals and intricate mechanical details. The text 'G. Schiefer' is written in a purple script font at the top.

G. Schiefer

*À espera
da neve*



G. Schiefer
À espera da Neve

1ª edição

São Paulo
2019

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, distribuída ou transmitida por qualquer forma ou qualquer meio, incluindo fotocópia, gravação ou outros métodos eletrônicos ou mecânicos, sem a prévia autorização por escrito da autora.

A violação dos direitos autorais é crime estabelecido pela Lei nº 9.610/98, punido pelo Artigo 184 do Código Penal.

Esta é uma obra de ficção criada pela autora.

Qualquer semelhança com a realidade é mera coincidência.

Título original: À espera da neve

Capa: G. Schiefer

Imagem: Depositphotos

Revisão: Milena Nones

Catálogo na Publicação (CIP)
Ficha Catalográfica feita pelo autor

S332i Schiefer, Gisele Maluf, 1982

À espera da neve / Gisele Maluf Schiefer. 1 ed. - São Paulo - S.P.
Esta é uma edição da autora, 2019

1. Ficção. 2. Ficção Nacional. 3. Romance. 4. Romance Nacional.

I. Título. II. Autor

CDD: B869

CDU: 82-31

Para minha mãe, que sempre me diz para comer verduras.

Sumário

[Sinopse](#)

[Prólogo](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Epílogo](#)



Luciana é meiga, solidária e muito amável, porém ela tem dificuldades em se relacionar. Nunca foi de ter amigos, muito menos namorados. Por isso, ela é uma jovem que cresceu acostumada com a solidão.

Tudo piorou na adolescência, quando sofreu uma traição da sua prima e única amiga. Machucada, ela se fechou para a vida, principalmente para o amor; não se relacionou com mais ninguém, acreditando ser incompatível com tal sentimento.

Porém, a vida é uma caixinha de surpresas!

Bem que a sua vizinha maluca previu em um ritual de litomancia: “Quando ele te convidar para brincar, você saberá que a ele o seu coração poderá entregar”.

Cética, ela ignora a profecia e se mantém fechada ao mundo, até que uma mensagem anônima abala suas estruturas e a faz sonhar.

Venha rir e se emocionar com Luciana, a doce menina que sonha em ver a neve.



Eu tenho a sensação de que não nasci para o amor.

É como se eu fosse uma peça de Lego defeituosa que não se encaixa a ninguém.

Será que existem mesmo pessoas incompatíveis com o amor ou será que eu apenas não tive a sorte de encontrar a minha cara-metade?

A minha falecida avó dizia que toda panela tem sua tampa, mas talvez eu seja diferente... Talvez eu seja uma frigideira ou a tal peça de Lego com defeito.

Capítulo 1

Esfrego o rosto com ambas as mãos e olho para o relógio na tela do meu computador. Ele marca quinze para às seis da tarde e percebo, então, como o dia não rendeu. Preciso entregar um projeto gráfico ao qual fui contratada para criar até o próximo mês, mas no momento estou sem inspiração.

Sigo para a cozinha e me sirvo de uma xícara de café. A voz da minha médica surge na minha mente me dizendo para não ingerir cafeína após as 18 horas, mas ainda tenho quinze minutos. O líquido desce pela minha garganta e me aquece como um abraço apertado. Estava mesmo precisando de uma pausa.

Ainda não estou satisfeita com o meu projeto. Falta alguma coisa que eu não identifiquei o que é. Talvez se eu distrair a minha cabeça eu tenha um *insight*, quem sabe?

A campainha toca.

— Oi, mãe — digo ao abrir a porta.

— Filha, você está bem? — Ela me examina preocupada, sempre acreditando que algo aconteceu.

— Tudo bem — falo convicta, para não haver dúvida, caso contrário, dona Nanci não vai me deixar em paz. — O que faz aqui?

— Estava por perto e resolvi fazer uma visita. — A mesma desculpa de sempre. — Algum problema?

— Claro que não. — Abraço minha mãe com carinho. — Cadê o

papai? Por que não veio com a senhora?

— Samuel está na casa dos seus tios — ela caminha até a cozinha e coloca uma sacola de compras em cima da mesa —, combinamos um carreado hoje à noite e, daqui sigo direto para lá. Você bem que podia vir comigo — ela insinua enquanto retira alguns legumes de dentro da sacola.

— Você precisa parar com essa mania de encher a minha geladeira — digo enquanto a ajudo, guardando as compras no eletrodoméstico.

— Não finja que não me ouviu, Luciana! — ela adverte. — Você precisa sair de casa e ver gente. Dê uma chance a Paula, ela é uma boa garota.

Paula. Este é o nome da minha prima. Filha da irmã da minha mãe. É a pessoa mais falsa que eu conheço.

Como duas pessoas com o mesmo sangue podem ser tão diferentes? Eu não me refiro apenas à aparência, mas principalmente à personalidade.

Eu sou tímida, de poucos amigos, nunca consegui conviver em grupo, mesmo na escola. Já ela, espalhafatosa, loira natural e sem um pingote de gordura no corpo, sempre foi o centro das atenções. O que tem de linda, tem de maldosa. Seu maior *hobby* é humilhar e espezinhar os outros, se julgando superior por causa da sua aparência e popularidade.

— Ela não é e nunca foi uma boa menina! — digo pela milésima vez.

— Luh, você está implicando com coisas antigas, que aconteceram quando vocês eram crianças. Ela cresceu e amadureceu, assim como você. Deixa de ser rancorosa — ela pede chateada e isso, de certa forma, mexe com meu coração.

Eu sei que a minha mãe não vai desistir dessa ideia. Ela e minha tia são, além de irmãs, melhores amigas e eu compreendo a sua expectativa em ver Paula e eu da mesma forma, porém não vai acontecer. Nunca.

Estou disposta a provar, pois ela não irá sossegar até enxergar com os próprios olhos a verdadeira face da sua querida sobrinha.

— Tudo bem, mãe — tomo a minha decisão —, mas quero que saiba que essa será a minha última tentativa e que se ela me magoar de novo, nem a senhora e nem ninguém me obrigará a chegar perto daquela cobra novamente.

— Obrigada, filha. — Ela beija meu rosto com carinho. — Você não vai se arrepender.

Ah, dona Nanci... a senhora não sabe o quanto está enganada.



Está escurecendo quando estaciono o carro na frente da casa dos meus tios. Há anos que eu não venho aqui e tudo parece igual desde a última vez. Isso não é bom, pois é como se nada tivesse mudado de fato.

Eu bem que gostaria de acreditar que a Paula realmente mudou e amadureceu como a minha mãe insistiu em afirmar mais cedo, porém é difícil imaginar uma coisa dessas. Pessoas como ela, que sentem prazer em praticar o mal, raramente mudam. Está enraizado, faz parte da sua personalidade, do seu caráter e, para ser diferente, algo de muito significativo tem que acontecer para causar tal transformação.

Estar aqui me faz recordar o seu aniversário de 17 anos.

Estávamos todos reunidos e nós, os familiares, planejamos uma festa surpresa para ela, dessas que qualquer adolescente adoraria receber. Planejamos um churrasco na beira da piscina, o dia estava lindo e todos os nossos amigos da escola foram convidados. Sim, nossos amigos. E digo isso porque como temos a mesma idade e estudávamos na mesma escola, tínhamos muitos amigos em comum, incluindo o Gustavo. Ele era o sonho de qualquer garota, inclusive o meu. Eu era loucamente apaixonada por ele e Paula sabia, é claro. Naquela época eu ainda confiava nela e, apesar de eventualmente perceber o seu caráter duvidoso, eu era sua prima, afinal. Acreditava que comigo ela jamais seria assim. Mero engano.

Naquele dia ela me humilhou da pior forma possível, partiu meu coração em mil pedaços e me destruiu para sempre.

Ela planejou tudo com antecedência, e o fato de ela ser extremamente linda e os garotos estarem sempre aos seus pés, facilitou muito as coisas para o seu lado.

Com um sorriso radiante ela me chamou em um canto da casa, longe dos ouvidos alheios e disse que o Gustavo estava me esperando na casa de máquinas. Veja bem: para uma adolescente apaixonada, essa notícia é melhor do que ganhar na loteria e eu estava radiante como nunca achei que fosse possível.

Chegando lá, percebi que a sala estava toda escura e estranhei. Ela me incentivou a ir em frente, a entrar naquela sala mesmo estando completamente insegura. Ela me disse que as coisas eram assim, que isso era normal, que aconteciam dessa forma e eu acreditei, pois não tinha nenhuma experiência. Nunca havia beijado na boca antes, então como é que eu iria saber como os encontros funcionavam? Com um empurrão, ela me jogou para dentro da casa de máquinas e fechou a porta atrás de mim.

Estava um breu, eu não enxergava um palmo na frente do nariz. Comecei a tatear o ar buscando algo para me orientar, até que senti duas mãos em mim. Fui puxada pela cintura e nossos corpos ficaram colados.

— Gustavo, é você? — perguntei envergonhada, sentindo meu coração pulsar dentro do meu peito. Eu estava tão feliz por estar ali e saber que o garoto dos meus sonhos finalmente seria meu. Era surreal. Eu mal podia esperar por seu beijo apaixonado.

— Shhh... — A resposta veio seguida de beijos melecados no pescoço.

Não era isso que eu estava esperando, será que era normal?

Com certo desespero ele continuou lambeado meu pescoço e enfiando a língua dentro do meu ouvido e, sinceramente, eu não estava gostando

daquilo. Não foi isso que eu imaginei quando sonhei com o meu primeiro beijo.

— Ei, devagar aí! — empurrei-o para trás.

Ignorando o meu comentário, ele me abraçou e me segurou firmemente nos seus braços; sem que eu percebesse, ele abriu a parte de cima do meu biquíni e quando dei por mim, estava nua da cintura para cima.

Bastou. Empurrei-o com força desta vez, tampando meus seios com o braço, mesmo estando escuro e sabendo que ele não poderia enxergar nada.

— Chega, Gustavo — gritei —, devolve o meu biquíni agora!

Eu esperava receber um beijo romântico, palavras de carinho, e o que recebi foi apenas falta de respeito. Fui tratada como uma qualquer e, para piorar a situação, ele começou a rir e chamou pela Paula, que logo abriu a porta, deixando a claridade entrar junto com a minha humilhação.

Ambos riram muito, então ele passou por mim balançando a peça do meu biquíni na mão e abraçou a minha prima.

— Só você para me convencer a fazer esse tipo de coisa — ele olha de relance para mim e sua expressão não é amigável —, está me devendo uma noite, gata.

— É só marcar — ela responde e eles se beijam bem na minha frente. Era um beijo assim que eu queria ter recebido.

Ela olha para mim com desprezo e sai, me deixando sozinha, seminua e com lágrimas nos olhos.

Meu coração foi partido duas vezes. Uma por Gustavo, que brincou com os meus sentimentos por ele, e outra por Paula, que quebrou a minha confiança e mostrou o quanto a nossa amizade e o nosso laço de sangue não valem nada para ela.

Para voltar para casa, eu teria que passar pela festa na piscina, então eu permaneci ali, sozinha, agachada no canto daquela sala úmida e fria,

esperando todos irem embora e rezando para que ninguém fosse me procurar, o que realmente não aconteceu.

Já era madrugada quando eu consegui voltar para o quarto e me vestir. Não passaria a noite naquela casa por nada no mundo. Fui embora e não voltei mais. Até hoje.



Estou começando a achar que estar aqui novamente é uma péssima ideia. Todas as lembranças vividas aqui em minha última visita estão sendo revividas, trazendo à tona sentimentos ruins que eu custei a superar e que pensando bem, talvez não tenha superado de fato, afinal.

Engulo a frustração de estar onde eu não quero, levanto a minha cabeça e sigo em frente. Olho para a minha mãe, que está ao meu lado, e lembro da promessa que fiz a ela; e como sou uma mulher de palavra, não vou dar para trás agora.

Ela sorri e me incentiva a algo que sabe que é difícil para mim: bater na porta. Instantes depois ela é aberta.

— Oh, meu Deus! — Paula se joga para cima de mim, me abraçando como se eu tivesse voltado de uma longa viagem e nada de mais tivesse acontecido. — Você conseguiu, tia!

Permaneço com meus braços abaixados ao lado do meu corpo e não retribuo o seu cumprimento caloroso, e ao perceber, ela se afasta sem graça e desfaz o seu abraço.

— Olá, querida — minha mãe beija o rosto da sobrinha e, sem perceber, eu franzo o nariz em desgosto —, já começaram?

— Não, tia — ela responde a minha mãe e me olha de soslaio. — Venha, estão esperando pela senhora. — Ela dá um passo atrás e libera a porta para podermos entrar.

Nesse instante o meu celular apita com a notificação de uma mensagem, mas eu ignoro, pois com certeza não é nada importante. Deve ser propaganda da minha operadora de telefonia móvel.

Minha tia Naomi é a primeira a me ver chegar. Ela se levanta rapidamente da mesa de jantar, onde há várias cartas de baralho espalhadas, e vem ao meu encontro.

— Luciana — seus olhos brilham pelas lágrimas que estão se formando —, bem-vinda de volta, minha querida! — Ela me abraça com carinho. — Senti tanto sua falta!

E verdade seja dita, eu também senti sua falta. Minha mãe e ela são muito parecidas e é impossível não amá-la também.

— Obrigada, tia. Senti sua falta também — digo com sinceridade.

— Não se afaste de nós outra vez... — ela pede com tristeza.

— Se depender de mim, não. — Olho para a minha prima que assiste à cena sem demonstrar qualquer reação ou sentimento. É difícil saber o que está passando na sua cabeça e, para ser sincera, não estou muito interessada em saber.

A noite está sendo relativamente agradável, apesar da presença constante da minha prima no mesmo ambiente que eu. Estava mesmo com saudade dessa interação familiar e da companhia dos meus tios. Paula mantém certa distância e eu acho isso ótimo, pois facilita a minha estada aqui.

Minha mãe e minha tia, danadas como são, armaram uma situação para que Paula e eu jogássemos juntas uma partida de tranca, provavelmente ansiando a nossa reaproximação.

Primeiro minha mãe pediu para eu assumir o seu lugar, dizendo que iria ao banheiro. Logo em seguida foi a vez da minha tia, que usou a desculpa que iria preparar um café, colocando a Paula em seu lugar.

Agora estávamos frente a frente na mesa de jogo e a situação está muito desconfortável. Não trocamos nenhuma palavra, pois eu realmente não tenho vontade. Olhar para a criatura na minha frente está sendo muito difícil; e fazer isso pela minha mãe, para satisfazer um desejo seu, talvez me cobre um preço alto demais. A minha gastrite está dando as caras e eu não vejo a hora de ir embora.

Durante o jogo meu celular apita novamente e dessa vez eu decido olhar. Será uma ótima desculpa para não encarar a minha queridíssima prima.

“Já estamos no campo e só falta você.”

Vejo que essa é a primeira de duas mensagens, então sigo para a próxima e leio:

“Anda logo, Felipe! Se não chegar em dez minutos, começaremos sem você!”

Eu não uso foto no meu perfil do aplicativo de conversa, então resolvo avisar a pessoa que ela está enviando mensagem para o número errado.

“Desculpe, mas esse celular não é do Felipe.”

Coloco o celular no bolso e faço a minha jogada. Faço duas canastras e descarto a minha última carta, pegando o morto. Sinto uma leve satisfação de estar à frente da Paula e sorrio orgulhosa.

O jogo continua e meu celular apita novamente.

“Para de graça, Felipe! Anda logo, porque os rapazes não aguentam mais esperar.”

Enquanto meu pai, que está sentado ao meu lado na mesa, faz a sua jogada, eu digito:

“Olha, eu sinto muito, mas aqui não tem nenhum Felipe! Por favor, confira o número do seu amigo, pois ao contrário de você, o meu

jogo já começou e você está atrapalhando!”

Está na vez da Paula, porém eu não presto muita atenção. Estou imaginado a cara do infeliz ao ler a minha mensagem pouco amigável. Poxa vida, eu avisei que era engano e a pessoa continua insistindo, que saco!

Na vez do meu tio, ele bate e pega o morto também, enquanto meu celular apita mais uma vez.

“O que está jogando?”

Eu não acredito, é sério isso?

“Tranca.”

Respondo, pois afinal de contas, a minha conversa com o desconhecido está mais emocionante do que o jogo na minha frente.

A resposta não demora a chegar:

“O jogo de cartas? Quem joga isso nos dias de hoje?”

Sorrio achando graça. Realmente, não conheço mais ninguém que se interesse por cartas.

“Minha família e eu.”

Desligo o celular, deixando a conversa para lá, pois está na minha vez de jogar. Desço todas as cartas que estão na minha mão para os seus respectivos lugares e bato mais uma vez, vencendo a partida. Levanto da mesa orgulhosa e me despeço de todos. Para mim já deu e eu só quero ir para casa.

E é exatamente o que eu faço.

Capítulo 2

Acordo assustada na manhã seguinte, pois o alarme do meu celular não tocou e eu me lembro que desliguei o aparelho durante o carteado e esqueci de ligá-lo novamente, então o faço agora.

Ainda bem que meu corpo está condicionado com o horário de acordar e graças a isso não estou atrasada. A vantagem de trabalhar em casa é que eu não tenho que me preocupar com o trânsito de Florianópolis, mas tenho muito trabalho a fazer e não posso me dar o luxo de dormir demais.

Penso no projeto que tenho que elaborar e fico desanimada. A ideia não surge e quanto mais penso a respeito, pior é. Tenho que desenvolver uma mascote para uma marca de sorvete e nada vem à minha mente. Preciso ter calma, paciência e a cabeça tranquila para desenvolver uma ideia bacana, fugindo dos tradicionais pinguins e geladeiras, porém com os últimos acontecimentos será um pouco difícil.

A noite de ontem foi tão estranha... Estar na companhia da Paula depois de tantos anos me deixou inquieta. Não confio nela e, apesar da opinião da minha mãe sobre o fato de ela ter mudado, irei manter meus olhos bem abertos, pois sei que ela é ardilosa e manipuladora; na frente da família parece uma santa, mas é exatamente o oposto.

Decido esquecer isso por enquanto, pois preciso trabalhar, encarar o dia e não quero começar com o pé esquerdo.

Depois de uma xícara de café, estou sentada na frente do meu computador diagramando um livro de uma autora nacional. Adoro trabalhos como esse, pois além de ganhar dinheiro, sou presenteada com histórias incríveis.

Meu celular apita e as lembranças do jogador anônimo vêm à minha mente junto com uma pitada de ansiedade, desejando que seja uma mensagem dele. Devo estar muito carente de amigos para desejar algo assim. Sacudo a cabeça, tentando espantar esses pensamentos e me concentrar no meu trabalho, mas meus olhos me traem a todo instante, fugindo da tela do computador para a tela do celular ao lado do teclado. A curiosidade finalmente me vence e eu cedo à tentação, deslizando meu dedo na tela do aparelho, fazendo com que ele ganhe vida.

“Fale à vontade por R\$ 9,90 por semana. Ative o plano semanal e ganhe um bônus de R\$ 2 para ligações de qualquer operadora.”

Argh! Onde eu estava com a cabeça quando acreditei que pudesse ser o jogador anônimo? Fala sério, Luciana!

Jogo o aparelho longe e ele cai no assento do sofá, não sem antes quicar duas vezes e quase me fazer infartar, com medo de ele cair no chão e se espatifar, mas por sorte, ele para entre as almofadas. Era só o que me faltava, quebrar o meu celular por conta de uma loucura da minha cabeça.

A manhã passa depressa e, ao contrário do trabalho para a marca de sorvete, esse rende bem demais. Estou finalizando os últimos detalhes quando ouço um alvoroço no corredor do *hall* de serviço.

— Para com isso, Manoel — a senhora que mora no apartamento ao lado do meu, fala ao funcionário do edifício —, sou bem capaz de levar meu próprio lixo até a lixeira!

— Não é bom a senhora carregar peso, dona Madalena, deixa de ser teimosa — o rapaz fala com toda boa vontade e paciência desse mundo. — Ai! Não me bate!

Abro a porta e estou pronta para intervir, quando recebo um golpe certo de um guarda-chuva, direto no meu ombro.

— Ai! — grito de dor.

— Luciana, desculpa minha filha! — dona Madalena fala arrependida. — Era para acertar o Manoel.

— Poxa vida — reclamo chateada —, nem eu e nem o Manoel merecemos isso, ele só quer ajudar.

— Não sou inválida! — ela continua a resmungar. — Sou muito capaz de fazer minhas coisas sozinha!

— Dona Luciana, a senhora está sangrando — Manoel fala visivelmente chateado por eu ter me machucado.

Olho para o meu ombro e vejo um rastro de sangue escorrendo pelo meu braço e me dou conta do quanto está doendo.

— Oh! Me perdoa, menina! — dona Madalena implora com certo desespero. — Venha, vou lhe fazer um curativo.

Ela me arrasta para dentro do seu apartamento, e antes de fechar completamente a porta, resmunga algo como: “Fez que fez até conseguir... Agora leva a porcaria do lixo!”

O rapaz fica no corredor observando indignado a situação. Tudo o que ele queria era ajudar e no fim, ele acabou tomando uma bronca e eu com o ombro rasgado.

— Sente aí, querida — ela aponta para o sofá —, vou buscar o kit de primeiros socorros.

Enquanto aguardo a senhora voltar, observo a sua casa. É muito diferente da minha. Passa a impressão de casa de avó, e quase consigo ouvir o som da máquina de costura e sentir o cheiro de bolinho de chuva. Apesar dos móveis antigos e da decoração ultrapassada, tudo é muito limpo e aconchegante, dando-me a sensação de lar. Fico imaginando como foi a sua vida e se ela foi feliz.

Ela volta com os apetrechos, senta-se ao meu lado e começa a limpar o corte com cuidado. Enquanto passa o algodão com a solução antisséptica,

eu observo seu rosto em detalhes. As rugas cobrem totalmente a sua face, fazendo-me acreditar que ela já passou dos 80 anos.

Volto meus olhos para o ambiente e percebo porta-retratos que não vi anteriormente. Neles há fotos dela mais nova acompanhada sempre do mesmo homem.

— Posso fazer uma pergunta pessoal? — pergunto com cuidado.

— Claro, filha — ela fala com carinho enquanto corta alguns pedaços de esparadrapos.

— A senhora foi casada? — Estou realmente curiosa.

Moramos uma ao lado da outra há mais de dois anos e nunca me interessei ou busquei saber sua história.

— Sim, fui casada durante sessenta anos — seu sorriso se ilumina —, até que meu João me deixou há cinco anos.

— Eu sinto muito — falo sem saber o que dizer.

— Não sinta — ela levanta os olhos e encontra os meus —, tive uma vida muito feliz ao lado do meu marido, mas o tempo passa para todos e a hora dele chegou.

Sorrio para ela também.

— Nossa, sessenta anos é uma vida inteira... — penso alto e ela ri.

— Me casei aos 17 anos, quando ainda era uma menina — ela suspira.

— A senhora se arrependeu de casar-se jovem? — questiono curiosa.

— De maneira nenhuma, naquela época era assim e nós não tínhamos outra opção. Éramos criadas para crescer, casar e ser uma boa esposa, e como eu era apaixonada pelo meu marido desde muito jovem, o dia em que ele me pediu em casamento foi o dia mais feliz da minha vida. — Ela cola o pedaço

de esparadrapo que recortou no meu corte, unindo as duas extremidades, formando um ponto falso. — Eu sinto falta dele, só isso.

Dona Madalena guarda tudo dentro da caixa do kit de primeiros socorros e eu acompanho cada movimento que ela faz enquanto reflito sobre o amor.

— Eu não me imagino vivendo uma vida como a da senhora — comento pensativa.

— Por que diz isso, menina? — Ela surpreende-se com o meu comentário inesperado.

— Eu não nasci para o amor — falo tristemente.

— Bobagem — ela balança a mão no ar, como se estivesse espantando uma mosca —, todo mundo nasceu para o amor, você apenas não encontrou a pessoa certa.

— Não concordo. Há pessoas que não sabem amar, e quando digo amar, me refiro ao amor romântico, desses que vemos no cinema. — Levanto-me do sofá e vou até o porta-retratos mais próximo, e nele, há uma foto de dona Madalena e seu esposo abraçados, quando ainda eram jovens, em frente ao Coliseu, em Roma. — Eu sou uma dessas pessoas. — Devolvo o objeto ao lugar.

Ela me olha confusa e pensativa por um tempo e já estou começando a sentir pena de mim mesma, quando ela finalmente diz:

— Quero fazer uma coisa por você. — Ela vai até o quarto e de lá posso ouvir ela falando. — Onde foi que eu coloquei?

Não ousou oferecer ajuda com medo de levar outro golpe do seu poderoso guarda-chuva. Rio sozinha ao imaginar.

Instantes depois ela volta com uma caixinha nas mãos, sussurrando para si mesma: “Quanto tempo desde a última vez”.

— O que é isso, dona Madalena? — interrompo os seus pensamentos,

chamando-a de volta à realidade.

— Isso aqui... — ela faz uma pausa, — você vai ver.

Sem entender, fico cada vez mais confusa quando a vejo arrumar a mesa de quatro lugares que ela tem na sala. Com passos lentos, ela cobre a mesa com uma toalha branca extremamente limpa e engomada, depois coloca dois castiçais com suas respectivas velas, um de cada lado.

— O que está fazendo, dona Madalena? — não me aguento de curiosidade, porém pergunto em vão, pois ela parece estar em um mundo paralelo, totalmente concentrada no que quer que esteja planejando.

Desisto. Apenas aguardo enquanto ela finaliza o processo metódico. Depois da toalha, das velas e incenso acesos, cortinas fechadas e sala à meia-luz, ela se senta em uma das cadeiras e aponta o lugar oposto, convidando-me a sentar.

Ela abre aquela caixa com tanto cuidado, que estou explodindo de curiosidade; e quando ela retira de lá várias pedras coloridas e alguns cristais, eu finalmente entendo.

— Dona Madalena, a senhora me desculpa, mas eu não acredito em nada disso. — Ela me cala com seu olhar de quem quer matar alguém, que no caso sou eu.

— Foi por esse motivo que eu parei — ela comenta rancorosa —, por causa de pessoas como você, que não respeitam a crença dos outros.

— Sinto muito — digo arrependida pela minha falta de sensibilidade —, não foi a minha intenção desrespeitar a sua... habilidade? — Não sei nem como nomear o que acontece na minha frente.

— Não permita que a sua ignorância ou falta de conhecimento lhe impeça de receber algo de bom. Isso aqui — ela aponta para as pedras — é litomancia, um dos mais antigos e autênticos métodos divinatórios. Heleno, o filho do rei de Troia, irmão da princesa Cassandra, previu, graças a um ritual de litomancia, a destruição da cidade por meio do famoso “cavalo de Troia”,

portanto, não subestime essa arte — ela fala séria e categórica.

— Tudo bem, me desculpe — digo envergonhada.

Pensando bem, que mal há?

No máximo eu daria umas boas risadas quando estivesse sozinha em casa.

Ela respira profundamente e parece se concentrar. Joga as pedras dentro de um círculo e começa a analisá-las.

— Você sofreu uma grande decepção — ela diz e ganha a minha atenção —, porém você deve esquecer, pois somente assim conseguirá seguir em frente — ela continua analisando as pedras coloridas. — Seu coração irá se apaixonar e de surpresa te pegar — ela ri baixinho.

Quando estou prestes a argumentar, ela levanta seu dedo indicador pedindo silêncio e impedindo a minha fala.

De repente, ela para de sorrir e olha para frente, para algo atrás de mim. A sensação que eu tenho é que estou dentro de um filme de terror e logo imagino a velhinha andando de quatro e subindo pelas paredes com a sua cabeça virada para trás.

Meu corpo todo se arrepia e eu não consigo desviar o olhar. Seus olhos estão arregalados e parecem sem vida.

— *Quando ele te convidar para brincar, você saberá que a ele o seu coração poderá entregar* — ela fala com uma voz que não é dela.

Com o susto, eu me jogo para trás, arrastando a minha cadeira no processo, que cai no chão, fazendo um barulho alto. Pode ser loucura da minha cabeça, mas a impressão que eu tenho é que esse barulho faz com que a dona Madalena desperte do seu transe.

— O que foi, minha filha? — ela pergunta sem entender a minha reação. — Por que está tão assustada?

Ando de costas até encontrar a parede.

Estou assustada e morrendo de medo do que acabei de presenciar.

Saio às pressas do seu apartamento e entro no meu, trancando a porta logo em seguida.

O que foi isso que acabou de acontecer?

Pego o telefone e disco.

— Mãe — chamo ansiosa —, posso dormir aí hoje?

Capítulo 3

Estou deitada no sofá da casa dos meus pais assistindo *Frozen*, o meu desenho animado favorito. Depois de tomar a canja que a minha mãe preparou especialmente para mim, decidi me distrair, e essa com certeza é a melhor forma de se fazer isso.

Cantarolo junto com a música:

“Você quer brincar na neve?

Um boneco quer fazer?

Você podia me ouvir

E a porta abrir

Eu quero só te ver

Nós éramos amigas

De coração

Mas isso acabou também

Você quer brincar na neve?

Não tem que ser com um boneco.”

“Toc-toc”: notificação de mensagem.

“Seu saldo é de R\$ 25,45. Recarregue em até cinco dias e ganhe

bônus de R\$ 10 para falar com telefone fixo de qualquer operadora.”

Senhor, dai-me paciência!

Coloco o aparelho na mesa de centro e volto a minha atenção para a televisão. Morro de rir com o boneco de neve, ele é o personagem que mais gosto e não é à toa que a capa do meu celular tem a sua imagem.

— Luh — minha mãe se senta no sofá, colocando os meus pés em cima das suas pernas —, eu amo ter você em casa, mas você não gostaria de me dizer o que aconteceu? — ela pergunta enquanto massageia meu calcanhar.

— Nada, mãe — digo simplesmente —, só não queria ficar sozinha.

— Há um motivo para isso? — ela insiste.

— Não... — penso se conto ou não sobre o episódio com a vizinha. — Você acredita em previsão do futuro? — arrisco uma abordagem mais leve.

— Estamos falando do que exatamente? — Ela franze as sobrancelhas e estranha o assunto levantado por mim. — Tarô?

— Litomancia — respondo insegura.

— Não conheço bem, mas já ouvi falar. É aquele que usa pedras, né? — ela questiona curiosa.

— Sim.

— Nunca tive nenhuma experiência com litomancia, mas teve uma vez, quando eu era jovem, que fui em uma cartomante e ela adivinhou que você estava chegando — ela sorri com a lembrança —, pois três meses depois eu engravidei.

— Bom, isso não diz muita coisa — pauso o filme, pois estou perdendo um pedaço maior do que eu gostaria —, vamos e convenhamos: engravidar não é algo incomum para que uma cartomante seja reconhecida como competente na arte de adivinhar.

— Isso é verdade, mas estou te contando como foi a minha única experiência em relação a esse assunto — ela dá de ombros e continua apertando os meus pés.

— Certo — suspiro alto. — Hoje a minha vizinha jogou pedras para mim — decido contar.

— E o que foi que ela disse que te deixou tão assustada? — Ela vira o corpo na minha direção e eu recebo toda a sua atenção.

— Não foi exatamente o que ela disse, e sim como ela disse... — explico da melhor forma que consigo. — Ela pareceu entrar em uma espécie de transe, como se tivesse sido possuída, foi horrível!

— Credo, Luciana! — ela ri alto. — Não... essas coisas não existem, filha.

— Eu também acho, mas que foi estranho, foi — digo enfim.

Aperto o *play* e termino de assistir ao filme na companhia da minha mãe.



A imagem da dona Madalena não sai da minha cabeça. Como vou dormir desse jeito?

“Toc-toc”: notificação de mensagem.

Convite para uma partida de tranca online. Aceitar ou recusar?

Mas o que é isso? Vejo que é o número do jogador anônimo, então sorrindo eu clico em aceitar.

Passamos a próxima hora jogando e depois de vencer com um placar de 3 x 2, o balão do chat do aplicativo pisca e na tela aparece a seguinte

mensagem:

“Nada mal”.

Como assim “nada mal”? Eu jogo tranca desde criança e posso afirmar com toda a certeza que eu jogo muito melhor que muita gente por aí.

“Digo o mesmo, você não ficou *tããã* para trás.”

“Que tal uma revanche?”

“Amanhã. Está tarde e eu preciso acordar cedo para trabalhar.”

“Tudo bem. Amanhã então... Boa noite.”

“Boa noite, jogador.”

Estou deitada na minha cama, repouso o celular no peito e suspiro feliz. O jogador me fez esquecer completamente o episódio maluco que vivi mais cedo e, enquanto jogávamos, não pensei sobre o assunto em nenhum momento. Agora estou tão relaxada que serei capaz de dormir bem, mas antes preciso fazer uma coisa que não fiz ainda. Abro o aplicativo de mensagem e busco por sua foto. Agora que ele foi adicionado aos meus contatos poderei ter acesso a sua imagem de perfil, e para a minha surpresa essa imagem é de um três de paus e um três de copas, símbolos da tranca.

Sorrindo, eu apago a luz do abajur e adormeço.



Acordo com o barulho alto que ecoa da cozinha. Sons de panelas e copos se misturam a vozes animadas demais para as seis da manhã.

Calço minhas pantufas, que são do meu boneco de neve favorito, e desço as escadas sem me preocupar com meus cabelos desgrehados e meu bafo de onça. Estou totalmente ciente dos olhares na minha direção quando eu entro na cozinha. O silêncio prevalece por alguns segundos,

provavelmente esperando alguma reação da minha parte, porém eu ignoro a presença de todos e sigo direto para a cafeteira, totalmente hipnotizada.

Meus pais já estão acostumados com esse meu velho hábito; sabem que não adianta falar comigo antes da minha primeira dose de cafeína e logo retomam o assunto com quem quer que esteja aqui.

O café desce pela minha garganta e meu corpo parece ganhar vida. Aos poucos vou me dando conta das pessoas ao meu redor e, então, vejo os meus tios e minha digníssima prima sentados à mesa tomando café da manhã em família.

— Bom dia. — Beijo a cabeça da minha mãe e do meu pai respectivamente. Sorrio para os meus tios e ignoro a pessoa ao lado deles.

— Bom dia, Luh — minha mãe fala contente. — Noemi veio cedo para contar a novidade: seu primo chegará da Argentina no fim de semana. Ele está voltando para o Brasil e abrirá um restaurante!

Lúcio, irmão da Paula, foi estudar gastronomia na Argentina e está voltando depois de quatro anos. Ele, ao contrário da irmã, é alegre, gentil e querido por todos. Suas histórias sempre chegam aos meus ouvidos, tais como as vezes em que pegou a comida que sobrava do restaurante em que fazia estágio, e que não poderia ser comercializada no dia seguinte, por estar fora dos padrões e considerada velha, porém muito boa, e saiu distribuindo para os moradores de rua da região; ou das vezes em que passava os fins de semana na cozinha da igreja preparando almoços comunitários.

Lembro bem de quando éramos mais novos e ele me protegia dos garotos e garotas que faziam *bullying* comigo no colégio, pois antes de eu usar aparelho, os meus dentes eram bem proeminentes. Ele assumiu o papel do meu protetor, como um bom irmão mais velho faria, principalmente no colégio, onde ele não precisava fazer o mesmo por sua irmã, então ele dedicava toda a sua atenção a mim. Com o tempo passei a me defender sozinha e fiquei feliz em ver o seu orgulho por isso.

— Isso é ótimo! — falo realmente contente. — Mal posso esperar para provar todas as receitas deliciosas que ele aprendeu durante esses anos.

— Eu também — Paula acrescenta como se eu tivesse falado com ela e não posso ignorar o sorriso satisfeito da minha mãe e da minha tia —, ele vai cozinhar por dias seguidos até a gente enjoar do seu tempero.

— Duvido que isso seja possível — minha mãe comenta —, ele já cozinhava maravilhosamente bem antes desse curso, agora deve estar fazendo milagres no fogão.

— Verdade — meus tios falam ao mesmo tempo e se entreolham sorrindo, compartilhando o mesmo orgulho por seu primogênito.

— Estou muito feliz com a notícia, tia. — Coloco minha xícara na lava-louça, mesmo não compreendendo o porquê minha mãe precisa de uma máquina dessas, pois lavar louça é uma tarefa simples. — Vou subir e tomar um banho, pois preciso trabalhar. Bom dia para vocês.

Saio da cozinha, mas antes de subir escuto a tia Noemi elogiando a atitude da filha.

— Muito bem, querida. Aposto que não foi tão ruim...

Reviro meus olhos sem acreditar no que acabei de ouvir.



Já estou vestida, mas ainda com a tolha na cabeça, quando saio do banheiro e encontro a minha mãe sentada na minha antiga cama, ao que parece, me esperando. Sorrio enquanto desfaço o aperto da toalha e solto os meus longos e loiros fios de cabelos. Ela, sem falar nada, apenas se aproxima e gesticula para eu me sentar. Ela pega a escova e começa a desembaraçar os meus fios como fazia quando eu era menina.

Uma sensação boa aquece o meu coração, faz um carinho na minha alma. Eu relaxo e aproveito o momento enquanto observo através da janela.

É outono. Os dias estão cada vez mais curtos e o sol demora mais para

nascer. As folhas caem das árvores, assim como os meus fios na escova. Já reparou como no outono cai o cabelo? A temperatura está cada vez mais baixa e logo a minha estação favorita chegará.

— Seu pai e eu vamos nos mudar — mamãe diz como se estivesse comentando o preço alto do supermercado.

— Mudar para onde? — pergunto surpresa com a novidade.

— Para o interior... Estamos pensando em Urupema. — Ela termina de pentear o meu cabelo e se senta na beirada da cama, com as mãos encolhidas entre as pernas.

Eu viro a cadeira de frente para ela e percebo sua insegurança com o assunto.

— E por que essa vontade repentina de se mudar para as serras catarinenses? — Eles nunca mencionaram a vontade de se mudar e muito menos para tão longe.

— Não é de agora, Luh — ela sorri, porém o sorriso não é radiante como se espera de alguém que tomou uma decisão tão importante —, essa é uma ideia que vem amadurecendo na cabeça do seu pai. Ele tem comentado constantemente em como seria bom diminuir o ritmo, levar uma vida mais tranquila, longe da correria de uma cidade grande ou em como seria maravilhoso cuidar de uma horta. Ele colocou a casa à venda há um tempo, como pesquisa de mercado para saber se haveriam interessados.

— Entendo — estranho a conversa jogada —, e por que você não parece feliz?

— Recebemos uma proposta ontem — agora entendo —, e pode parecer bobagem, sei que você é adulta, mas não gostaria de deixá-la sozinha, filha — ela fala com lágrimas nos olhos. — São 210 km daqui de Florianópolis e você poderia nos visitar nos finais de semana, mas...

— Mãe — interrompo o seu discurso descontrolado —, eu vou ficar bem.

— Tem certeza? — ela pergunta insegura.

— Claro — tento passar um pouco mais de confiança desta vez, mas não deixo de sentir um friozinho na barriga em imaginar eles tão longe de mim.

— Que bom — ela respira aliviada —, porque seu pai aceitou a proposta.

Ê lasqueira.

— Em quanto tempo irão se mudar? — pergunto em choque.

— Pedimos para o novo proprietário nos dar pelo menos um mês para que possamos nos organizar e procurar um novo lar. Ele aceitou, então na semana que vem iremos até Urupema nos encontrar com um corretor de imóveis que nos mostrará algumas opções.

— E se vocês não gostarem ou não encontrarem nada? — pergunto preocupada, afinal terão apenas poucos dias para resolver.

— Bom, temos um mês para isso, acredito que é tempo o suficiente para encontrarmos algo bom — ela responde, provando que a sua perspectiva de tempo é completamente diferente da minha.

— Tudo bem. — Fico imaginando como será essa mudança. — Urupema é conhecida como a cidade mais fria do Brasil, não é?

— Sim, e você irá amá-la por isso. Quem sabe não realiza o seu sonho de ver a neve? — ela sorri com amor e otimismo.

— Espero que sim — encerro o assunto sorrindo e imaginado como deve ser segurar um floquinho de neve nas mãos.

— Sua tia está organizando um jantar de boas-vindas para o Lúcio, você irá, não é? — Ela aceita deixar o assunto da mudança para um outro momento.

— Claro que sim, eu adoro o Lúcio. — Começo a guardar o meu pijama na mochila e me preparar para voltar para casa. — O coitado mal terá tempo de descansar e terá que pilotar o fogão para esse jantar, pois com certeza a tia vai pedir para ele cozinhar — comento achando graça.

— É o que ele mais gosta de fazer e duvido que se importará — ela dá de ombros. — De qualquer forma, já avisei a Noemi que a sobremesa é por minha conta.

— Justo. — Coloco a mochila nas costas, pego o meu celular, colocando-o no bolso de trás da minha calça jeans e beijo o seu rosto em despedida. — Obrigada por me acolher, mãe, eu já estou indo.

— Cuide-se, querida, e ao sair leve o lixo, por favor.

— Claro. — Desço as escadas e ela fica por lá, provavelmente organizando alguma coisa que eu possa ter esquecido.

Me despeço do meu pai e quando coloco o lixo na calçada para que a coleta da prefeitura retire mais tarde, me lembro da dona Madalena e da sua previsão maluca.

Respiro fundo e me obrigo a voltar para casa, pois mais cedo ou mais tarde terei que encará-la novamente.

Capítulo 4

Chego em casa e por sorte não encontro ninguém. Entro no meu apartamento tranquilamente, sem maiores problemas ou previsões malucas.

Tiro o meu casaco e o coloco no sofá. Vou para o meu quarto desfazer a mochila com meu pijama e pantufas, mas no caminho ligo o computador para que ele vá inicializando antes de me sentar para trabalhar. Gosto de otimizar o meu tempo e aproveitá-lo da melhor forma possível.

Depois de colocar a roupa suja para lavar e tomar o meu café, coloco o meu celular ao lado do teclado e ligo a tela do computador. Estou pronta para encarar meu dia. Decido começar pelos *e-mails*, e para a minha surpresa vejo na minha lista um dos nomes mais conhecidos entre as autoras nacionais em ascensão: Giolianna Cardozo. Clico nele para abrir a mensagem.

De: Giolianna Cardozo

Para: Luciana Diaz

“Bom dia, Luciana,

Tenho acompanhado o seu trabalho e adoraria que fizesse a capa e a diagramação do meu novo livro. Ele está registrado e segue em anexo para que possa me passar o orçamento.

Atenciosamente,

Giolianna Cardozo”

Ansiosa como sou, abro o anexo imediatamente e, sim, é ela mesma. Inacreditável!

Faço o orçamento com o valor que considero justo e logo sou respondida e, acredite: contratada.

Estou radiante. Meu nome aparecerá nas páginas iniciais junto aos colaboradores do próximo lançamento da Giolianna Cardozo. Isso é maravilhoso! Giro a minha cadeira, dando a voltinha da vitória e começo a trabalhar.

As primeiras horas do dia eu dedico às tentativas fracassadas de terminar a mascote da marca de sorvete. Eu realmente não entendo o meu bloqueio criativo quando se refere a esse trabalho, é frustrante.

Decido parar um pouco; não sairá nada daqui hoje, então não irei insistir dando murro em ponta de faca e perdendo horas preciosas do meu trabalho. Após o almoço irei me dedicar ao livro da Giolianna.

Estou na cozinha preparando uma massa rápida e escuto o familiar toc-toc do meu celular.

“Passando para lembrá-la da nossa revanche de hoje à noite. Um beijo e bom trabalho.”

Sorrio sozinha enquanto mexo o macarrão. Com a outra mão digito:

“Não esqueci. Bom trabalho para você também, beijos.”

Depois que enviei me dou conta que talvez possa ter me precipitado em dizer que não esqueci. Não quis passar a ideia errada de que estou esperando pelo nosso jogo. Bom, agora já foi. Paciência.

Passo o resto da tarde trabalhando no livro como eu havia programado e acredite se quiser, o enredo é sobre um casal que se conheceu virtualmente, em uma sala de bate-papo *on-line*. Meu coração dá uma cambalhota no peito, é muita coincidência... Não, é loucura!

Já é tarde quando decido dar o dia por encerrado e mal tenho tempo

de tomar a minha última xícara de café do dia, quando escuto o som de mensagem.

Convite para uma partida de tranca on-line. Aceitar ou recusar?

Aceitar, com certeza!

Me jogo no sofá e começamos a jogar.

Depois de apenas vinte minutos de jogo e um placar de 1 x 0 a meu favor, o balão do chat pisca e eu o abro.

“Podemos conversar?”

Estranho, mas decido brincar.

“O que foi? Cansou de perder?”

Segundos depois ele responde:

“Não é isso... Só quero conversar.”

A tela do jogo fecha, sinalizando que o oponente encerrou a partida. Logo o famoso toc-toc do *WhatsApp* ecoa pela sala.

“Vamos falar por aqui, é mais fácil que por dentro do jogo. Como foi o seu dia?”

Será que ele entendeu errado e acreditou que eu estava ansiosa por nosso jogo? O que é isso agora, por que ele está tentando puxar assunto?

“Estamos começando uma amizade, jogador?”

“Por que não? Você tem alguém na sua vida que se oponha a essa amizade?”

“Não, eu não tenho.”

“Eu também não.”

Essa resposta me deixa inesperadamente feliz, o que é um absurdo, eu sei, pois nem o conheço. Ele pode ser um assassino em série procurando sua próxima vítima ou um velhinho desdentado, como os amigos de bingo da dona Madalena, que está apenas passando o tempo e tirando um sarro da cara de meninas alheias.

A partir de agora, irei visualizá-lo como um senhorzinho sem dentes e muito enrugado, deitado em sua cama, vestindo sua meia de lã e tomando sua sopa de legumes enquanto joga tranca comigo, assim não haverá perigo de eu me envolver demais.

“E onde está a sua senhora?”

“Minha senhora? Não há senhora nenhuma...”

“Oh, sinto muito.”

Deve ter falecido a coitada.

Rio sozinha. Ele não deve estar entendendo nada e com certeza me achando uma maluca.

“Então, jogadora, me conta um pouco sobre você, quantos anos tem e o que faz da vida.”

Sinceramente é muito legal ter alguém para conversar, afinal de contas, eu sou uma pessoa muito sozinha. Com exceção dos meus pais e agora dos meus tios, com quem voltei a ter contato, eu não tenho mais ninguém. E quer saber? Eu sinto falta.

Sinto falta de jogar papo fora, de falar bobagens sem julgamento, de rir de idiotices de outras pessoas iguais a mim. Eu realmente sinto falta, mas será que posso abrir a minha vida a essa pessoa que mal conheço e que nunca irei conhecer? Bom, se eu nunca irei conhecer, que mal há? É só não passar nenhuma informação pessoal demais, porque o meu telefone ele já tem, é só olhar no perfil do aplicativo.

“Minha vida é bem sem graça, os meus 22 anos se resumem

basicamente a trabalho e a família. E a sua?”

Estou bem curiosa para saber um pouco mais sobre a pessoa do outro lado.

“Muito trabalho, com certeza. Você esqueceu de mencionar os jogos de tranca. E a propósito, tenho 28 anos.”

Vinte e oito anos, gostei! Oh, não... Foco no vovô desdentado.

“Família e jogos são a mesma coisa, estão completamente ligados um no outro.

A tela não demora a piscar com a sua resposta:

“Você trabalha no quê?”

Ele está sendo bem curioso, então serei também:

“Sou designer gráfica e você?”

Encaro a sua resposta por alguns segundos sem entender o que ele quis dizer.

“Sou um jogador.”

Que resposta é essa? Odeio charadas e se ele não está disposto a responder as perguntas, por que começou a conversar?

Jogador? É assim que eu o chamo e essa foi uma resposta bem evasiva. Frustrada, dou a conversa por encerrada.

“Boa noite, jogador.”

Levanto do sofá e vou tomar banho. Hoje o dia foi bem cansativo e estou sem ânimo inclusive para preparar o jantar, portanto, dormirei cedo. Chega de trabalho e de conversa fiada e sem sentido.



No dia seguinte me dedico exclusivamente ao livro da Giolianna Cardozo, pois o final de semana está próximo e gostaria de finalizá-lo antes dele chegar.

Trabalhei o dia todo, ignorando as mensagens do jogador. Ouvi o primeiro toc-toc e ao ver que era ele, coloquei o aparelho no modo silencioso e, sem ler a mensagem, voltei ao meu trabalho.

A leitura flui bem demais, como era de se esperar, mas o final foi inacreditavelmente surpreendente.

O casal não ficou junto como torci desde o início e durante toda a leitura. E sabe aquela sensação de leitor de que aquilo está errado e que definitivamente não pode ser assim, pois torceu o livro inteiro por eles para chegar no final e constatar que não deu certo? Isso foi demais para mim. Ignorando o meu profissionalismo, assumo o “modo leitora” e escrevo um *e-mail* para a autora.

De: Luciana Diaz

Para: Giolianna Cardozo

“Boa tarde, Giolianna,

Tudo bem?

Espero que sim, pois eu não estou nada bem... Isso mesmo! Não estou nada bem!

Como assim o casal não fica junto?

Veja bem, o meu trabalho já está pronto e segue em anexo, porém este é um e-mail da minha versão leitora, e como tal, quero dizer que estou chocada e sem saber como lidar com esse final.

Obrigada pela oportunidade de trabalhar com você, foi um prazer.

Luciana Diaz.”

Dez minutos depois ela responde, que rápido!

De: Giolianna Cardozo

Para: Luciana Diaz

“Querida leitora (rsrs),

Primeiramente, quero parabenizá-la por seu trabalho impecável. Sua disponibilidade e competência me conquistaram.

Agora vamos falar sobre o livro? Ele foi baseado em fatos que aconteceram comigo anos atrás. Peço que guarde essa informação para você, e só estou lhe contando para mostrar que a vida não é um conto de fadas e que nem todos os romances têm que ser também. Se eu não terminei com o mocinho, por que a minha protagonista tem que terminar?

Atenciosamente,

Giolianna Cardozo.”

O quê?

Porque sim, oras!

Porque é isso que se espera das histórias de amor. O mocinho e a mocinha se apaixonam, superam qualquer problema que possa aparecer no meio do caminho para que, no final, eles fiquem juntos.

Como não fico satisfeita com a sua resposta, envio um novo *e-mail* e,

quando dei por mim, ficamos amigas.

Gio é uma pessoa muito agradável, aberta e divertidíssima. Trocamos o número de telefone e logo estávamos nos falando pelo aplicativo de conversa do celular. Devido a isso, fui obrigada a encarar as cinco mensagens do jogador e outras três da minha mãe. Ignoro as do jogador e leio as da dona Nanci, que me lembrou sobre o jantar de boas-vindas do Lúcio amanhã. Respondo com um positivo e continuo a minha conversa com a Gio.

Descubro que temos muita coisa em comum, ambas somos librianas, gostamos de massa e adoramos azul.

Passamos a próxima meia hora discutindo sobre o polêmico final do seu livro e, para o meu espanto, ela me confessou que a sua ideia inicial era matar o coitado do protagonista, então encerrei o assunto antes que ela voltasse atrás com sua ideia maluca e absurda.

Eu estava adorando essa nova amizade e principalmente poder dar palpites no enredo do seu livro. Depois de muitas risadas, coisa que eu não sabia o que era há muito tempo, nos despedimos com a promessa de nos falarmos de novo.

Me sinto mais leve e feliz.

Capítulo 5

O fim de semana chegou e o meu primo também. O coitado mal havia desfeito as malas no dia anterior e já estava lidando com os preparativos do jantar de hoje à noite.

É sábado de manhã e a campainha toca. Minha mãe dispara a falar assim que eu abro a porta.

— Bom dia, meu amor. — Ela beija o meu rosto e passa apressada para a cozinha cheia de sacolas na mão.

— Bom dia, mãe — digo desanimada ao ver a quantidade de verdura que ela trouxe dessa vez. — Você sabe que eu não terei tempo de lavar e refogar todo esse mato, não sabe?

— Não diga besteira, Luciana! Você precisa se alimentar melhor, pois macarrão não tem vitaminas e vai acabar anêmica.

— O que faz aqui tão cedo? — pergunto e logo me arrependo, pois eu já sei a resposta.

— Eu estava passando aqui perto — dissemos juntas, porém o meu tom é de deboche e nós rimos por isso. — Você não precisa de desculpas para vir na minha casa — abraço-a com carinho —, vou sentir tanta falta disso quando você e o papai se mudarem...

— Eu também. — Ela me olha por um momento e seus olhos se enchem d'água. — Você não imagina o quanto.

Nos abraçamos novamente e mudamos de assunto, pois acredito que

nem eu e nem ela estamos prontas para falar sobre a mudança, afinal.

Depois de algumas xícaras de café e algum tempo de conversa, onde contei a ela sobre o meu trabalho com a autora Giolianna Cardozo, nós combinamos de nos encontrar na casa dos meus tios mais tarde. Eu não passaria para buscá-los, deixando que fossem com o próprio carro, pois prefiro estar livre para sair e ir embora caso as coisas fiquem terríveis demais para suportar. Quando se trata da Paula, eu sempre espero o pior, então preciso estar preparada.

Quando estou levando minha mãe até a porta para me despedir, damos de cara com a dona Madalena que está saindo do seu apartamento com algo nas mãos, coberto por um pano de prato. Ela vem direto na nossa direção e eu me apavoro. Fico tensa e minha mãe percebe, se aproxima de mim e passa o braço por trás das minhas costas de modo protetor.

— Bom dia, Luciana — ela diz simpática como sabe ser quando não está possuída por sabe-se lá o que —, como está o seu ombro?

— Ombro? — Minha mãe, preocupada como é, mira a sua atenção em mim e começa o interrogatório. — Que ombro? O que aconteceu? Por que não me contou?

— Calma, mãe! — digo. — Não foi nada, só um corte à toa.

— Um corte? — pergunta confusa. — Como se cortou?

— A culpa foi minha — dona Madalena intervém —, eu errei o golpe do meu guarda-chuva e acabei acertando a pobre menina.

Dona Nanci arregala os olhos completamente chocada com a maluquice daquela senhora e eu apenas dou de ombros conformada com a situação.

— E a senhora diz isso assim, como se fosse normal sair dando guarda-chuvadas por aí? — Eu sinto cada vez mais vontade de rir dessa situação absurda.

— Oh, não — ela lamenta —, por isso fiz esse bolo de cenoura como um pedido de desculpa. — Ela passa o prato para as minhas mãos. — Me perdoe, menina, por tudo.

Eu compreendo. O seu pedido de desculpas é pelo que aconteceu na sua casa.

— Ah, que amor! — minha mãe comenta completamente rendida aos encantos da minha vizinha.

Alimentar a filha desnutrida é o suficiente para conquistar o coração da dona Nanci, ainda mais um bolo de cenoura. CENOURA! Um vegetal rico em betacaroteno, fonte de fibras, minerais e vitaminas. Fala sério!

Agradeço a dona Madalena e me despeço da minha mãe. Volto para dentro do meu apartamento com um quilo de gordura corporal em forma de bolo entre as mãos.



A noite chegou rápido e estou me vestindo para o jantar.

Passei o dia inteiro ignorando as mensagens do jogador, mas agora estou me coçando para dar uma espiadinha antes de sair.

Não vou olhar.

Estou penteando o meu cabelo e meus olhos escapam constantemente do espelho para o celular ao meu lado.

Sai tentação!

Faço uma maquiagem leve, pois hoje é um dia especial. Quase nunca tenho a oportunidade de usar um rímel, então vou aproveitar.

Estou pronta quando, enfim, me rendo e pego o aparelho. Na tela inicial as mesmas cinco mensagens não lidas do dia anterior continuam ali e

então clico em cima para abri-las.

1ª mensagem:

“Não quer conversar?”

Conversar? Quem não quer conversar é você... Se quisesse mesmo conversar não teria dado aquela resposta evasiva e sem noção.

2ª mensagem:

“Podemos voltar a jogar, o que acha?”

3ª mensagem:

Convite para partida de tranca *on-line*: EXPIRADO

4ª mensagem:

“Ainda aí?”

5ª mensagem:

“Não sei o que aconteceu ou o que foi que eu fiz, mas espero que esteja bem. Eu só quis te conhecer melhor... Quem sabe em outro momento. Boa noite, jogadora, dorme bem.”

Essa última mensagem me deixa confusa e me dou conta de que talvez eu tenha sido radical demais, então digito:

“Me desculpa por ontem. Hoje tenho compromisso e não tenho hora para chegar, mas adoraria uma partida de tranca amanhã.”

Clico em enviar e vou para a sala pegar minha bolsa e a chave do carro. Quando estou abrindo a porta para sair, ouço o som da notificação de mensagem, então eu leio:

“Estarei esperando. Quando chegar, seja a hora que for, é só chamar. Eu tenho insônia.”

Saio de casa com uma estranha sensação de alívio. É como se tivesse feito as pazes de uma briga imaginária.

Estou mesmo ficando maluca.



Sou calorosamente recebida ao chegar na casa dos meus tios. Tanto minha tia Noemi quanto o meu tio Inácio me acolheram de volta à família de braços abertos. Paula me ignora na maior parte do tempo, principalmente quando não tem ninguém olhando, mas basta termos companhia para ela fazer questão de puxar meu saco ou comentar algo que eu disse. É inacreditável o tamanho da sua cara de pau.

— Cadê o Lúcio? — Estranho o fato de ele não ter aparecido ainda, sendo que eu já estou aqui há mais de dez minutos e ainda não o vi.

— Foi tomar um banho para “tirar o cheiro de alho do corpo” — tia Noemi imita a voz grossa do meu primo enquanto repete a sua fala.

Não consigo deixar de sorrir ao lembrar desse jeito palhaço do Lúcio.

— Dentucinha, é você? — Ouço sua voz antes dos seus passos na escada. — Uau! Cadê o bicho de goiaba que deixei aqui anos atrás?

— Lúcio! — Corro até ele e o abraço quando ele alcança o último degrau. — Que saudade!

— Oi, Luh! — Ele retribui o meu abraço e me levanta do chão como se eu não pesasse nada. — Caramba, como você está bonita!

— Está bonita, sim, mas precisa engordar — minha mãe resolve dar palpite na conversa.

— Para com isso, mãe — peço envergonhada e desfazendo o abraço

que dei no meu primo.

— Não liga para ela — ele sussurra para mim.

Rimos como quando éramos crianças e fazíamos travessuras.

— Não comecem a cochichar — minha tia diz achando graça.

— E aí? — Paula chama a atenção de todos e muda totalmente o foco da conversa. — Vão ficar aí de bajulação ou vão ajudar a pôr a mesa e servir o jantar?

— Eu já fiz a minha parte — Lúcio se joga no sofá e me puxa junto com ele, fazendo-me cair sentada ao seu lado —, agora é com você, irmã.

Lúcio quis saber de tudo, desde a minha vida morando sozinha, do meu trabalho e relacionamentos. Ele não acreditou quando contei que não estava namorando.

— Duvido — ele exclama —, uma moça tão bonita e independente não pode estar sozinha.

— Pois acredite — falo categórica —, você sabe que eu nunca tive jeito para essas coisas, Lí.

— O que eu sei é que aquela menina tímida e desengonçada do passado não tinha, mas olha para você agora, Luciana, por que continua fechada para a vida?

— Falou a voz da experiência... — debocho. — Vai me dizer que voltou casado e com família formada?

— Não, mas posso garantir que curti muito a minha morada em Buenos Aires. — Ele me dá um sorriso que daria inveja a qualquer galã de cinema.

Lúcio e Paula são fisicamente muito parecidos e o sucesso que ela faz com os homens, por sua beleza escandalosa, ele faz na mesma proporção com as mulheres.

— Disso eu não duvido. — Dou um tapa no seu braço, brincando com o seu jeito convencido.

— Venham, crianças — tia Noemi insiste em ignorar a nossa idade —, vamos jantar.

— Misericórdia — digo ao colocar a primeira garfada na boca —, que comida deliciosa!

— Aleluia! — minha mãe grita do outro lado da mesa e assusta todo mundo.

— Mãe... — cubro o rosto com a mão. — Que vergonha!

— Só o Lúcio para fazer uma lasanha de berinjela, que por sinal está de comer rezando, para você gostar de algo que preste, Luciana. — Ela levanta as duas mãos para o alto. — Obrigada, Senhor! Minha filha está comendo berinjela. Be-rin-je-la!

Todos riem do exagero da minha mãe menos eu, que estou me sentindo como uma criança de 4 anos de idade e o centro das atenções e das fofocas familiares.

— Ei — Lúcio me chuta por debaixo da mesa como nos velhos tempos e faz a foto que estou tirando do meu prato tremer. Vou enviar para a Gio e fazer inveja desse jantar maravilhoso —, vamos sair para dançar?

— Hum... acho que não. — Balanço a cabeça em negativa e tomo um gole do suco para molhar a garganta que, de repente, secou só em imaginar essa possibilidade.

Franzo o nariz em desgosto, sabendo o quão ruim seria.

— Vamos, dentucinha — ele me atíça —, você vai adorar. Quando foi a última vez que saiu para se divertir?

Os aniversários dos amigos da escola contam como noite de curtição?

— Não sei, não, Lú — penso em alguma desculpa, mas nada me vem na cabeça —, eu queria mesmo é jogar tranca — penso alto e já me imagino largada no sofá da minha casa, usando minha roupa de mendigo e jogando com certo jogador.

— Ótima ideia — meu pai se manifesta, você pode ser a minha dupla.

Ah, não... Não foi isso que eu quis dizer.

— Sai fora — Paula se levanta da mesa. — Eu topo sair com você, maninho — ela diz ironicamente, apesar de não ter sido convidada.

Minha mãe e minha tia se entreolham e posso até ver as engrenagens de suas cacholas funcionando.

— Deixem os jovens se divertir — minha mãe diz ao marido. — Nós, os velhos, ficamos com a tranca, enquanto eles saem juntos para dançar.

Ok. Mais uma tentativa de reaproximação entre Paula e eu.

Isso está ficando chato.

Capítulo 6

Sem opção, me vejo no meio da pista de dança de uma discoteca pela primeira vez na vida. Não me sinto confortável, a música alta me incomoda, as pessoas esbarrando em mim também. Será que sou tão insignificante a ponto de elas não me enxergarem no meio dessa multidão?

— Vem, vamos circular. — A mão do Lúcio me guia através das pessoas.

Recebo muitos olhares, mas não se iludam acreditando que são olhares masculinos. Não... São olhares de mulheres que possivelmente se perguntam o que um rapaz como o Lúcio faz com uma garota como eu. Os olhares transbordam inveja e passam a ser mais um item na minha lista de coisas insuportáveis da noite.

Paula nos segue como um encosto ou assombração. Não diz nada, mas a sua presença é constante.

— O que quer beber? — Lúcio pergunta no meu ouvido quando chegamos ao bar.

— Uma Coca-Cola — respondo aos gritos para conseguir ser ouvida.

— Um *Gin Coke*, por favor — ele faz o pedido ao *barman*.

— Lúcio, não foi isso que eu pedi. — Me viro para o rapaz que prepara a bebida, e quando vou corrigir o mal-entendido sou interrompida pelo meu primo.

— Se solta, Luh — ele passa a bebida para mim —, um *drink* não vai

te fazer mal, além do mais, sou eu que estou dirigindo, então relaxe!

Respiro fundo e sorrio. Estou tentando ser legal, afinal de contas, ele acabou de voltar depois de quatro anos longe da família. Seria egoísmo da minha parte ir embora sem dar uma chance de nos divertir, porém essa situação está bizarra demais.

Estamos os três no bar, sem dizer uma palavra há mais de dez minutos, apenas observando as pessoas dançarem. Se alguém me dissesse que eu estaria bebendo socialmente ao lado da peste, mandaria se tratar, pois no mínimo, estaria enlouquecendo.

E olha para mim agora: Lúcio está de um lado, trocando olhares e sorrisos com um grupo de garotas mais adiante; eu no meio, bebericando esse líquido de gosto estranho, e do outro lado a Paula, um poço de antipatia e arrogância, que hoje está parecendo mais um fantasma do que qualquer outra coisa, pois apenas segue e não fala nada.

Me sinto um pouco tonta.

— Vou me sentar um pouco — digo ao Lúcio —, por que não vai dançar enquanto descanso?

— Você está bem? — ele pergunta preocupado.

— Só não estou acostumada com bebidas alcoólicas, daqui a pouco passa.

Eu não quero estragar a sua noite, é a sua primeira saída desde que chegou e com certeza ele quer se divertir.

— Tudo bem — ele concorda inseguro —, mas qualquer coisa me chama, eu estarei por perto.

— Ok — ouço a voz da Paula um pouco distante —, eu fico de olho nela.

Bem ela... Olhos de cobra eu dispenso.

O que está acontecendo comigo?

Troco a bebida por uma garrafa de água, para que assim o meu organismo elimine o álcool do meu corpo.

Paula me olha feio quando eu bebo da garrafa. Me olhou feio, não foi? Já não sei mais, pois está tudo girando. Acho que vou vomitar.

Sem tempo para pensar ou mirar, um jato forte e certo sai da minha garganta direto para o vestido da Paula, que grita de nojo.

— Sua desgraçada — ela se olha, sacudindo ambas as mãos no ar, sem saber onde colocá-las para que não encoste no meu líquido visceral —, você me paga!

Eu não sei se rio ou se choro.

Com certeza ela merece algo pior que um simples vômito e seria algo engraçado se eu não estivesse me sentindo tão mal.

Ela sai apressada para o banheiro me deixando sozinha no bar. Não sei onde o Lúcio está e não tenho tempo de procurar antes de tudo escurecer.



O som repetido de um *bip* me acorda e eu sinto que a minha cabeça vai explodir.

Tudo é claro e branco demais para quem está de ressaca, mas afinal, onde estou?

— Ela acordou — ouço o som da voz da minha mãe e sou obrigada a fechar os meus olhos devido à intensidade da dor que sinto no momento —, graças a Deus!

— Não grita, mãe — peço e então percebo como a minha boca está seca e com gosto de cabo de guarda-chuva: seco e amargo.

— Eu não estou gritando — ela fala um pouco mais baixo, porém a minha cabeça lateja do mesmo jeito —, como você está se sentindo, meu amor?

— Com dor — esfrego a cabeça —, onde estou? — pergunto confusa, pois só lembro de tentar procurar pelo meu primo e tudo ficar escuro.

— No hospital — ela diz —, desde ontem.

— O quê? — Tento me levantar, mas definitivamente não consigo. — Como assim?

O jogador...

— Você foi drogada, Luh — ela conta chateada. — Alguém colocou Flunitrazepam^[1] na sua bebida e você apagou, mas graças a Deus, o Lúcio te socorreu a tempo e você está bem. — Ela afaga meu cabelo. — Não sabemos quem poderia fazer uma coisa dessas. A polícia foi acionada e disse que é um golpe muito comum com meninas da sua idade. Eles estão esperando você acordar para fazer algumas perguntas.

A enfermeira entra no quarto, aplica um medicamento no soro que está conectado ao meu braço e imediatamente fico com sono, mas antes de adormecer eu consigo dizer:

— Cadê o meu celular?



Acordo novamente e percebo que já é noite. Sei disso porque o quarto está à meia-luz e não há nenhuma claridade entrando através da janela.

— Mãe — chamo baixinho —, você está aí?

— Estou — ela responde tão baixo quanto eu —, como está se sentindo?

— Melhor. — Minha cabeça não dói tanto, está apenas pesada e dolorida. — Sabe cadê a minha bolsa?

— O Lúcio lembrou de pegá-la quando socorreu você — ela sorri com carinho ao lembrar da atitude heroica do sobrinho —, e eu guardei na gaveta do criado-mudo ao seu lado.

Sem demora eu estico o braço, pego minha bolsa e acabo enroscando a alça no tubo transparente do meu soro.

— Luciana, tenha cuidado! — Ela vem ao meu socorro.

— Preciso do meu celular — penso alto, pouco me importando com a bagunça que fiz.

— Tenha calma, criatura — ela adverte —, ou vai acabar se dando um nó.

Finalmente encontro o aparelho no mesmo momento em que ela me liberta do emaranhado, mas a minha alegria dura pouco, pois ao pegar o celular vejo que ele está sem bateria.

— Droga — exclamo irritada —, me diga que trouxe o carregador, por favor.

— Claro, filha — ela diz achando graça —, quando o Lúcio ligou dizendo que você estava inconsciente e que estava te trazendo para o pronto-socorro, a primeira coisa que pensei foi em pegar o carregador do celular, nada mais óbvio!

Levanto da cama e arrasto o suporte do soro comigo. Dou alguns passos para testar o meu equilíbrio, pois não sei até que ponto essas drogas mexeram com o meu organismo.

Parece tudo bem até agora, então sigo em direção à porta.

— Aonde vai? — ela pergunta e eu tenho a leve impressão que segura o riso.

— Vou atrás de um carregador. Alguma enfermeira poderá me emprestar.

Preciso falar com o jogador e contar o que aconteceu.

Já estou andando pelo corredor do hospital quando escuto a voz da minha mãe:

— Você sabe que a sua bunda está de fora, não sabe?

Oh, pelo amor de Deus... Que vergonha!



Depois do que me pareceu uma operação de guerra, pois pelas regras do hospital é estritamente proibido o empréstimo de bens pessoais entre funcionários e pacientes, consegui amolecer o coração de uma das enfermeiras que finalmente me emprestou o carregador, mas não sem antes me fazer jurar de pé junto que não contaria a nenhuma de suas colegas de trabalho. Eu nunca faria isso, jamais colocaria o seu emprego em risco.

Trago o meu traseiro exposto e congelado para debaixo das cobertas e coloco o aparelho para carregar na tomada ao lado da cama.

— Vamos dormir, Luh — minha mãe pede com aspecto cansado —, já está tarde.

— Eu já vou, mãe, preciso mandar uma mensagem antes — explico.

— Tudo bem, apague a luz quando terminar. — Ela beija meu rosto e vai se deitar no sofá. — Boa noite.

— Boa noite.

Eu sei que não é seguro manusear o aparelho enquanto ele está conectado na tomada, mas estou inquieta e preciso avisar o jogador que não

esqueci dele, e sim, houve um incidente. Sou uma pessoa de palavra e pensar que possa ter alguém que esteja pensando o contrário, seja lá quem for, me incomoda.

Ligo o aparelho e me sinto um pouco decepcionada ao ver que não há nenhuma mensagem, absolutamente nada. Até a minha operadora de telefonia móvel me esqueceu, mas o que eu esperava? Encontrar mensagens dele perguntando por mim? É, acho que sim... Mas o combinado foi eu mandar mensagem quando eu chegasse e, tecnicamente, eu ainda não cheguei.

“Oi, jogador, só para avisar que eu ainda não voltei.”

Encaro o aparelho por alguns instantes, porém tenho total consciência do horário. O relógio marca 00h53m e depois de cinco minutos de espera eu desisto e coloco o aparelho no criado-mudo. Tento pegar no sono e nada. Passei tanto tempo sedada por conta do que aconteceu que, sinceramente, eu não sei se irei conseguir dormir. Estou completamente sem sono.

Toc-toc.

“Não quero parecer intrometido, mas se não voltou para casa, onde está?”

Aproveito a deixa para brincar.

“Deitada em uma cama que não é minha e nua por baixo de uma camisola que deixa o meu bumbum de fora.”

Acho que exagerei na brincadeira, pois ele não responde. Deve estar em choque, então decido consertar.

“Estou no hospital.”

“Você me assustou, duas vezes... Você está bem?”

“Agora estou. Parece que fui premiada com o famoso ‘boa noite, Cinderela’ em minha primeira saída para dançar.”

“Me parece que você combina mais com jogos do que com a

dança. Fico feliz que esteja bem.”

“É, parece que sim. Estou mais para uma nerd do que para uma dançarina, com certeza.”

“Que bom, porque eu prefiro as nerds.”

E dessa vez é ele quem me deixa sem fala.

Capítulo 7

Meu sono foi tranquilo, pois por incrível que pareça, eu dormi.

Falar com o jogador tem o incrível poder de me acalmar e relaxar; é como receber uma massagem na alma, realmente muito estranho.

A nossa conversa foi maravilhosa, nos conhecemos melhor, porém deixamos nossos nomes em segredo. Não foi nada combinado, apenas não sentimos a necessidade de dizer, ainda. Talvez esse mistério faça o nosso relacionamento mais interessante, pelo menos por enquanto.

O policial responsável pela investigação veio me visitar e fez inúmeras perguntas, mas eu não vi e nem percebi nada de errado durante a nossa saída, então não tive muita coisa a dizer. Sei que tanto a Paula quanto o Lúcio também responderam suas perguntas e que as imagens das câmeras de segurança foram solicitadas, assim como o depoimento do *barman*. Eu só quero que o responsável seja punido e não faça mal a mais ninguém. Não quero nem imaginar o que teria acontecido comigo caso o Lúcio não estivesse lá para me ajudar... Possivelmente eu teria sido roubada, violentada ou até pior, morta.

O jogador me fez prometer que jamais deixaria o meu copo sozinho de novo, mas lembrando da noite com cuidado, eu posso garantir que isso não aconteceu. Desde que fui servida, o copo esteve na minha mão, e talvez eu possa ter me distraído em algum momento e alguém se aproveitou da situação para colocar a substância na minha bebida sem que eu percebesse. Basta apenas um segundo, uma falta de cuidado, para que pessoas mal-intencionadas se aproveitem de você. Ele pareceu genuinamente preocupado e isso tocou o meu coração, pois ele nem me conhece, e mesmo assim deseja o meu bem. Eu desejo o mesmo a ele.

Recebo alta do hospital e vou para casa. Estou bem, na verdade é como se nada tivesse acontecido.

— Você tem certeza de que pode ficar sozinha? — minha mãe pergunta insegura. — Seu pai e eu partiremos amanhã cedo para Urupema ver casas para comprar, e eu não estou completamente segura de deixá-la aqui — ela explica.

— Vá tranquila — afirmo —, estou ótima. Prometo não sair novamente pelos próximos dias — beijo meus dedos em sinal de juramento —, mesmo porque eu preciso trabalhar, correr atrás do prejuízo e de todo o atraso por conta dos dias em que estive hospitalizada.

— Tudo bem — ela diz rendida —, mas irei pedir para o Lúcio ficar de olho em você.

— Para com isso, dona Nanci, eu não sou mais criança — falo chateada com o exagero de cuidado —, qualquer problema eu ligo, prometo.

— Está bem, me desculpa, filha. — Ela me abraça. — Eu só morro de medo que algo aconteça com você, eu te amo.

— Eu também te amo.

Ela volta para casa e eu finalmente posso me concentrar no trabalho. Ligo a cafeteira, o computador, coloco o celular ao lado do teclado e vou tomar um banho, assim estarei pronta para encarar o dia ou o que resta dele, já que passamos da hora do almoço.

Começo a trabalhar. Adianto alguns projetos, concluo outros, mas o fantasma da mascote da marca de sorvete ainda assombra os meus pensamentos. O prazo está acabando e eu começo a sentir o peso da responsabilidade nos ombros.

Toc-toc.

Sinto um geladinho no meu estômago ao ouvir esse som, mas ao pegar o celular me dou conta de como sou boba. É a Gio e sorrio ao ler a sua

mensagem.

Ela me enviou uma foto da sua máquina de massa caseira com o macarrão saindo por ela. Logo abaixo os dizeres: “Espero que se afogue com a água da sua boca, assim como eu quase me afoguei quando me enviou a foto da sua lasanha de berinjela”.

Caio na gargalhada, ela é hilária! Eu ligo tudo o que estou fazendo e vou até a cozinha para procurar um canudo, e não demoro a encontrá-lo, coloco água em um copo e sopro o ar para dentro enquanto gravo um áudio com o aplicativo de mensagem. Ficou perfeito. O verdadeiro som de quem está se afogando e morrendo de rir, o envio juntamente com a mensagem:

“É uma pena que essa massa não caiba em um envelope.”

Gio é de São Paulo e eu sou de Florianópolis, portanto, temos que brincar com a distância e nos divertir com isso, afinal sabemos que a nossa amizade é assim e não existe problema nenhum nisso.

“Falando em envelope, deve chegar um para você a qualquer momento.”

“Me deixou curiosa.”

“Aguarde e verás.”

“Beijos, Gio.”

“Beijos, Luh.”

E de fato, no final do dia eu recebo um envelope da Gio com marcadores e mimos do seu novo livro.

Com certeza ela fez o meu dia mais feliz.



Depois que dou o dia de trabalho como encerrado, fico em dúvida do que fazer durante o resto da noite; não sei se leio meus livros ou se coloco minhas séries e filmes em dia.

Sento-me no sofá com a minha cumbuca de macarrão instantâneo nas mãos e, minha mãe que me perdoe, mas depois da foto da Gio, eu fiquei com vontade de massa. Como está muito frio, não há nada mais gostoso do que me aconchegar no sofá com uma comida quentinha e as cobertas em cima das pernas para passear pelo catálogo da *Amazon Prime* e *Netflix*, porém meia hora depois eu me canso e já com a cumbuca vazia, desisto de procurar por algo para assistir e decido pegar o meu *Kindle*.

Eu amo ler, não é à toa que escolhi diagramar livros, pois assim posso lê-los também. Escolho um entre os nacionais disponíveis no meu plano de assinatura e embarco em mais uma aventura. Perco a noção do tempo e só paro quando ouço o som que vem do meu celular.

Toc-toc.

Borboletas voam pela minha barriga.

Foco do prato de sopa e no jogador de bingo, de BINGO, Luciana!

“Como você está?”

“Estou bem e você?”

“Bem, já recebeu alta?”

“Sim, estou em casa.”

Ele demora a digitar, como se estivesse pensando no que escrever, então, eu apenas aguardo.

“Posso te ligar?”

Ai, caramba, e agora?

“Eu não sei, acho que não me sinto preparada para isso,

desculpa.”

Falar através de mensagens é uma coisa, ouvir a voz da pessoa é outra, pois o envolvimento emocional passa a ser maior. E qual seria o próximo passo? Um encontro? Definitivamente não. Está perfeito demais para estragar.

“É só uma conversa.”

“Se é só uma conversa, podemos continuar com as mensagens.”

“Podemos, mas eu gostaria muito de conhecer a sua voz.”

É possível que as novas e indesejadas inquilinas do meu estômago possam me levantar do chão, me fazendo levitar contra a minha vontade? Estou começando a ficar preocupada.

“Eu não acho uma boa ideia.”

“Por que não?”

“O que pretende com isso, jogador?”

“Sinceramente, eu não sei. O que eu sei é que você é uma das poucas pessoas com que gosto de conversar; é puro, sem interesse e me parece sincero. Espero não estar enganado.”

“Não, você não está.”

“Quero propor um acordo: eu respondo uma pergunta, qualquer uma, e você me deixa te ligar. O que acha?”

Uau! Essa é uma proposta realmente tentadora se levarmos em conta que eu posso perguntar qualquer coisa, mas eu não preciso pensar muito, pois sei exatamente o que eu quero saber. É algo que está me incomodando e não sai da minha cabeça desde que aconteceu.

“Fechado. Me responda: por que naquele dia, quando eu te perguntei no que você trabalha, foi evasivo me dizendo que é um

jogador, usando a forma que eu te chamo como resposta?”

A decorative banner for Chapter 8. It features a blue and white background with a pattern of snowflakes. The text "Capítulo 8" is written in a large, elegant, cursive script in a light blue color, centered on the banner.

Capítulo 8

“Acha que foi isso que eu fiz? Que fugi da resposta?”

“E não foi? Então, que resposta foi aquela?”

“Eu sou um esportista profissional, sou mesmo um jogador; não de tranca ou outro jogo *on-line*, mas na vida real.”

“Isso é sério?”

A resposta foi mesmo ao pé da letra? Bom, como eu poderia adivinhar?

“Sim, mas esse é um assunto que eu gostaria de deixar para depois, se não se importar.”

“Eu não me importo, na verdade eu só queria ter esclarecido o mal-entendido.”

“Esclareceu?”

“Sim.”

“Posso te ligar?”

“Pode.”

Minhas mãos estão tremendo tanto que eu agradeço a Deus por ser apenas um telefonema, pois se fosse um encontro de verdade, eu jamais conseguiria, não sem passar uma vergonha gigantesca.

O telefone toca e eu fico encarando-o por um momento.

São tantos medos que passam pela minha cabeça nesses poucos segundos, como a possibilidade de ele não gostar da minha voz, me achar sem graça ou simplesmente do encanto acabar depois que ele falar comigo. Penso rápido e acredito que se tudo tiver que desmoronar, melhor que seja agora.

— Alô — atendo com timidez.

— Boa noite, jogadora.

Pelas barbas do Profeta, que voz é essa?

— Droga! — exclamo alto e chocada. — Juro que estava tudo sob controle até agora, mas você estragou tudo!

Ouçó o seu riso baixo do outro lado da linha e logo depois ele diz:

— Posso saber como e o que exatamente eu estraguei? — ele pergunta divertido, totalmente consciente do efeito que a sua voz tem nas mulheres.

Ele fez de propósito, pilantra! Não vou me render aos seus encantos, não vou mesmo!

— Bom, eu costumava te visualizar como um amigo da minha vizinha de 80 anos, assíduo jogador de bingo e tomador de sopa; mas agora, ouvindo a sua voz, será um pouco difícil continuar com a minha imaginação — explico.

— Fico imensamente feliz em estragar o seu plano de não se envolver.

— Quem disse que esse era o meu plano? — Empino meu nariz, mesmo sabendo que ele não pode ver, e não dou o meu braço a torcer.

— Ué, por que faria isso se esse não fosse o seu objetivo?

— Ok, você me pegou — me rendo.

— Prometo ir devagar no que quer que esteja acontecendo entre nós...
— ele deixa a pergunta no ar.

— Luciana — respondo e volto a ficar tímida.

— Luciana — ele repete de um jeito tão doce que eu nunca havia achado o meu nome bonito, até agora —, muito prazer. Eu me chamo Mark.

— Mark — é a minha vez de testar o som que seu nome faz ao sair da minha boca —, o prazer é meu.

E lá está, aquele riso baixo e tímido, que é ao mesmo tempo doce e terno e faz com que as minhas borboletas fiquem alvoroçadas dentro da barriga.

Suspiro alto.

— Adorei conhecer esse pedacinho de você, Luciana — ele se refere a minha voz.

Cada palavra que ele diz é como se me puxasse cada vez mais fundo para esse redemoinho de emoções aqui dentro de mim. É muito assustador saber que posso estar alimentando sentimentos por uma fantasia e que na realidade as coisas podem ser bem diferentes.

— Eu também gostei, e sinceramente, isso me assunta um pouquinho — explico com carinho —, e por isso, vou cobrar a sua promessa de ir devagar e pedir para encerrarmos a nossa conversa... por hoje — acrescento esse detalhe importante.

— Tem tanta coisa que eu gostaria de saber sobre você... — ele lamenta —, mas teremos tempo. — Ele respeita e aceita o meu pedido.

— Sim, nós teremos — concordo.

— Foi um prazer, Luciana. — Parece que a *jogadora* ficou

definitivamente para trás. — Boa noite.

— Boa noite, Mark.

Faço o mesmo com o *jogador*. Agora ele tem um nome e uma voz e ambos são suficientes para abalar as estruturas do meu inexperiente coração. Não quero nem imaginar quando ele passar a ter um rosto. Será que eu consigo sobreviver a isso e ainda estar inteira no final?

Desligo o telefone imaginado as mil e uma combinações físicas para aquela linda voz. Talvez seria mais fácil eu pedir uma descrição ao invés de imaginar, mas irei devagar; uma coisa de cada vez.

Adormeço feliz com a conquista de hoje.



Ligo a cafeteira e permaneço em frente ao eletrodoméstico apenas observado o café cair na jarra de vidro. Acompanho gota por gota, enquanto lembro da minha conversa com o Mark na noite passada.

Ele foi tão gentil e educado que não parece real, e é disso que eu tenho medo; dessas fantasias que criamos ao imaginar algo ou alguém que não conhecemos ou podemos ter realmente. É como um personagem literário, cada leitora imagina de uma forma diferente, molda-o de acordo com as suas expectativas e sonhos; e quando buscamos um grande amor, mesmo que sem querer, projetamos na pessoa essas fantasias.

O café continua a pingar e o cheiro invade o ambiente, me reconfortando. Respiro fundo, absorvendo todo esse aroma que eu adoro; é como um carinho na alma, como as minhas conversas com o Mark. Lembro de quando eu estava passando a noite na casa da minha mãe e estava com medo da situação que eu vivi com a dona Madalena; e eu tive essa sensação de conforto e aconchego ao conversar com ele. Se ele pudesse ser associado a um cheiro, com certeza seria ao do café.

Sorrindo feito uma boba, eu me sirvo de uma xícara e me preparo para começar o dia; e quando estou me sentando diante do meu computador, o meu telefone toca.

— Oi, mãe — atendo com carinho —, bom dia.

— Bom dia — ela fala esbaforida —, estamos saindo agora e ligamos assim que chegarmos em Urupema.

— Boa viagem, mãe. Diga ao papai para ele dirigir com cuidado — aconselho.

— Pode deixar, um beijo!

— Beijo.

Desligo o telefone com o coração apertado e preocupada com a estrada que é bastante perigosa. Peço mentalmente a Deus que os proteja.



O dia segue tranquilo e eu coloco praticamente todo o meu trabalho em dia. Digo isso, porque a mascote da marca de sorvete está me tirando do sério. Não é possível que nada que eu faça pareça bom o suficiente. Já sei! Preciso de uma segunda opinião, então imprimo todas as minhas tentativas frustradas e coloco-as dentro de uma pasta, pego as chaves do meu carro, a minha bolsa e saio pela porta do meu apartamento. Cruzo o corredor e toco a campainha da dona Madalena.

Ela abre sorridente.

— Olá, querida — ela cumprimenta educadamente.

— Olá, dona Madalena, a senhora quer almoçar comigo hoje? — sorrio simpática e torço para que ela aceite o meu convite.

— Que supressa boa. Entre, estou preparando uma abobrinha

recheada de cair o queixo. — Ela abre mais a porta e me dá passagem.

Entro no seu apartamento e imediatamente me arrepio toda com as lembranças da última vez que estive aqui.

— Na verdade eu gostaria de almoçar em um restaurante — explico franzindo o nariz com a possibilidade de comer abobrinha —, a senhora pode se arrumar que eu espero. É por minha conta.

Ela sorri satisfeita.

— Que ótimo! Vou desligar o fogo e me trocar. — Seu rosto se ilumina com o convite inesperado e eu fico feliz por ter lhe dado essa alegria, afinal, ela não deve ter muitos momentos como esse.

Depois de quinze minutos, a senhora volta do seu quarto toda emperiquitada, com sua blusa florida e cabelos penteados. Nos lábios, um batom rosa bem clarinho e nas bochechas um pouco de *blush*, que dão a ela um aspecto mais saudável.

É a minha vez de sorrir; e penso que talvez eu poderia ter me arrumado um pouco melhor. Ela fez do nosso passeio um evento importante, o que para ela deve ser mesmo; eu não me dei conta disso. Quando saí de casa, foi no impulso egoísta de resolver um problema meu e não pensei que aos olhos dela fosse diferente. Estendo o meu braço para ela e digo:

— Está pronta?

— Prontíssima.

Mudo de ideia e, ao invés de levá-la ao restaurante por quilo próximo de casa, sigo para um restaurante melhor e mais apropriado para a ocasião. Farei valer a pena, nem que seja para vê-la feliz, o que me deixará feliz também.

Trinta minutos depois estamos sentadas em uma mesa de uma cantina italiana muito boa que, às vezes, trago os meus pais. A comida é maravilhosa, mas o que eu realmente gosto daqui é a decoração, que de fato é um

espetáculo à parte. Em um ambiente à meia-luz e cercadas por plantas e árvores, nos sentimos dentro de uma floresta, no qual tudo fica mais real com o som ambiente, que reproduz fielmente o barulho da mata.

— Esse lugar é incrível! — ela comenta.

— Sim, é mesmo — concordo. — Eu adoro vir aqui e faço-o sempre que posso ou surge uma oportunidade.

— Me diga, criança, por que me trouxe aqui? — ela questiona, estranhando o fato.

— Nada especial, eu apenas queria companhia para o almoço — dou de ombros —, e gostaria de uma opinião sobre um projeto que estou trabalhando — sorrio insegura.

— Anda, me mostre logo. — Ela aponta para a pasta.

Abro-a e lhe passo os papéis, que ela observa com bastante atenção.

— É para uma sorveteria? — pergunta curiosa, sem desviar os olhos do meu trabalho.

— Quase... — dou de ombros novamente. — É para uma marca de sorvete.

— Não sei se sou a melhor pessoa para te ajudar com isso, mas todos me parecem muito bons. Qual é o problema com eles?

— Eu não sei... — faço uma careta, totalmente desgostosa com o resultado de todos eles. — Parece que falta algo, um *tcham*, sabe?

— Hum... — ela observa com atenção —, todos são bonitos, não vejo qual é o problema. O que as outras pessoas disseram quando viram?

— A senhora foi a única pessoa para quem eu mostrei — digo simplesmente.

— Oh — seus olhos se iluminam e suas rugas ficam mais evidentes

—, que honra, menina! Fico muito feliz que tenha confiado em mim para isso, mas acredito que não sou a melhor pessoa para lhe aconselhar. O que posso dizer é que, se eu fosse tomar um sorvete, certamente iria gostar desses desenhos na embalagem.

Sorrio feliz, pois era exatamente isso que eu gostaria de ouvir.

Almoçamos em paz e fico cada vez mais contente com a alegria da doce senhora. É como se ela não fizesse nada parecido há séculos e fico me perguntando o que ela faz para se divertir, se é que faz, ou se está apenas esperando a sua hora chegar, o que seria horrível!

Então, faço desse momento o mais feliz possível e, quando a deixo na porta do seu apartamento, vejo nos seus olhos que tudo valeu a pena.

Vou para casa satisfeita, mas ainda com o meu “grande abacaxi” para resolver.

Falo com meus pais e sei que eles chegaram bem em Urupema. Se instalaram em uma pousada e estão ansiosos para começar a visitar os imóveis à venda.



Está escurecendo quando ouço o meu celular: toc-toc.

Deve ser ele.

Pego o aparelho e leio a mensagem.

“Oi, Luh, chegamos agora na pousada e vimos quatro casas. Uma delas descartamos na hora, pois precisava de muita reforma; a outra era bonita, mas o dono está em uma disputa judicial com o irmão e o inventário está enrolado; as outras duas estão no páreo. Uma delas me chamou a atenção por ter um jardim enorme na frente, onde poderei plantar flores e colocar meus anões decorativos e as plaquinhas escrito “bem-vindos ao lar”; e um quintal tão grande quanto, nos fundos, onde

seu pai poderá fazer a horta que tanto quer e ainda sobrará espaço para uma churrasqueira.”

Do jeito que eu conheço dona Nanci, o imóvel já está escolhido.

Sorrio ao imaginar os dois jantando juntos, tomando um bom vinho, discutindo os prós e os contras de cada casa e fazendo planos para o futuro. Me sinto bem em saber que eles são felizes e que, ao contrário da dona Madalena, ainda buscam novas experiências e a felicidade.

Respondo a sua mensagem dizendo que mal posso esperar para saber o que eles decidiram. Ela me diz que muitas casas serão vistas durante essa semana, mas assim que uma delas for escolhida, eu serei a primeira a saber.

Aperto o botão lateral do meu aparelho, escurecendo a tela, mas continuo olhando para ele e adormeço pensando se o Mark vai ou não me ligar.

Infelizmente, ele não ligou.

Capítulo 9

Por que ele não me ligou?

Ele não disse que iria ligar...

Será que aconteceu alguma coisa, ou será que ele apenas não quis falar comigo?

Será que devo mandar uma mensagem?

Não... Acho melhor esperar.

E eu esperei.

Esperei...

Nada.

Meu telefone toca e na imagem aparece a foto do Lúcio.

— Alô — atendo com sono.

— Oi, dentucinha — ele cumprimenta animado —, tenho uma ótima notícia.

— O que é? — Não pareço tão animada como ele, mas fiquei curiosa.

— Vamos sair hoje à noite. — Não foi uma pergunta.

— Não vamos, não — respondo mesmo assim.

— Vamos, sim! — Ele se anima mais um pouco. — Tem um amigo meu chegando da Argentina e ele passará alguns dias aqui na cidade, então preciso de companhia.

— Não quero sair, Lúcio, primeiro que eu não falo castelhano, segundo que eu prometi para a minha mãe que ficaria em casa. — Uso a desculpa mais esfarrapada do mundo, pois apesar de eu ter mesmo prometido, sou maior de idade e faço o que bem entender.

— Sem essa, Luh, você sabe muito bem que aos olhos da tia Nanci, se você está comigo, está com Deus — ele exagera na comparação, mas eu entendo o que ele quer dizer, pois de fato é mesmo assim —, e a propósito, ele fala português.

— Lúcio — tento me livrar mais uma vez —, não quero sair, principalmente com um desconhecido. Você sabe que eu não nasci para socializar.

— Por isso mesmo, ele é igual a você — meu primo insiste e eu estou ficando sem saída. — Vamos, Luh, ele é um amigo importante.

— Caramba, Lú, odeio quando você usa chantagem para conseguir o que quer.

— Pego você às nove — ele desliga sem me dar a chance de negar.

— Tchau para você também... — digo sozinha.

Toc-toc:

“Desculpa não ter enviado uma mensagem ou ligado ontem à noite, mas tive um compromisso e estava impossibilitado de usar o celular.”

Ele não esqueceu, apenas não conseguiu falar comigo. Meu coração acelera a tal ponto que parece que vai saltar pela boca.

Suspirando, eu digito uma resposta.

“Oi, sem problemas. Eu fiquei trabalhando até tarde e nem percebi.”

Mentira! Eu esperei tanto que acabei dormindo com o celular entre as mãos, mas ele não precisa saber desse detalhe vergonhoso.

Ele demora a responder e eu me pergunto se ficou chateado com a minha resposta. Então, poucos minutos depois, o meu telefone toca e vejo o seu número na tela.

— Oi — digo sem graça.

— Não percebeu, tem certeza? — O riso mais perfeito do mundo ecoa através do meu celular.

Eu nunca vou me acostumar com essa voz. Cada vez que a escuto, é como se o som entrasse pelos meus ossos, me fazendo arrepiar.

— Tenho — insegura, continuo mentindo.

— Não sei o porquê, mas eu não estou acreditando na sua resposta, Luciana. — Ele joga sujo ao pronunciar o meu nome de forma tão provocativa.

— Hum — finjo pensar —, talvez seja porque você é muito convencido — provoco.

— Creio que esse não seja o motivo — ele continua.

— Então, por quê? — dou corda para a brincadeira, pois estou adorando esse jogo.

— Bom, talvez tenha sentido a minha falta — ele arrisca —, pelo menos um pouquinho.

— Talvez — ouço o som alto de vozes e imagino que ele está em um lugar público, cheio de pessoas, como um *shopping* ou algo assim; e aproveito para mudar o foco da minha resposta, pois não estou preparada para a sua reação à minha confissão —, onde você está?

— Estou a caminho de casa — ele não responde de fato —, vou entrar no táxi agora, posso te ligar quando chegar?

— Tudo bem. — Não insisto, respeitando a sua privacidade.

— Até já — ele se despede.

— Até — desligo com uma sensação de vazio e de quero mais.

Mal tenho tempo de lamentar, pois instantes depois meu telefone vibra com sua mensagem.

“Qual é o seu sonho, Luciana?”

Nossa, que pergunta... Ele poderia ter me perguntado a cor dos meus olhos ou a do meu cabelo; a minha altura ou até mesmo o meu peso, coisa que eu jamais responderia, claro; mas ele perguntou o meu sonho e eu não sei o que pensar sobre isso.

“Ver a neve.”

“Quem sabe um dia possamos ver a neve juntos.”

“Quem sabe...”



As nove em ponto toca o interfone.

— Boa noite, dona Luciana — Manoel cumprimenta educadamente —, seu primo Lúcio está aqui e pede para a senhorita descer.

— Obrigada Manoel, estou indo.

Verifico o celular uma última vez e nada, nenhuma mensagem ou ligação perdida. Pareço uma adolescente obcecada e penso que eu preciso me

controlar.

— Oi, Luh! — Lúcio me aguarda encostado no seu carro e sorri abertamente ao me ver.

— Oi — digo simplesmente.

— Se anime! — Ele me abraça com carinho. — Prometo que nada de mal irá te acontecer.

— Não estou preocupada com isso, acho que aprendi a lição — dou de ombros —, mas não gosto quando me forçam a fazer coisas que eu não quero — finjo estar brava.

— Você vai adorar o passeio — ele sorri —, tenho certeza.

— Tudo bem.

— Vamos — ele abre a porta do passageiro e me ajuda a entrar no carro —, temos uma reserva no melhor restaurante da cidade.

— Por que não me disse isso antes? — digo animada enquanto ele fecha a porta e anda até o lado do motorista, rindo da minha reação.

— Porque seria fácil demais — ele debocha ao colocar o rosto na sua janela, pois sabe que eu passei a tarde inteira brava à toa. — Meu amigo nos encontrará lá.

— Fale um pouco desse amigo — peço quando ele entra no carro, pois não quero chegar sem saber pelo menos o básico e dar uma bola fora.

— Nos conhecemos na Argentina, há alguns anos, quando eu ainda estava estudando. Ele jantou no restaurante em que eu trabalhava; adorou a comida e pediu para chamar o *chef*, pois queria parabenizá-lo.

— E o *chef* era você — arrisco.

— Exatamente — ele sorri orgulhoso —, depois ele pediu algumas dicas de lugares para visitar e outros restaurantes e nos tornamos amigos.

— Simples assim?

— Simples assim.

— Ele não me parece antissocial — comento.

— E não é... — Ele me olha de soslaio para só depois voltar a sua atenção para a rua à nossa frente — É apenas reservado.

— Vai ser um jantar animadíssimo — digo ironicamente, pois acredito que será exatamente o oposto.

Seguimos em silêncio até o restaurante.



Estamos sentados na mesa há quase quinze minutos, mas isso se deve ao fato de Lúcio e eu termos chegado adiantados.

O garçom me serve uma Coca-Cola bem gelada em um copo com uma rodela de limão. Lúcio ri da minha escolha, porém não diz nada, afinal, ele também aprendeu uma lição naquela noite: não se meter na escolha da minha bebida.

Estou constantemente olhando para o meu celular e ele percebe.

— Esperando alguma ligação? — pergunta com um sorriso maroto nos lábios.

Percebendo o quanto eu estou sendo patética, tento disfarçar.

— Não, estou apenas conferindo as horas — dou de ombros —, estou morrendo de fome e seu amigo não chega.

— Sei... — ele brinca com a situação ao ver o meu rosto corado pela vergonha. — Marquei às 21h30m, então ele deve chegar a qualquer

momento.

— Por que tão tarde? — pergunto despreocupada, apenas por curiosidade.

— Ele pediu que fosse assim, pois acabou de desembarcar e quis um tempo para ir para casa, tomar um banho e trocar de roupa.

— Ele não é argentino? — Estou confusa.

— Não, ele trabalha na Argentina, mas está de férias. Sua família é daqui de Floripa.

— Ah, entendi.

Meu celular vibra e quando eu olho para o aparelho vejo uma mensagem do Mark.

“Podemos nos falar mais tarde? Surgiu um compromisso.”

Sorrindo eu respondo:

“Claro, sem problemas.”

Melhor assim, pois quando eu falar com ele, quero estar longe de olhos curiosos.

Lembro da presença do meu primo na mesa e ao encará-lo, percebo que está sorrindo.

— Errei por pouco! — ele comenta divertido. — Não era uma ligação que você estava esperando, e sim uma mensagem. — Arregalo os olhos surpresa com a sua conclusão. Está tão óbvio assim? — Anda, me conta: quem é ele?

— Ninguém importante — minto.

Fico aliviada quando meu primo muda o foco da conversa.

— Ele chegou — Lúcio olha para a porta atrás de mim e sei que ele se refere ao amigo argentino que estamos aguardando.

Sou tímida e não sei como agir em momentos como esse. O que diz a educação? Eu acompanho o olhar do meu primo ou permaneço imóvel esperando o sujeito entrar no meu campo de visão?

Opto pela segunda opção e aguardo.

Lúcio levanta-se da cadeira para receber o seu amigo em pé, porém eu permaneço sentada. Instantes depois surge um homem ao lado da mesa.

— Hey! — ele diz ao Lúcio.

Eles se abraçam como dois amigos que não se veem há muito tempo e o som dos tapas nas costas que ambos dão um no outro me faz encolher as minhas, por puro reflexo. Homens...

Aproveito o momento para avaliar o amigo. Alto, elegante, cabelo castanho-escuro e bonito, muito bonito. Falei cheiroso? Sim, muito!

Vestindo uma calça jeans e camisa polo, o sujeito exala autoconfiança.

— Luciana, esse é o meu amigo Caco. Caco, essa é a minha prima Luciana — ele nos apresenta formalmente. — A Luh está nos presenteando coma a sua companhia hoje, tenho certeza de que você não se importa.

— De maneira alguma. — Ele estende a mão para mim e, ao me cumprimentar, me surpreende com um beijo na mão, como costumavam fazer antigamente. — É um prazer conhecê-la, Luciana.

— O prazer é meu — abalada, retiro rapidamente a minha mão da dele, porém sem ser mal-educada.

Caco senta-se conosco e mesmo sentado ele é pelo menos uma cabeça maior que o meu primo.

Ele nos conta que chegou agora da Argentina e que por hora ficará na

cidade. Está de férias e irá aproveitar para visitar seus pais e amigos, enquanto não tem planos do que fará quando voltar ao trabalho.

— No que você trabalha? — Minha curiosidade supera a minha timidez.

Lúcio e ele se entreolham brevemente antes de ele responder, sorrindo:

— Trabalho com cavalos.

— Uau, que máximo! — digo animada. — Você monta?

— Sim, todos os dias — ele diz sorrindo e seu sorriso forma duas covinhas, uma em cada lado da sua bochecha.

Me pego pensando no meu jogador e em como ele é. Será que ele é tão bonito assim, como esse amigo do Lúcio, ou será que sua beleza está mais próxima do comum? Na verdade, eu não sei se me importo tanto com isso, mas que seria incrível, seria.

Capítulo 10

Caco passou a maior parte do jantar nos contando sobre seus cavalos, de como eles são especiais e bem-cuidados. Nos ensinou sobre as diferentes raças e mencionou a sua paixão por um puro-sangue inglês em especial, chamado Apolo.

É lindo ver o carinho com que ele fala dos seus animais e isso me encanta.

— Você já andou a cavalo? — Caco me pergunta em certo momento.

— Nunca — lamento ao responder —, sempre tive vontade, mas nunca a oportunidade.

— Se as oportunidades não surgem, nós as criamos — ele diz animado e olha brevemente para o Lúcio, que discretamente concorda com um movimento de cabeça. — Temos que ir em busca das coisas que almejamos e não passar a vida esperando que elas aconteçam. Se quer montar, vamos montar!

— Nossa — rio da sua empolgação contagiante —, eu posso saber como e onde faremos isso?

— No Haras Vilalobos — ele sorri abertamente, fazendo com que as suas covinhas apareçam novamente —, neste final de semana.

— Por mim tudo bem — Lúcio concorda prontamente. — Vamos, Luh — ele me atíça —, podemos almoçar por lá.

— Vamos! — digo tão animada quanto ele e não deixo de reparar e

estranhar a minha empolgação. — Posso levar uma amiga?

Lúcio me encara confuso, possivelmente tentando entender de quem eu estou falando, pois sabe que eu não tenho quase ninguém. Quase.

Caco franze as sobrancelhas e eu entendo por seu gesto que ele não gostou muito da minha ideia, então eu corrijo:

— Eu vou entender se tiver algum problema... — tento mostrar que não ficarei chateada com a sua recusa.

— Não é isso... É que eu procuro evitar a companhia da Paula — Caco diz inseguro.

— Paula, a minha prima? — pergunto chocada com a menção descabida ao seu nome, enquanto ele apenas concorda com uma expressão de quem pede desculpa. — Deus me livre!

Lúcio ri da minha reação e explica:

— O Caco não vai muito com a cara da Paula — ele dá de ombros —, digamos que ela sabe ser inconveniente.

— Sim, ela sabe — lembro de todas as coisas ruins que ela me causou —, mas eu não estou me referindo a ela e eu tenho certeza que vocês irão adorar a minha amiga.

— Podemos confiar nela — Lúcio diz ao amigo.

— Se é assim, sua amiga é bem-vinda — Caco concorda.

Chego em casa feliz e animada com o programa do final de semana e mal posso esperar para colocar o meu plano em ação.

Olho no relógio e ele marca 23h28m e percebo como a minha noite foi agradável com os meninos. Eu não acredito que vou andar a cavalo!

Tiro os meus sapatos e me sento no sofá com o celular entre as mãos. Não vou para a cama agora, pois comi demais e quero esperar um pouco

antes de me deitar. Recordo a conversa com o Caco, quando ele diz que devemos criar oportunidades e correr atrás do que almejamos, e então, decidida, eu envio uma mensagem ao Mark.

“Oi, Mark, estou passando para desejar boa noite.”

Encosto a cabeça no sofá, fecho os meus olhos e respiro fundo enquanto imagino onde Mark estará. Ele me disse que tinha um compromisso e talvez ele não esteja disponível ainda. Será que ele está trabalhando a essa hora?

Quando abro meus olhos novamente, me surpreendo ao ver que já passa das quatro da manhã. Meu pescoço dói pela posição em que eu dormi, totalmente torta, com a cabeça virada de lado no braço do sofá; nem sei como cheguei a essa posição.

No meu celular há uma ligação perdida e uma mensagem não lida, então eu a abro:

“Tentei te ligar... Durma bem e sonhe com os anjos.”

Abraço o meu celular e o levo para a cama comigo, como se assim eu estivesse levando um pedacinho do Mark também. Vou aproveitar o restinho da noite para dormir mais um pouco e, talvez, sonhar com os anjos.



No sábado de manhã eu acordo radiante com as promessas do novo dia.

Olho para a janela e vejo que o dia está ensolarado, porém frio. O vento sopra gelado na recém-chegada estação do ano, a minha favorita.

Me visto de acordo com a ocasião, com calça jeans, suéter e um casaco. Desenterro do fundo do meu armário um par de botas que eu amo de paixão; preta, de couro sintético e que termina um pouco abaixo do joelho. Hoje é um dia perfeito para usá-la, para montar.

Combinei com o Lúcio que encontraria com ele e seu amigo lá no Haras, assim poderei ficar à vontade caso a minha amiga se canse e queira vir embora mais cedo.

Pego a minha bolsa e vou buscá-la, atravesso o corredor e toco a campainha do seu apartamento.

— Oi, minha querida — dona Madalena me cumprimenta carinhosamente e, pelo seu aspecto, ela acabou de acordar. — O que faz aqui tão cedo?

Olho para o meu relógio de pulso e vejo que realmente é cedo, mas teremos um longo caminho até lá, então temos que nos apressar.

— Bom dia, dona Madalena. — Ela abre a porta para me dar passagem, convidando-me a entrar. — Eu vim buscá-la para passear.

Os olhos dela transbordam alegria e não posso deixar de me sentir bem com a situação, pois é muito gratificante ver a sua felicidade.

— Onde vamos? — ela pergunta animada.

— Surpresa — digo tranquila e sorridente —, mas é um lugar aberto, portanto, proteja-se do frio — pisco um dos meus olhos para ela.

— Está bem. — Ela fecha a porta do seu apartamento e segue para o seu quarto. — Sente-se e fique à vontade — ela diz antes de sumir das minhas vistas.

Logo ela volta, toda arrumada como da última vez em que fomos almoçar.

— Estou bem assim? — ela pergunta ao passar a mão pelo seu casaco de lã, que provavelmente ela mesma fez.

— A senhora está perfeita.



Estamos na metade da manhã quando chegamos ao Haras. Paro o carro no estacionamento e seguimos a pé até a entrada da casa principal, onde Lúcio e o seu amigo nos esperam.

A casa é enorme e linda, típica de fazenda. Me lembra as novelas que eu assistia quando era criança, e isso me traz boas recordações.

Caco é o primeiro a notar a nossa aproximação e ao me ver chegar de braços dados com a dona Madalena, seus olhos se arregalam em surpresa. Acredito que dentre todas as suas suposições, ele nunca imaginou que a minha amiga teria mais de 80 anos. Lúcio não fica para trás, tão admirado quanto o amigo, e me faz ter a certeza de que trazê-la a esse passeio foi uma excelente ideia.

— Meninos, essa é a dona Madalena, a amiga que eu mencionei — ela se aproxima, segurando o meu braço, buscando equilíbrio —, e estes são: o meu primo Lúcio e seu amigo Caco.

Caco, por sua vez, assim como fez comigo no restaurante, beija a mão da dona Madalena e diz para mim, olhando nos olhos dela:

— A sua amiga é encantadora — seu sorriso ilumina o seu rosto.

— E você é muito galanteador — ela ri, adorando a educação e o charme dele —, prazer em conhecê-los.

— O prazer é nosso — é a vez do Lucio beijar a sua mão —, seja bem-vinda.

— Eu agradeço a hospitalidade — ela diz sorrindo e depois olha em volta, examinando o lugar. — Isso aqui é lindo!

— É, sim — Caco concorda —, vamos dar uma volta e conhecer o local.

Eles seguem na frente e dona Madalena aproveita a distância para

dizer:

— Que moço bonito — ela continua segurando o meu braço ao andar —, combina com você.

Acho graça da sua tentativa de chamar a minha atenção para a beleza do rapaz, pois eu já havia reparado. E como não reparar?

— Não... — Dou leves tapinhas na mão que ela apoia em mim. — Meu coração chama por outro — digo, referindo-me ao Mark.

É loucura, eu sei, pois não o conheço e nem sei se ele é o que eu imagino que seja; mas não mandamos no nosso coração, e quando ele cisma, é difícil ignorar o seu chamado.

Ela apenas sorri como quem sabe das coisas; um sorriso discreto, mas de quem está duvidando do que acabou de ouvir.

— E esse outro rapaz — ela pergunta curiosa —, onde ele está?

— Eu não sei... — dou de ombros, envergonhada pelo absurdo que estou prestes a dizer —, eu não o conheço.

Ela me encara chocada, sem acreditar no que acabou de ouvir.

— Você está me dizendo que vai trocar esse pão por alguém que não conhece?

— Eu só posso trocar o que me pertence — olho para os rapazes que param de andar para nos esperar —, o que não é o caso — sorrindo, eu encerro o assunto.

Nesse momento, um cachorro vem na nossa direção e sobe em mim, fazendo a maior festa. Ele fica em pé, apoiado somente nas patas traseiras, enquanto pula em mim, abanando o rabo. Ele é caramelo, deve ter por volta de cinco meses. Está claro que é um filhote.

— Menino mau — um rapaz aproxima-se e fala com o cão —, deixa a moça em paz!

— Não, tudo bem — esfrego as orelhinhas dele —, pode deixar, eu gosto de cachorro.

— Sinto muito, ele nunca fez isso com ninguém. — O rapaz tenta tirá-lo de cima de mim novamente, porém eu não permito.

— Deixe o cão, Juarez, a moça disse que está tudo bem — Caco fala ao rapaz, que para imediatamente.

Olho para ele e sorrio em agradecimento.

— Que cachorro mais lindo! — Abaixo-me na altura do animal e digo com um tom de voz mais fino — Quem é o cãozinho bonzinho? — Dou leves tapinhas no seu bumbum.

Lúcio ri, achando-me uma palhaça, e quando me levanto, vejo que os olhos do Caco estão direto nos meus. Ele me olha extasiado, possivelmente pela reação que tive com o bichinho. Imediatamente fico sem graça e desvio o nosso olhar.

— Tudo bem por aqui? — ele pergunta ao funcionário do haras.

— Tudo bem — o rapaz responde —, a Professora dará à luz nos próximos dias.

— Isso é ótimo — Caco se anima ao comentar —, me avise assim que acontecer; e, por favor, Juarez, prepare o Romance e o Coronel, pois eu e essa bela dama iremos montar. — Ele olha para mim novamente, mas agora de uma forma normal.

— E você, Lúcio — falo envergonhada —, não vai montar?

— Não. — Ele se aproxima da dona Madalena e cruza o braço dela nos seus. — Farei companhia à sua amiga.

— Ótimo — digo aliviada por não a deixar sozinha.

Seguimos para o celeiro, onde pudemos encontrar os cavalos. É tudo

tão limpo e arejado; não há aquele cheiro característico de animais. Observo as instalações e percebo como tudo é organizado.

— Eu jurava que cavalo dormia em pé — comento ao passar por uma instalação e ver o animal deitado.

— Na verdade podem dormir em pé ou deitados, depende da confiança deles. — Caco se aproxima de mim ao responder. — Quando eles estão de pé, o sono não é profundo. Eles só se deitam para dormir se estão se sentindo seguros no ambiente em que estão.

— Uau! — digo encantada. — Então, esse aqui está bem tranquilo. — Aponto para o mandrião à nossa frente.

— Sim, parece que está — Caco ri da forma que me referi ao cavalo.

Juarez se aproxima com dois cavalos lindos, um é preto como a noite e o outro malhado em marrom e branco.

— Aqui está, senhor. — Ele para com os animais, um de cada lado.

— Ai... — digo insegura. — Estou com medo. — Olho para o meu primo em busca de socorro.

— Está tudo bem, Luh — ele tenta me acalmar —, eles são muito mansos.

— Sim, ele é bem tranquilo — Juarez completa —, mas se você preferir eu posso acompanhá-la aqui do chão.

— Ou você pode montar comigo — Caco diz ao subir no seu cavalo. Ele estende a mão, me convidando a subir com ele. — E quando você estiver mais à vontade e familiarizada, você pode montar o Romance.

Ouçó a risadinha da dona Madalena que estava quieta até agora.

— Vá, filha, monte com ele e aprenda como se faz — ela incentiva. — Ah, se eu tivesse quarenta anos a menos...

— Tudo bem. — Ofereço a minha mão ao Caco, que me ajuda a subir e me sentar à sua frente. Nossos corpos ficam colados um no outro e eu não sei como agir, tenho medo até de respirar.

— Vamos, Coronel. — Ele bate levemente as pernas na lateral do corpo do cavalo, dando o comando para ele andar, me fazendo gritar no processo.

— Relaxa, Luh — Lúcio fala do chão —, você está segura.

— Sim, você está — Caco repete em tom baixo, bem próximo ao meu ouvido e me faz arrepiar.

Eu devo estar muito carente mesmo. Não respondo e decido apenas aproveitar o passeio.

Andamos em silêncio a maior parte do tempo com os olhos vigilantes do Lúcio e da dona Madalena. Vez ou outra Caco mostra algo ou faz um comentário qualquer.

Peço, então, para ele parar para que eu possa descer, pois não estou me sentindo confortável com essa situação. Eu acho estranho estar tão próxima fisicamente a alguém e isso me incomoda de certa forma. Se fosse o jogador, seria diferente.

Juarez, por sua vez, me ajuda a subir no Romance e permanece ao meu lado o tempo todo, segurando as rédeas do animal e, assim, evitando que ele dispare.

Me sinto mais confortável dessa forma, então aproveito para observar o Caco em cima do cavalo.

— És um monstro! — falo alto, completamente encantada com a beleza e elegância com a qual ele monta.

É tão natural para ele estar em cima do animal que é difícil dizer onde um termina e o outro começa. Eles estão conectados um ao outro; é realmente um espetáculo vê-lo galopar.

Ele apenas sorri e continua dando um *show*.

Capítulo 11

Com a ajuda do Juarez, passeio montada no Romance por um tempo e, quando sinto meu bumbum doer, peço para descer. Não estou acostumada com o movimento e sei que ficarei dolorida. Então, passo os próximos quinze minutos vendo o Caco montar. É realmente lindo de se ver.

Olho para o Lúcio e o flagro olhando para mim com aquele mesmo sorriso maroto que ele me deu no restaurante.

— O que foi? — pergunto na defensiva.

— Nada, só estou te olhando, não pode? — ele devolve a pergunta e mantém o sorriso no rosto.

— Não, você não pode — respondo ranzinza, pois fiquei sem graça.

Empino meu nariz e volto os meus olhos para o Caco, mas ouço o som do riso do Lúcio, seguido do da dona Madalena.

— Até a senhora? — Olho para ela sem acreditar que entrou no mesmo jogo do meu primo.

— Ah, menina, deixa de ser boba — ela fala com carinho —, nós estamos apenas brincando com você.

— Na senhora eu acredito, mas nesse aí — aponto para o Lúcio com um gesto de cabeça —, não!

Ele continua rindo.

— Deixe-a em paz — dona Madalena pede em meio ao riso.

— Por enquanto... — ele dá de ombros ao responder.

Caco desce do Coronel e se aproxima de nós com um sorriso aberto e radiante; típico de quem acabou de fazer o que mais ama na vida.

— E aí? — ele pergunta superanimado para mim. — Gostou?

— Muito — respondo tão animada quanto —, mas vou ficar dolorida.
— Passo a mão pelas minhas coxas, demonstrando o lugar que irá doer.

— Normal — ele diz simplesmente —, com o tempo você se acostuma.

— É, pode ser — dou de ombros.

— Estou com fome — dona Madalena fala.

— Eu também — comento na esperança de que façamos uma pausa para almoçar.

— Tudo bem — Caco fala —, vamos comer.

— Tem algum restaurante por aqui? — Lúcio pergunta despreocupado.

— Não, mas pedi que nos preparassem o almoço na casa principal.

Seguimos direto para lá e, ao entrar no imóvel, vejo que se trata de uma casa comum de fazenda e não uma administração, como eu havia imaginado. Estranho o fato, porém não falo nada, pois não quero parecer intrometida.

Seguimos para a sala de refeições e nos sentamos à imensa mesa, que pode acomodar facilmente umas doze pessoas. Ela está posta e o cheiro delicioso de comida caseira preenche o ambiente, que para mim, se resume basicamente ao cheiro de um belo assado.

Estou morrendo de fome e assim que somos servidos começamos a comer. Mantenho-me concentrada no meu prato, pois está tudo maravilhoso. No cardápio há o assado de costela ao molho, arroz branco e polenta.

Dona Madalena sentou-se ao meu lado e mantemos uma conversa paralela sobre receitas e ingredientes. Lúcio apenas escuta, sem dar qualquer palpite ou opinião, provavelmente ansiando aprender algum truque culinário com a experiência dela.

Estou misturando o resto do meu arroz com o caldo da carne que ficou no meu prato e acrescento um pouco de maionese. Eu amo arroz com maionese. Lúcio olha com cara de nojo, mas eu não ligo. Ele pode até estar acostumado com a alta gastronomia, mas eu não. Amo as minhas misturas: macarrão instantâneo com requeijão, ovo frito com farinha, pipoca com leite condensado e, principalmente, arroz com maionese.

Depois do sagrado café preto, percebi que a dona Madalena parece cansada e então sugiro irmos embora e ela aceita prontamente.

Quando estamos saindo da casa e nos despedindo dos meninos, o mesmo cachorro que pulou em mim mais cedo, se aproxima novamente, como se soubesse que estou indo embora.

— Você veio me dar tchau? — Me agacho para acarinhar as suas orelhas.

Juarez, por sua vez, se aproxima ofegante, como se estivesse correndo atrás do cachorro há horas.

— Deixa a moça, vira-lata. — Ele tenta puxá-lo, mas o cão permanece firme como uma rocha.

— Tadinho, não o chame assim — continuo remexendo as suas orelhas —, se eu pudesse, levava você comigo para longe desse homem mau — sussurro para o cãozinho, me referindo ao Juarez.

Caco cai na risada.

— O cão tem dono? — ele pergunta ao funcionário do Haras.

— Não exatamente... — Ele tira o chapéu e o usa para tentar espantar o bichinho. — Ele anda por aí e come o que encontra.

— Oh... — digo chateada .— Como assim?

— A mãe dele morreu no parto, cada um pegou um filhote, mas esse sobrou — ele diz sem se importar.

— Tadinho! — Meu coração fica apertado com a possibilidade de eu ir embora e saber que ele ficará sozinho, no frio e talvez com fome.

— Leve ele com você, Luh. — Lúcio e sua terrível mania de me atiçar.

— Bem que eu gostaria — lamento —, mas ele não é meu, não posso simplesmente levá-lo para casa.

— Você pode, sim — Caco fala —, não é Juarez?

— Sim, senhor — ele confirma —, se for a vontade da moça, ela pode levá-lo.

— Jura? — questiono radiante. — Você quer ir para casa comigo? — pergunto ao cão, que late alto em resposta. — Está bem... Vamos embora, Costela.

— Costela? — Lúcio e Caco perguntam ao mesmo tempo.

— Sim, esse é o seu nome agora — digo lembrando do almoço e não querendo esquecê-lo. Foi um dia incrível e nada melhor que nomeá-lo com o nome do prato servido, para que assim, eu nunca esqueça esse dia.

Seguimos os três para casa: eu, dona Madalena e o Costela, porém antes de chegar, passo em um *pet shop* e compro ração, coleira, brinquedos e uma cama quentinha para o meu novo amigo. Nessa semana eu o levarei para vacinar e tomar vermífugo, mas por hora, acredito que ele ficará bem.

Depois de levar a dona Madalena até a porta do seu apartamento e ela me agradecer muitas vezes pelo dia maravilhoso, entro em casa com o Costela. Ele, por sua vez, começa a vasculhar todos os ambientes, cheirando e reconhecendo o local.

— Isso aí, garoto — falo para ele —, vá conhecer o seu novo lar. Não é espaçoso como a fazenda e nem tão verde, mas prometo que aqui não lhe faltará amor.

Como se tivesse entendido o que ouviu, ele se aproxima de mim, abanando o rabinho. Aproveito para lhe mostrar onde sua água e comida estarão a partir de agora. Ele bebe bastante, provavelmente com sede da viagem até aqui. Levo sua cama para junto da minha, assim ele não ficará com medo, tampouco se sentirá sozinho durante a noite. Nem eu...



É final da tarde quando volto de um passeio pelas calçadas em torno do meu edifício. Levei o Costela para fazer suas necessidades básicas, pois até eu ensiná-lo como usar o tapete higiênico, será assim.

Estou saindo do banho e vejo que meu novo amigo já se apossou do seu lugar ao lado do meu e está pronto para dormir. Visto o meu pijama e pego o meu celular para registrar o momento. Bato uma foto e escrevo “primeira noite em casa” e movo para o novo álbum nomeado de “Costela”. Sorrio e tiro mais umas quatro ou cinco fotografias.

Afago a cabeça do meu amigo e deito-me ao seu lado. Estou pronta para dormir, porém meu celular toca. Olho no visor e meu coração dispara ao ver o nome do Mark.

— Alô — atendo tímida.

— Boa noite, Luciana — suspiro aliviada, só pelo fato de ouvir a sua voz.

— Oi, boa noite — falo baixinho.

Ainda bem que ele não pode ver o meu rosto corado.

— Tudo bem? — ele pergunta docemente. — Como foi o seu dia?

— Foi maravilhoso, e o seu?

— Foi ótimo também — ele diz casualmente —, mas senti sua falta. Pensei muito em você hoje.

Fecho os meus olhos para absorver cada palavra que ouvi. Será que isso é real?

— É loucura se eu disser que também pensei muito em você? — pergunto insegura, com medo de onde essa conversa possa chegar.

— Não... É natural — ele explica —, pois quando duas pessoas se identificam, assim como nós, querem estar uma com a outra, pensam uma na outra e, principalmente, querem o bem uma da outra. Estou certo?

— Sim, você está — concordo. — Elas precisam uma da outra.

— Sim... Precisam.

— Eu preciso de um pedacinho de você, qualquer coisa — peço. — Que tal uma foto da sua mão? — arrisco sem ser ousada.

— Da minha mão? — ele ri baixinho, daquele jeito que me deixa sem ar.

— Sim, vamos devagar — sugiro.

— Ok, então você me mostra o seu pé — ele brinca.

— É sério? — caio na risada. — Você tem fetiche por pés?

Já ouvi falar de muitos homens que têm, será que ele é um deles?

— Não... não é um fetiche, mas gosto de pés, além de não achar justo

você ter um pedacinho meu e eu não ter nada seu — ele diz tranquilamente.

— Justo — aceito enfim.

— Então, assim que desligarmos o telefone, tiramos a foto de como estamos agora, combinado?

— Combinado. Podemos desligar agora? — pergunto animada.

— Tudo isso é ânsia em me ver? — ele brinca.

— Acho que sim — confesso.

— Tudo bem, pois me sinto assim também.

— Boa noite, Mark.

— Boa noite, Luciana.

Desligamos e, então, eu tiro uma foto do meu pé direito. Agradeço a Deus por estar com as unhas feitas e de banho tomado. Envio para ele, torcendo para que goste. Logo em seguida a mensagem:

“Lindo.”

Respiro aliviada e abro as duas fotos que ele enviou; em uma delas, uma imagem da sua mão esquerda segurando um sorvete de três bolas, e na outra, a sua mão inteira. Sorrio ao imaginá-lo tomando sorvete enquanto falava comigo.

Sua mão é bem masculina, forte, com nódulos ligeiramente grossos e palma larga. Suas veias se sobressaem na foto em que ele segura o sorvete. Suas unhas estão curtas, redondas e limpas e logo a imagino tocando o meu rosto. Quase posso sentir o seu toque, é perfeito. Então escrevo:

“Perfeita.”

A foto em que ele segura o sorvete me encantou. Não sei dizer o que me tocou em algo tão simples, mas fico admirando a imagem por um longo

tempo.

Capítulo 12

Acordo inspirada.

Adormeci segurando a imagem da foto que Mark me enviou e sonhei com ela. No meu sonho, o seu sorvete, em um passe de mágica, criava vida e se transformava em um boneco de neve, e claro, me inspirou a fazer a mascote que eu tive tanta dificuldade.

Após a minha xícara de café, sentei-me diante do computador e comecei a trabalhar. Antes mesmo da hora do almoço, a minha mascote estava pronta: um boneco de sorvete, colorido, em três sabores, imitando um boneco de neve. Olho um instante para o resultado e grito:

— Eureka!

Um peso enorme sai dos meus ombros e uma sensação de alívio me preenche. É surreal que uma questão que me consumia tanto seja resolvida por conta de uma foto e um sonho. Bem que dizem que quando menos se espera, a inspiração vem. E não é que é verdade?

Envio o material para a empresa, torcendo para que eles aproveem o seu conteúdo; caso contrário, não saberei o que fazer. Não posso simplesmente dizer que não consigo realizar o trabalho; vou ter que me virar e resolver. Só me resta rezar.

Estou radiante quanto atendo o telefonema da minha mãe. Conto que finalizei o trabalho da mascote e ela me parabeniza, feliz com a minha realização.

Enquanto nos falamos, ela me envia algumas fotos que tirou de uma

das casas.

— Luh, quero que olhe as fotos e me diga o que achou — ela pede muito animada —, pois seu pai e eu queremos a sua opinião para seguir em frente e fazer uma proposta.

— A minha opinião não tem importância, mãe — digo contente em ver como ela está feliz. — Se vocês gostaram, é o que importa, afinal, vocês que vão morar na casa.

— Não, filha — ela discorda —, pelo contrário: a sua opinião importa muito para nós, pois queremos você feliz junto conosco, queremos que você se sinta em casa quando vier nos visitar.

— Ah, mãe — digo comovida —, eu te amo, sabia?

— Eu também, meu amor — ela responde com carinho —, anda, vá logo ver as fotos.

— Está bem — respondo ao enxugar uma lágrima —, espere um minuto.

Abro as fotos enquanto mantenho-a na linha e vejo a casa. Ela é linda, branca como a neve, térrea e com belo jardim na frente, dividindo espaço com uma garagem. Há fotos do seu interior, e percebo que os ambientes são claros e abertos, muito iluminados, do jeito que ela gosta. Ela parece grande, com quatro quartos, sala de estar com amplas janelas, sala de jantar e uma enorme cozinha. Porém, a melhor parte é o quintal: grande, com um gramado bem verdinho e com bastante espaço para fazer uma horta e instalar a churrasqueira dos sonhos do meu pai.

— E aí? — Ela não se contém.

— É maravilhosa! — digo imaginando a vida deles por lá.

— Isso — ela grita feliz —, ela gostou! — disse ao meu pai, que provavelmente estava aguardando o meu veredicto ao seu lado.

Aquele friozinho na barriga, ao imaginar eles tão distantes de mim,

voltou com força. É uma mistura de insegurança e saudade antecipada.

Eu não me sentia completamente sozinha antes, porque sabia que eles estavam por aqui caso eu precisasse; que em qualquer emergência bastava eu gritar. Mas e agora? E se me der uma dor de barriga qualquer? E se eu ficar assustada e precisar de colo ou dormir lá como eventualmente fazia?

Acho que terei que crescer... Na marra!

Tento pensar positivo, acreditando que essa mudança será melhor para todos; tanto para eles que buscam qualidade de vida, quanto para mim, que terei que amadurecer. Talvez eu até consiga realizar o meu sonho de ver a neve.

— Estou feliz por vocês, mãe — digo com sinceridade.

— Nós também, meu amor. Assim que tivermos uma resposta do vendedor, te ligo para contar as novidades.

— Tudo bem, um beijo — me despeço —, manda um beijo para o papai.

— Pode deixar, até depois.

— Até.

Suspiro ao desligar.

Vou encarar essa mudança, pois não tenho opção. É a felicidade dos meus pais que está em jogo, então irei levantar a minha cabeça e seguir em frente, como qualquer adulto faria.

No final do dia recebo seu telefonema me dizendo que a oferta foi aceita.

Agora é pra valer.



Toc-toc.

Esse som se tornou uma agradável melodia, que passo o dia ansiando ouvir.

“Boa noite, Luciana. Está livre para falar?”

Sem responder a sua mensagem, decido ser ousada e ligo para ele.

— Alô — a voz grossa ecoa pelos alto-falantes.

— Boa noite, Mark. Como você está esta noite? — tento soar sensual, mas isso não combina comigo e, definitivamente, não deu certo, então só me resta rir.

— Boa noite, Luciana — ele sim é sensual por natureza, não precisa de nenhum esforço —, eu estava bem, mas agora eu estou ótimo — fala divertido, rindo da minha tentativa frustrada de ser sexy.

— Seu bobo — brinco com a frase clichê.

— Falando sério, Luh — meu coração dispara com a primeira menção ao meu nome abreviado de modo carinhoso —, você me faz bem.

— Eu sei como é. — Sou sincera, pois sei como me sinto quando falo com ele.

— Sabe, é? — ele provoca. — Conta para mim como se sente.

— Falar com você me conforta.

— Sim — ele responde baixo e sério, dando-me a entender que se sente da mesma forma —, e o que faremos a respeito?

— Eu não sei... — Começo a ficar apreensiva com a possibilidade de ele propor um encontro, pois não quero estragar tudo. — Eu tenho medo —

confesso.

— Medo de mim? — ele pergunta chateado.

— Não de você — respiro fundo, dando uma pausa para pensar em como irei explicar. — De nós, de como eu posso estragar tudo.

— Você jamais estragaria, isso é impossível — ele me repreende, pois não entende.

— Não é — insisto —, eu sou péssima com essas coisas, eu não sei como agir e sinto que não nasci para isso — exalto-me pelo medo.

— Não há regras, Luh, apenas siga o seu coração, porque ele sim saberá o que fazer — ele explica com carinho. — Não se cobre tanto.

— Tudo bem — falo vencida, mas ainda insegura —, isso eu posso fazer.

— Que bom — ele fala aliviado —, por um momento achei que você fosse desistir de nós.

— De nós? — provoco.

— Há um nós, não há? — ele devolve a pergunta.

— Acho que sim — me rendo.

— Eu tenho certeza.

Meu rosto se aquece pela vergonha que sinto no momento, pego o livro que está na minha cabeceira e começo a me abanar. Costela percebe o movimento e late alto, me assustando.

— Shhhh — digo ao cãozinho —, quieto menino.

— Acho que tem alguém com ciúmes — ele brinca.

— Pois é — falo aliviada pela mudança do clima da conversa. — De

onde você é? — A curiosidade me ganha. Preciso saber qual a distância que ele está de mim.

— De Santa Catarina, e você? — Meu sangue gela ao saber o quão próximo ele está.

— Florianópolis.

— Sério? — ele pergunta incrédulo.

— É, parece que sim — respondo em choque, pois não imaginava nem por um segundo essa proximidade.

Ficamos ambos em silêncio, assimilando o que acabamos de descobrir e tentando acreditar no tamanho da coincidência.

— O que faremos agora? — ele pergunta.

— Por enquanto, nada — digo séria e assustada.

— Estamos tão perto... Eu poderia chegar até você em menos de uma hora...

— Não, Mark — interrompo-o —, ainda não.

— Luciana — ele implora.

— Por favor — peço gentilmente —, vamos devagar.

— Certo — ele soa arrependido —, é que de repente tudo pareceu possível e eu me empolguei, sinto muito.

— É possível — falo determinada —, mas sem pressa, tudo bem?

— Tudo bem — ele aceita tranquilamente e eu o admiro um pouco mais por isso. — Então, que tal mais um pedacinho de você? — ele sugere.

— Depende... O que quer ver? — entro na brincadeira, dando graças a Deus que a conversa ficou mais leve.

— Sua boca — ele arrisca —, mas só se estiver tudo bem por você.

— Sim, tudo bem — falo com o coração disparado novamente —, mas quero a mesma coisa em troca.

— Justo — ele repete a minha fala, da nossa última conversa, quando aceitei lhe mostrar o meu pé.

— Ok, podemos desligar? — repito também.

— Estou adorando a sua ânsia por mim — ele ri daquele jeito que deixa as minhas borboletas alvoroçadas —, saiba que é recíproco.

— Boa noite, Mark — me despeço com um sorriso imenso no rosto.

— Boa noite, Luciana — ele desliga.

Salto da cama e corro para o banheiro. Passo um brilho labial e com a câmera do celular no modo *self*, tiro uma foto somente da minha boca, tomando cuidado para não mostrar mais nada além dela. Nela, há o mesmo sorriso de quando eu desliguei o telefone: um sorriso carregado de Mark e dos meus sentimentos por ele.

Clico em enviar e aguardo ansiosa. Instantes depois recebo a mensagem:

“Estou fascinado.”

Logo em seguida a sua foto surge na tela: lábios bonitos e rosados; nem finos e nem grossos demais, do tamanho perfeito; e beijável... Muito beijável.

Digito:

“Completamente encantada.”

Capítulo 13

Os dias seguintes se resumem praticamente aos preparativos da mudança dos meus pais e às conversas com o Mark.

Meus pais chegaram de Urupema e passamos os dias seguintes embalando e organizando as coisas, pois a empresa de mudança chegará daqui alguns dias e tudo precisa estar pronto até lá.

Eu e o Mark estamos cada vez mais próximos e todo dia eu conheço um pedacinho a mais dele, porém sempre com cuidado para manter o mistério. Um dia recebi a foto da sua orelha, no outro do seu joelho, até que eu pedi a foto dos seus olhos e me arrependi assim que os vi, pois agora a imagem não sai da minha cabeça.

Sinto que a minha necessidade por ele está cada vez maior. A sensação constante de querer estar perto e precisar tocá-lo aumenta a cada dia, e só piorou depois que vi seus olhos cor de mel.

É através dos olhos que enxergamos a essência das pessoas. Sabemos se a pessoa está sendo sincera ou não, se está triste ou não; os olhos dizem muito, e os dele, só me disseram coisas boas.

Os olhos são as janelas da alma.

— Acorda, Luh — minha mãe chama a minha atenção —, sonhando acordada, filha?

— Não, eu me distraí. — Continuo o processo de embrulhar os copos em pedaços de papel toalha e colocá-los na caixa.

— Posso saber o motivo da distração? — ela pergunta desconfiada e com um sorriso no rosto.

Penso por um instante e decido contar tudo a ela, afinal, ela é, além da minha mãe, a minha melhor amiga.

— Conheci alguém — conto.

Ela para de guardar as panelas na caixa e me olha com atenção.

— Verdade? — pergunta entusiasmada.

— Mais ou menos — explico melhor —, não conheci pessoalmente, mas temos conversado por mensagens, por telefone e...

— Luciana — ela adverte —, isso é muito perigoso!

— Eu sei, mãe, mas ele não parece perigoso.

— Eles nunca parecem, filha — ela está realmente preocupada —, é isso que eles fazem, se passam por bons moços para se aproveitar de meninas como você.

— Ele é diferente... — tento convencê-la. — Ele se mostrou genuinamente preocupado comigo quando estava no hospital, temos conversado todos os dias e ele aceitou ir devagar. Eu realmente não acredito que ele tenha más intenções.

— Tudo bem, Luh — ela diz vencida, pois entendeu que eu não vou me afastar; não até que se prove que ele não presta, o que eu acredito ser impossível —, mas me prometa uma coisa: se um dia você for se encontrar com esse rapaz, você vai nos avisar, nos dando o local e a hora em que estará com ele, promete?

— Eu prometo, mãe — beijo meus dedos cruzados, dando a minha palavra.

— Tudo bem — ela fica mais tranquila —, então me conte mais sobre esse moço.

Então eu conto tudo.

— Você parece uma garota apaixonada — ela brinca.

— Não... — digo, mas não sou convincente.

— Parece, sim — ela insiste e me faz pensar.

Será que eu posso estar apaixonada por alguém que não conheço?

— Preciso de um café.

— Sim, vamos fazer uma pausa. — Ela segue em direção à cafeteira.

Enquanto isso pego o meu celular, acesso o *Google* e digito na pesquisa: paixão. Encontro algumas definições.

“Paixão é um termo que designa um sentimento muito forte de atração por uma pessoa, objeto ou tema. A paixão é intensa, envolvente, um entusiasmo ou um desejo forte por qualquer coisa. Sentimento tão forte quanto o amor, mas efêmero, provocador, impulsivo, desesperado, inquieto. Movimento impetuoso da alma para o bem ou para o mal. Gosto muito vivo, acentuada predileção por alguma coisa.”

É, talvez eu esteja apaixonada.

Preciso mesmo de um café.

— Mãe, o café já está pronto? — peço em estado de choque.



Depois de passar o dia todo envolvida com os preparativos da mudança, volto cansada para casa e quando estou entrando no meu apartamento, recebo um telefonema do investigador responsável pelo caso que me aconteceu na boate.

Ele me contou que o *barman* foi preso, pois nas câmeras de segurança, mostrou claramente a imagem dele colocando o remédio na minha bebida pouco antes de me servir. Disse também, que apesar dessa prova incontestável, ele acredita no envolvimento de uma terceira pessoa, achando difícil o fato de o *barman* ter feito tudo sozinho. Para ele, o funcionário apenas iniciou um processo para que outra pessoa finalizasse.

Tudo faz sentido, porque se analisarmos melhor, por qual motivo o *barman* me doparia se ele estava em serviço? Ele sabe que o local tem câmeras, e se estava esperando eu apagar para me roubar, seria flagrado por elas; assim como ele foi flagrado colocando a sustância no meu copo, porém, esse detalhe ele achou que conseguiria esconder, que passaria despercebido entre todos os ingredientes que usou na preparação da bebida; mas se outra pessoa me levasse embora, aí sim estariam longe das câmeras e ninguém seria pego. Eu me passaria pela jovem bêbada que caiu na conversa de mais um.

O investigador fez uma série de perguntas, como, por exemplo, se eu tenho algum suspeito. Disse a ele que não, que sou uma pessoa muito reservada, de poucos amigos e que não saio com frequência.

Ele agradeceu e desligou com a promessa de que em breve ligaria novamente com a solução do caso. Fiquei admirada com o seu empenho e confiança.



Mais tarde, eu conto ao Mark sobre a minha conversa com o investigador, e ele concordou com tudo o que foi dito.

— A troco do que o *barman* agiria sozinho? — ele pensa alto. — Eu também acredito que há outra pessoa envolvida.

— Sim, mas quem?

— Eu não sei, querida. — Ele usa a palavra “querida” e acalenta o meu coração, pois é tudo o que eu preciso ouvir. — Talvez ninguém que você conheça de fato; pode ser simplesmente alguém mal-intencionado que trabalha em conjunto com esse *barman*; e este, por sua vez, recebe a sua porcentagem do que foi roubado da vítima.

— Sim, isso faz muito sentido — concordo.

— Vamos aguardar a investigação — ele sugere —, e, por favor, não esqueça de me contar o que ele descobrir, pois eu me preocupo com você.

— Claro que sim — digo séria —, fique tranquilo.

A nossa conversa de hoje foi diferente, e apesar de eu amar as nossas conversas divertidas e recheadas de flerte, o fato dessa ter sido séria, me agradou muitíssimo, pois mostra que o nosso envolvimento evoluiu e que não se trata apenas de uma conquista qualquer, e sim, de um relacionamento em que um pode contar com o outro.

Esse é o tipo de relacionamento que eu sonho ter: um amor que além da paixão e do desejo, eu possa encontrar um companheiro que ande ao meu lado, que apoie as minhas decisões e me guie nas dificuldades.

Capítulo 14

O caminhão está estacionado na frente da casa dos meus pais e os funcionários da empresa de mudança estão carregando o seu baú.

Vejo um deles levando a minha antiga cama e fico aliviada em saber que ela não será deixada para trás e que ainda terei um cantinho na casa nova.

Meus tios e primos estão aqui para ajudar, e apesar de odiar a presença da Paula, toda a ajuda é bem-vinda; então, tento ignorar a sua presença.

— Olha quem chegou para ajudar — Lúcio fala alto e então escuto o som rouco do motor.

Olho na direção do som e vejo uma moto se aproximando, mas não consigo ver quem é o piloto.

— Não acredito — Paula fala radiante ganhando a minha atenção e curiosidade.

Ela arruma o cabelo e confere o próprio hálito, uma cena, no mínimo, ridícula. Seja quem for, já sinto pena do coitado.

O rapaz estaciona e tira o capacete. Caco sorri e desce da moto com a mesma elegância que desce do cavalo.

Paula se aproxima de mim e fala baixo o suficiente para que somente eu consiga ouvir:

— Ele é meu.

Olho chocada para ela, sem acreditar na sua audácia, porém não respondo. Eu me nego a falar com essa cobra.

— Que bom que veio. — Lúcio recebe o amigo e eu apenas observo a interação dos dois, que é bonita demais de se ver. O som dos tapas nas costas ecoa pelo local e eu sorrio.

— Oi, Caco — Paula o cumprimenta de forma sensual e eu franzo o meu nariz em desgosto. A situação é tão forçada que ela parece uma garota de programa.

— Como vai, Paula? — Caco pergunta sério, pois é educado demais para ignorar. Ela se aproxima, passa os braços por trás do seu pescoço e beija seu rosto. Ele, por sua vez, afasta gentilmente a criatura para longe.

— Olha quem chegou, Luh — Lúcio tenta disfarçar e aliviar o clima, me chamando para junto dele e, assim, fazendo com que os olhos do Caco encontrem os meus.

— Oi — cumprimento-o —, veio ajudar?

— É o que parece. — Ele beija a minha mão, como sempre.

— Que maravilha — minha mãe grita da porta —, mais um par de braços fortes para a equipe. — Ela se aproxima de nós. — E você, quem é? — ela pergunta, mas não sem antes passar por mim e me olhar como quem diz: uau!

— Me chame de Caco. — Ele beija a mão dela e logo em seguida a da minha tia, que está logo atrás, e não deixo de notar que a única mulher que ele não cumprimentou dessa forma educada foi a Paula. Fico imaginado o por que.

— Muito prazer, Caco — ela fala de forma espalhafatosa, sua marca registrada. — Bem-vindo e mãos à obra.

— Por onde eu começo? — Ele parece perdido, porém animado.

— Por aqui — Lúcio o chama —, me ajude com as ferramentas da garagem.

E assim eles se afastam de nós. Enquanto eu volto para o meu trabalho, as três continuam olhando hipnotizadas para ele.

Mulheres...



Passo a manhã inteira assistindo às investidas da Paula em cima do Caco. Ele ignora sempre que pode, e eu fico imaginado qual é a história dos dois. Ele já havia comentado que não gostava dela e entendo o por que: ela é realmente cansativa e inconveniente.

Em uma das vezes em que ela tentou chamar a sua atenção, parou em frente de onde eles estavam e levantou a barra da sua blusa para se abanar. Enquanto ela sacudia o tecido, sua barriga e pedaço do seio ficavam expostos a quem quisesse ver.

Estamos no inverno do sul, a temperatura deve estar na faixa dos 12°C, o que torna a sua atitude ainda mais patética. Caco, ao perceber a sua intenção, virou de costas e continuou a conversar tranquilamente com o Lúcio, como se ela não existisse.

Me sinto mal por ela. Chego a quase sentir pena, mas ao lembrar de toda a sua maldade, esse sentimento evapora como fumaça.

Me pergunto até quando ele vai resistir às suas investidas, pois nenhum homem resistiria, é só uma questão de tempo.



É começo da tarde quando terminamos de carregar o caminhão. Meus olhos começam a lacrimejar em expectativa.

O rapaz da imobiliária chegou para pegar as chaves e repassar para os novos proprietários, e assim que a porta é trancada e as chaves entregues, as minhas lágrimas começam a escorrer sem controle pelo meu rosto. Chegou a hora que eu evitei pensar durante todo o processo: a despedida.

Dona Nanci, seguida pelo meu pai, se despediu de todos, um por um, e quando chegou a vez do Lúcio, ela o abraçou com carinho e sussurrou algo em seu ouvido. Não precisa ser vidente para saber que ela pediu para que ele ficasse de olho em mim. Na vez do Caco, ela agradeceu a ajuda e o convidou para o feriado dali a uma semana, onde inauguraria a casa nova com um belo churrasco. Ele agradeceu e disse que não perderia por nada no mundo.

Já na minha vez, a conversa mudou. As lágrimas cegaram a minha visão enquanto eu observava minha mãe se aproximar.

— Ah, minha menina — ela me abraça —, prometa que ficará bem.

— Eu prometo, mãe. — Aperto-a mais forte em meus braços. — Cuidem-se na estrada. — Olho para o meu pai, que aguarda a sua vez de se despedir. Sem querer soltar a minha mãe, puxo o meu pai e dividimos o mesmo abraço. — Vou sentir saudades.

— Nós também, filha — papai diz emocionado. — Saiba que a nossa casa sempre será a sua casa.

— Obrigada, pai. — Me sinto melhor agora em ouvir suas palavras. — Cuidem-se, por favor! Me liguem quando chegarem.

— Nós ligaremos. — Mamãe beija meu rosto e se afasta.

Meu pai faz o mesmo e logo eles estão dentro do carro e partindo para uma nova vida.

Quando o carro vira a esquina e sai do meu campo de visão, a realidade retorna e me dou conta das pessoas ao meu lado. Lúcio é o primeiro a falar:

— Estarei aqui para você, Luh — ele me abraça lateralmente e eu

encosto a minha cabeça no seu ombro —, hoje e sempre.

— Nós também, filha — tia Noemi fala como a minha mãe e aquece o meu coração. Ela se aproxima do meu outro lado e, assim como eu, permanece olhando para a esquina em que o carro virou momentos atrás.

Instantes depois eu respondo:

— Obrigada — digo com sinceridade. — Eu também estou aqui para vocês, hoje e sempre — repito a frase do Lúcio e sorrio para ele.

Afinal, é isso que família faz, não é mesmo?

Capítulo 15

“Oi! O que está fazendo?”

“Oi! Vou assistir a um filme.”

“Quer companhia?”

“Mark...”

“Tudo bem, Luh, você aí e eu aqui... Que filme vai assistir?”

“Hoje o meu dia foi emocionalmente desgastante, então estou pensando em assistir ao filme que mais amo no mundo: *Frozen*.”

“A animação infantil?”

“Essa mesma. Ainda quer me fazer companhia?”

“Claro que sim, principalmente porque teve um dia ruim. Vou alugar pela internet e assistimos juntos, tudo bem?”

“Isso seria incrível, simplesmente perfeito.”

Envio uma foto dos meus pés apoiados em cima da mesa de centro. Na foto, as minhas pantufas estão dividindo o primeiro plano com o balde de pipoca que está bem ao lado. No fundo, em segundo plano, está a televisão com a imagem pausada no início do filme. Junto com a foto escrevo: “Estou te esperando”.

“Com direito a pipoca?”

“Não é apenas uma pipoca, é pipoca com leite condensado.”

“Bom, nisso eu não poderei te acompanhar. Por causa da minha profissão eu preciso manter o peso.”

“Verdade, jogador, deixa os quilos comigo.”

Assistimos simultaneamente ao filme, enquanto mantínhamos a chamada no viva-voz, para rir e comentar juntos. Quando terminou, perguntei:

— E aí, gostou?

— Gostei — ele diz surpreso —, esse não é o meu estilo de filme, mas foi bom, principalmente porque foi com você.

— Da próxima vez você escolhe o título — tento parecer justa.

— Da próxima vez quero estar com você, de verdade, e não por telefone. Quero poder te abraçar no sofá, sentir o seu perfume e beijá-la como sempre imagino antes de dormir.

— Mark... — digo com o coração acelerado. — Eu gostaria disso.

Imagino o quão maravilhoso seria se ele estivesse ao meu lado agora. Poderíamos nos aconchegar no sofá e conversar enquanto eu segurava suas mãos entre as minhas.

— Eu também... — ele fala baixo, como se sentisse dor. — Por Deus, como eu gostaria!

— Está tudo bem? — pergunto preocupada.

— Não sei o quanto mais eu consigo esperar antes de enlouquecer — ele desabafa. — Eu preciso de você, Luciana. Preciso...

Fico sem palavras com a sua confissão. Não sei o que dizer, e apesar de eu entender perfeitamente o que ele sente, porque me sinto da mesma

forma, o medo que sinto é maior e me impede de seguir adiante.

Quando ele percebe que o meu silêncio se manterá e que eu não tenho o que dizer, ele fala:

— Tudo bem — diz desanimado —, vamos dormir. O meu dia também foi cansativo.

— Boa noite, Mark — me despeço com um aperto no peito. — Eu sinto muito — sussurro.

— Boa noite, Luciana — ele desliga.

Fico imóvel, tentando assimilar o que acabou de acontecer. Estava tudo perfeito, e de repente, eu estraguei tudo. Claro que estraguei...



A segunda-feira começou com boas notícias. Recebi um *e-mail* com a aprovação da mascote para a marca de sorvete, mas o aperto que sinto no meu peito desde a minha conversa com o Mark, na noite de ontem, me impede de comemorar. Estou chateada e desanimada e sinceramente não consigo me alegrar.

Respondo ao *e-mail* agradecendo a oportunidade de trabalho e dizendo que estou à disposição para quando precisarem de mim.

Minha mãe ficou preocupada comigo. Quando me ligou à noite para contar que a equipe de mudança finalmente tinha descarregado tudo e ido embora, eu contei sobre o meu desentendimento com o Mark. Ela sugeriu que eu fosse mais cedo para Urupema, para me distrair, mas no fundo eu sei que ela está preocupada que eu ceda à tentação e marque um encontro com o “desconhecido”.

Prometi pensar sobre o assunto, afinal, o meu principal trabalho já foi entregue, e os que estão em andamento, podem ser realizados em qualquer lugar, desde que haja uma conexão com a internet.

O técnico da empresa de telefonia já foi solicitado e está agendado para daqui a dois dias, então depois que o *wi-fi* for instalado, eu poderei ir sem problemas.

Essa seria uma excelente oportunidade para eu prorrogar o meu inevitável encontro com o Mark. Sei que esse momento está chegando e eu não seria idiota de negar, mas o medo me domina, e ter uns dias a mais para criar coragem, será ótimo.

Isso se ele ligar, claro; o que eu não sei se acontecerá novamente.

Fecho os meus olhos e respiro fundo.

Farei isso: daqui a dois dias partirei para Urupema, e se ele me ligar, eu estarei por lá. Se ele me ligar...

Decido fazer uma visita para a dona Madalena antes de partir, afinal, ficarei alguns dias fora. Levo o Costela comigo, pois ela vai amar a distração.

Depois de uma volta no quarteirão, para que o meu cãozinho não apronte nenhuma travessura na casa dela, toco a campainha.

— Olá, meus queridos. — Acho fofo ela incluir o Costela no cumprimento. — Entrem.

— Oi, dona Madalena. — Abraço a senhora, que é bem mais baixa do que eu. — Viemos visitá-la antes de viajar.

— Vai para onde? — ela pergunta animada.

— Urupema — dou de ombros por não ser nada estrambólico —, para a casa nova dos meus pais. Irei passar o feriado com eles e estou indo mais cedo por conta de alguns assuntos.

— Que maravilha — ela fala animada, mas percebo que tem algo a incomodando —, quer que eu cuide do bichinho?

— Oh, não — acho graça no modo como se referiu ao cão —, levarei

ele comigo, obrigada por oferecer.

— Ah, que pena... Ele seria uma boa companhia.

Então eu me dou conta que ela ficará completamente sozinha durante todos esses dias. Sem família e sem amigos, somos parceiras na solidão.

— A senhora gostaria de ir comigo? — digo de surpresa, tomando a decisão de última hora.

— Eu não sei — ela responde insegura —, ando um pouco cansada e eu não quero atrapalhar.

— A senhora não atrapalha — sou sincera —, além do mais, a minha mãe vai adorar recebê-la.

— Se é assim, eu aceito. — Seu rosto se ilumina com a promessa de mais uma aventura. — E, Luciana — ela chama a minha atenção e está prestes a dizer algo importante —, serei eternamente grata por tudo o que faz por mim, por todo o carinho e dedicação. Jamais poderei retribuir à altura.

Ela me abraça e eu me emociono com seu gesto.

— A senhora não precisa agradecer — passo a mão por seus cabelos brancos, de forma carinhosa, enquanto desfaço o nosso abraço —, sinto prazer na sua companhia.

— Eu também, menina. — Ela dá tapinhas leves na minha mão. — Eu também.



Estamos na estrada rumo a Urupema. O rádio está ligado e eu sigo cantarolando baixinho, enquanto a dona Madalena aprecia a paisagem e o Costela cochila no banco de trás.

Há dois dias que eu não falo com o Mark. Ele não me ligou e eu

respeitei o seu espaço. Acredito que ele tenha ficado chateado comigo e que talvez precise de um tempo para assimilar.

Mandeí uma mensagem antes de sair, dizendo que eu estava indo viajar e que ficaria os próximos dias fora. Disse também que estaria conectada caso ele quisesse falar comigo, mas ainda não obtive resposta.

Depois de um pouco mais de duas horas de viagem, chegamos em Urupema. Está frio, mas o vento deixa a sensação térmica ainda mais baixa. Pelos noticiários, os próximos dias serão de frio intenso e mal posso esperar para me sentar em frente à lareira e apreciar um chocolate quente na companhia dos meus pais.

Ao estacionar o carro na frente da casa, percebo que as fotos foram injustas com ela, pois tudo é muito mais bonito e charmoso quando se olha pessoalmente. A cidade também é linda e me conquistou imediatamente; agora entendo a escolha que meus pais fizeram e tenho certeza que eles serão muito felizes aqui.

Minha mãe, ao escutar o som do motor, abre a porta da frente e nos aguarda lá. Quando eu contei que levaria a dona Madalena comigo, ela ficou radiante, disse que seria ótimo ter alguém para conversar, já que meu pai está entretido nos preparativos da horta e, por isso, não saiu mais do quintal.

— Que bom que chegaram! — Beijo seu rosto e recebo um longo abraço.

— Nem deu tempo de sentir saudades — brinco por estar aqui tão cedo —, pelo menos poderei ajudar com as caixas que ainda precisam ser organizadas.

— Isso será maravilhoso. — Ela desfaz o abraço e olha para a dona Madalena ao meu lado. — Seja bem-vinda — fala alegremente —, fiquei feliz em saber que a senhora viria também.

— Obrigada por me receber. — Ela abraça a minha mãe com carinho.

— Entrem, está muito frio aqui fora.

— Entrem vocês — sugiro —, eu vou levar o Costela para passear e se aliviar, ele deve estar apertado.

— Faça isso — minha mãe concorda, não querendo nenhum presentinho dentro de casa —, mas não demore.

— Está bem.

Ando pela vizinhança, segurando a guia do meu parceirinho, enquanto ele cheira tudo pelo caminho. É tudo tão lindo, que aproveito para passear, esticar as pernas cansadas da viagem e conhecer o local.

Depois do Costela ter feito as suas necessidades, de eu recolher e descartar em uma lixeira próxima, resolvo voltar. Faço o caminho inverso até chegar na casa.

— É lindo aqui — comento ao entrar.

— Lindo será quando nevar — ela fala animada —, há previsão de neve para esse feriado.

Isso seria incrível.

Capítulo 16

Essa é a segunda noite que passo na casa dos meus pais, e ainda não tive notícias do Mark. Sem telefonemas, sem mensagens, apenas silêncio.

Sinto falta dele, muita. Nós tínhamos estabelecido uma rotina de conversas, e estar sem isso, sem ele, faz com que me sinta só e com o coração vazio.

Fico em dúvida se envio ou não outra mensagem; não quero parecer aquelas mulheres grudentas, mas também não quero que ele pense que não me importo. Eu enviei uma mensagem antes de vir para cá, ele visualizou, mas não respondeu. Talvez eu tente só mais uma vez... A última.

“Sinto sua falta.”

Coloco o celular no criado-mudo e torço para que ele responda.

Adormeço na expectativa.



Acordo assustada no dia seguinte. A primeira coisa que faço é verificar as mensagens do meu aparelho celular.

Nada.

O que foi que eu fiz? Por medo e por insegurança afastei a única pessoa que entrou verdadeiramente no meu coração. Afastei a única

oportunidade real que tive de ser feliz.

Eu sou uma idiota.

E agora não sei o que fazer. Ele não responde as minhas mensagens e não o culpo por isso. Nós estávamos muito envolvidos, e na perspectiva dele, sem a evolução que ele esperava, que qualquer pessoa esperaria; pois eu nunca quis dar um passo além das conversas telefônicas; e o fato de sabermos que estamos tão perto um do outro só piorou a situação, porque tudo pareceu fácil demais e eu compliquei, coloquei obstáculos que não deveriam estar lá. Talvez ele tenha decidido dar um basta agora para não se machucar depois; e eu compreendo. Teria feito a mesma coisa.

Uma única lágrima cai pelo meu rosto e eu a enxugo rapidamente. Não quero me deixar abater, não quero remoer o que eu poderia ter tido se não tivesse sido tão idiota. Se arrependimento matasse...

Levanto da cama e decido encarar a situação. Daqui a dois dias meus tios e primos estarão aqui para o feriado e o churrasco de inauguração da casa nova. A última coisa que eu quero é passar uma imagem vulnerável, principalmente com a Paula aqui.

Costela está ao meu lado e me olha feliz, abanando o rabo e esperando a sua vez de receber atenção. Abaixo-me na frente dele e acaricio suas orelhas lisinhas. Elas são macias ao toque e me confortam. Pego-o no colo e abraço o seu corpo quentinho.

— Obrigada por estar aqui — falo para o cãozinho, enquanto esfrego-o gentilmente, fazendo carinho. — Vamos, hora do café e da nossa caminhada.

Forço-me a fingir que nada está acontecendo, que não estou sofrendo com essa distância imposta por ele e sigo o meu dia.

— Bom dia — cumprimento meus pais e minha amiga que já estão tomando café e comendo o seu famoso bolo de cenoura que, pelo cheiro, acabou de ser assado.

— Bom dia, meu amor — meus pais falam ao mesmo tempo, fazendo-me sorrir.

— Bom dia, menina — é a vez da dona Madalena —, sonhei com você.

— É mesmo? — indago curiosa. — O que sonhou?

— Sonhei — ela me encara por alguns segundos antes de completar a frase — que você brincava na neve.

— Uau, que sonho incrível — digo ao me imaginar segurando a neve entre os dedos. — Queria eu ter tido esse sonho.

O meu sonho foi especial também, mas essa informação guardarei apenas para mim. Sonhei com o Mark e que ele estava aqui comigo.

— Talvez tenha sido um presságio — ela comenta despreocupada —, tenho disso às vezes.

— Que os anjos digam amém!



Os dias passam tranquilos.

Na manhã marcada para a chegada dos meus tios, eu ouço o som do carro antes mesmo de eu abrir os olhos, mas não sinto vontade de sair da cama, nem pelo Lúcio.

Viro de lado e cubro a minha cabeça com o edredom, na tentativa frustrada de abafar o som e dormir mais um pouco, mas com a família mais barulhenta do mundo, fica difícil ignorá-los, por mais que eu tente.

Frustrada, chuto as cobertas para os pés da cama e levanto, fazendo o Costela se animar imediatamente.

— Bom dia, amorzinho. — Faço carinho no seu corpo gorducho de filhote.

Saio do quarto e ele corre em direção a sua guia de passeio, que está pendurada ao lado da porta.

— Primeiro café — digo a ele —, depois passeio.

Entro na cozinha e estão todos lá. Nem parece que estamos a mais de duzentos quilômetros de Florianópolis, pois tudo é igual ao que sempre foi: meus pais, tios e prima inconveniente tomando café da manhã juntos; e barulho, muito barulho. Isso é bom, na verdade, faz com que meus pais se sintam em casa, no seu lar.

Dona Madalena se sente à vontade, participa e ri de tudo, fazendo parte do contexto. Ela se encaixou muito bem na minha família e eu fico imensamente feliz com isso.

— Bom dia — falo depois de tomar o meu café.

— Bom dia — o coro coletivo ecoa pela cozinha.

— Bom dia, Luh — Lúcio me abraça —, que cara feia!

— Não enche — brinco —, acabei de acordar.

— Vamos, anime-se — ele e seu jeito descontraído e de bem com a vida —, o Caco chegará mais tarde, e até lá precisamos descobrir onde as coisas acontecem nessa cidade.

— Nem vem com graça — advirto —, não estou no clima para sair.

— Hoje teremos a noite do carteado e da pizza — meu pai intervém —, fiquem por aqui.

— Ótimo — exclamo —, por mim está decidido. Dona Madalena será a minha dupla. — Ela sorri para mim, de acordo.

— Que chata — Lúcio reclama e dá de ombros frustrado —, você que

sabe.

— Venha, vamos dar uma volta com o Costela. — Bato meu ombro no dele quando passo para pegar a guia.

— Ok.



É final da tarde quando o Caco estaciona a sua moto ao lado do meu carro.

— Boa tarde — minha mãe cumprimenta ao abrir a porta —, seja bem-vindo.

— Obrigado, Nanci — ele fala educadamente. — Desculpa a demora, mas precisei cuidar dos cavalos e passar algumas orientações ao responsável do Haras.

— Sem problemas — ela fala sincera —, você chegou na hora. Estamos nos preparando para pedir algumas pizzas e jogar cartas.

— Cartas? — ele pergunta surpreso.

— Tranca, para ser precisa.

Ele percorre os olhos pela sala até encontrar os meus. Nesse momento, ele franze brevemente as sobrancelhas, mas logo o sorriso volta ao seu belo rosto e ele nos cumprimenta.

— Boa noite a todos.

— E aí? — Lúcio se aproxima para receber o amigo. — Venha, vamos dividir um dos quartos. — Ele abre caminho, seguido por Caco; e ambos desaparecem no corredor.

Dona Madalena irá dormir comigo hoje, pois não divido o quarto com

a Paula por nada nesse mundo. Minha prima dormirá em uma das suítes com o seus pais, já Lúcio e o amigo dormirão no quarto ao lado do meu.

— Será que aqui eles fazem a pizza onde podemos escolher os ingredientes? — pergunto faminta.

— Não sei, filha, podemos tentar. — Minha mãe busca na internet uma pizzeria nas redondezas. — Achei, vamos pedir.

Quarenta minutos depois estamos saboreando nosso jantar. Eu, Lúcio e Caco estamos no sofá, pois os seis lugares da mesa já estão ocupados. Paula está lá, mas seus olhos não saem daqui, sempre de olho no amigo do meu primo. É cansativo e constrangedor.

— De que sabor é essa pizza? — Caco me pergunta enquanto analisa o meu prato.

— Frango, queijo, abacaxi e hortelã — respondo naturalmente.

— Nossa, que esquisito — ele comenta e faz cara de nojo.

— É muito bom, você deveria provar — sugiro.

— Não... Estou bem com a minha pizza napolitana — ele ri e dá uma bela abocanhada no seu pedaço.

Depois da pizza, nos sentamos para jogar. Por ter apenas uma mesa, decidimos que os vencedores de cada partida disputariam a final; sendo então: quatro duplas, dois jogos classificatórios e uma final.

Meu pai acendeu a lareira, deixando o ambiente mais aconchegante. Sento-me no sofá enquanto aguardo a decisão sobre cada dupla. Paula decidiu não participar, alegando estar com dor de cabeça, mas algo me diz que ela não está muito satisfeita com o gelo que o Caco está lhe dando.

Olho o meu celular só para garantir que não há mensagens do Mark. O silêncio continua e eu estou perdendo as esperanças de que ele vai voltar a falar comigo. Suspiro alto, muito chateada com toda essa situação.

Levanto meus olhos do aparelho e flagro o Caco olhando fixamente para mim, e ao perceber, ele desvia o olhar e continua sua conversa paralela com o Lúcio.

Somos as primeiras. Dona Madalena e eu disputaremos contra os meus tios. Já meus pais, disputarão contra o Lúcio e o Caco.

Vencemos; Lúcio e Caco também.

— O que vamos apostar? — Lúcio comenta divertido, adorando o fato que poderá me derrotar no jogo.

— O que quiser — dou de ombros —, você deve estar super enferrujado, não joga há anos.

— Fale por ele — Caco desafia —, sou muito bom na tranca. Andei treinando recentemente. — Seus olhos permanecem nos meus por um tempo a mais do que o necessário.

Desviando o olhar eu respondo:

— Isso não me assusta — olho para a minha parceira —, nem a senhora, não é mesmo?

— Claro que não, menina — ela sorri ao responder. — Se perdermos, faço um bolo bem caprichado — ela sugere.

— De chocolate — peço —, chega de cenoura! — Ela ri e aceita com um movimento de cabeça.

Os meninos se entreolham e dizem ao mesmo tempo:

— De acordo.

— E você, Luh — Lúcio pergunta —, o que vai fazer se perder?

— Lavo seu carro e a moto do Caco. — Me arrependo assim que as palavras saem da minha boca, pois está um frio danado. — E vocês?

— Levo vocês para montar e almoçar novamente no Haras — Caco diz despreocupado.

— Eu adoraria isso — dona Madalena diz animada —, vamos ganhar Luciana, por favor.

Caco sorri com a ingenuidade da minha parceira e sorrimos um para o outro com a promessa silenciosa de levá-la, mesmo se nós perdermos.

— E você Lúcio? — provoco. — Vai preparar o melhor jantar de todos para nós, não vai?

— Fechado! — ele fala com os olhos semicerrados, pronto para o combate, e me faz rir.

A partida começa e preciso dizer que os meninos são bons no jogo, mas felizmente não são páreo para nós.

Depois de um final de 3 x 2, eu e a dona Madalena saímos vitoriosas e felizes com os nossos prêmios: um jantar e um novo passeio no Haras Vilalobos.



Já é tarde e todos estão dormindo quando eu vou até a cozinha para tomar um copo de leite quente, pois estava com muito frio e isso sempre me ajuda a relaxar para dormir. Ao passar pela sala, percebo pelo som do vento que uma das janelas está entreaberta e sigo na sua direção para fechá-la. O vento é tão frio que chega a doer quando encosta na pele. Olho lá para fora e me surpreendo ao ver os flocos de neve caindo livremente. Meus olhos se enchem de água com a emoção que sinto. É tão lindo!

Sem pensar, abro a porta da casa e saio para o jardim, pouco me importando com o fato de eu estar de pijama e pantufas; eu só penso em sentir os floquinhos nas mãos. É a neve que sempre sonhei ver, então, levanto a minha cabeça em direção ao céu, fecho os meus olhos e deixo que os flocos

caiam no meu rosto, apenas apreciando a sensação de senti-los em mim. Abro os meus braços, com as palmas das mãos voltadas para cima, e giro o meu corpo, apreciando a sensação maravilhosa e tão sonhada.

— Luciana. — Escuto a voz rouca e o riso que tanto amo atrás de mim.

— Mark? — Acho que estou delirando, perdida dentro do meu próprio sonho, mas olho mesmo assim. Viro o meu corpo na direção do som e vejo o Caco parado bem próximo a mim. Seus olhos brilham em expectativa de algo que eu não compreendo. — Desculpa, achei que fosse outra pessoa — digo sem graça.

E quando eu estou dando as costas para ele, virando o meu corpo em direção ao jardim para observar a neve cair, ele repete a frase do meu filme favorito:

— Você quer brincar na neve?

As palavras ditas pela dona Madalena, naquele dia na sua casa, quando ela fez a previsão, voltam como *flashes* na minha mente.

“Quando ele te convidar para brincar, você saberá que a ele o seu coração poderá entregar.”

— Mark — digo —, como? — Olho surpresa e completamente encantada, sem acreditar no que está acontecendo.

— Luciana — ele repete o meu nome de forma doce, como sempre faz ao telefone. Ele se aproxima e envolve o meu rosto com ambas as mãos —, como não percebemos antes?

— Sua voz é diferente no telefone... — Ele me cala com o mais puro e terno beijo; um beijo carregado de saudade. É o primeiro beijo que sempre sonhei receber.

— Você não quis me encontrar, mas o destino deu um jeito de ajudar esse coração apaixonado.

— Eu lamento tanto, tive tanto medo...

— Não tenha medo de mim, por favor... — ele sussurra e cola seus lábios nos meus novamente, provando que eu não tenho nada o que temer.

— Eu não tenho — digo quando nos afastamos —, eu não tenho mais.

— Venha, vamos sair do frio — ele sugere e me puxa pela mão —, temos tanto para conversar...

— Sim — eu digo —, principalmente sobre essa história de Caco e Mark. Qual o seu nome, afinal?

Ele sorri amplamente e fala.

— Mark Vilalobos, muito prazer.

Ele me pega no colo e eu grito pela surpresa do ato, então ele beija meus lábios, silenciando-me.

Mark Vilalobos... Eu conheço esse nome; e não é só por causa do Haras. O Haras...

— O Haras é seu? — pergunto surpresa depois de associar os nomes.

— Sim, meu e da minha família — ele sorri lindamente e me coloca no chão, já dentro de casa.

— E por que te chamam de Caco? — pergunto confusa.

Ele me puxa para o sofá e me faz encostar em seu corpo, não suportando a distância. Eu sinto como se tivesse encontrado o meu lugar no mundo.

— Caco, em grego, significa filho de Vulcano, metade homem e metade animal.

— Uau! — digo encantada. — É assim mesmo quando está em cima

do cavalo, não sabemos quem é quem entre vocês, é tão lindo de se ver!

Ele sorri com o elogio e me beija pelos próximos minutos. Tudo pode esperar, qualquer assunto, qualquer dúvida; tudo ficou suspenso por alguns instantes.

E então eu me lembro.

— Você não me ligou mais, nem mandou mensagem — digo chateada —, não queria falar comigo...

— E isso foi uma das coisas que me fez reconhecer você — ele sorri e não nega o que eu acabei de dizer, deixando-me ainda mais chateada. — Doeu mais em mim do que em você ficar longe durante esses dias... Eu queria que sentisse a minha falta, e que no final, quisesse me encontrar... Sinto muito — ele explica.

— Teria funcionado — confesso —, mas você me encontrou antes disso. Como sabia?

— Juntei dois mais dois — ele acaricia meus cabelos enquanto conta —, o mesmo nome; a vizinha idosa que tinha mencionado no começo das nossas conversas, a tal amiga do senhor do bingo — ele ri ao lembrar —; o sonho em ver a neve; os jogos de tranca em família; a capa do seu celular, esse que você não tira os olhos na expectativa de receber uma mensagem e que é do seu filme favorito; o fato de eu nunca ter escutado um latido antes da visita ao Haras; e, principalmente, as pantufas — ele ri enquanto busca a foto no próprio celular —, exatamente as mesmas de quando assistimos ao filme juntos — ele mostra a foto que eu enviei naquele dia —; porém certeza mesmo, eu só tive quando você falou o meu nome, e nesse momento eu achei que o meu coração fosse explodir de tanta felicidade.

— Ah, Mark... — Uma lágrima cai pelo meu rosto. — Eu ainda não estou acreditando em tudo isso, é tão surreal!

— É, sim — ele concorda —, não vamos desperdiçar essa bênção que recebemos.

— Nunca — digo enfim.

Permanecemos abraçados e olhando a neve cair pela janela durante a próxima hora e um pouco além dela. Fomos tão abençoados, que o medo volta a me dominar, pois está tudo tão perfeito que é difícil acreditar que isso exista realmente.

— Está com sono? — ele pergunta depois de um tempo em silêncio.

— Não quero dormir. — Me agarro mais forte ao seu corpo e ele entende que eu não quero me afastar.

— Teremos muito tempo — ele sorri lindamente —, não vou a lugar nenhum sem você.

— Promete?

— Prometo.

Selamos nosso acordo com um beijo.

— Amanhã de manhã estarei aqui esperando por você.

— Tudo bem — concordo —, boa noite, Mark — me despeço como nas nossas conversas telefônicas e ele sorri.

— Boa noite, Luciana — ele ri daquele jeito que me deixa louca e, percebo, então, que esse riso é só meu, pois nunca o vi rindo dessa forma quando não sabíamos quem éramos. Meu coração derrete de vez.

Capítulo 17

Ouço o som das vozes dos meus familiares e olho para o relógio. Ele marca 9h35min, e me repreendo mentalmente por ter dormido demais.

Levanto e me preparo para encarar o dia, porém hoje capricho um pouco mais no visual, pois quero agradar o Mark e me sentir confiante. Visto as roupas de costume; calça jeans e suéter, mas dou uma atenção maior aos meus cabelos e passo um brilho nos lábios.

Antes de entrar na cozinha, eu paro na porta e vejo que todos estão acordados. Mark está encostado na parede oposta a mim e sorri lindamente quando me vê. Ignorando a presença de todos, como todas as manhãs, sigo na direção oposta à cafeteira, indo direto ao seu encontro.

Ele me recebe de braços abertos e beija meus lábios com carinho, pegando todos de surpresa.

— Bom dia, dorminhoca — ele diz baixinho para que somente eu possa ouvir.

— Bom dia — falo tão baixo quanto. Coloco o meu rosto no seu peito, tentando me esconder pela timidez e pela atenção que estamos recebendo.

— Finalmente! — Lúcio fala entre risos.

Chocada, olho para o meu primo, que sorri radiante em ver Mark e eu juntos. Vejo então a Paula: seus olhos pegam fogo e parecem que irão me perfurar com toda a raiva que ela exala. Ignoro a sua presença e falo:

— Como assim, finalmente? — pergunto confusa. — Você está por trás disso?

— Só um pouquinho. — Ele ignora a irmã, que agora direciona a sua fúria para ele.

— Você sabia disso? — pergunto ao Mark, que parece tão confuso quanto eu.

— Juro que não — ele diz sincero.

— Filha — minha mãe se levanta da mesa e vem ao nosso encontro —, vocês estão juntos? — ela pergunta curiosa e radiante.

Fico sem saber o que dizer, pois tudo é recente demais, e não sei como explicar ou definir o que temos. Mark, por sua vez, não parece ter dúvidas ao responder por mim:

— Juntos — ele me abraça com ternura —, tudo bem por vocês? — Ele olha para a minha mãe e meu pai simultaneamente.

Meu pai apenas sorri e faz um leve aceno positivo com a cabeça, enquanto enfia um pedaço de pão na boca. Ele parece feliz com a novidade. Minha mãe, discreta como é, pergunta:

— E o rapaz das mensagens? — ela fala entredentes, achando que apenas eu pudesse ouvir, o que não foi o caso.

— Mãe! — falo alto, sem acreditar em como ela foi indiscreta.

Sei que não foi por mal, foi apenas por falta de tato, e isso fez o Mark rir. Fico imaginado a confusão caso eles não fossem a mesma pessoa, no vexame que eu passaria.

— É ele, mãe... — digo com os olhos arregalados, olhando fixamente para ela, chamando a atenção pela cena que ela está criando. — Descobrimos ontem.

— Verdade? — ela fala mais alto ainda. — Você é o rapaz que anda

conversando com ela?

— Parece que sim — ele brinca com a situação —, a não ser que ela esteja de conversa com outro e eu não esteja sabendo.

— Claro que não — dou um tapa de leve no seu braço —, seu bobo.

— Que alegria saber que você é você e não um doido varrido querendo se aproveitar da minha menina! — Ela e seu jeito exagerado... Sem pensar duas vezes abraça nós dois ao mesmo tempo. — Estou feliz com a notícia.

— Mãe... — digo outra vez, tentando fazer com que ela entenda que estou com vergonha. — Desculpe — digo ao Mark, totalmente sem graça.

— Estou adorando tudo isso. — Ele beija minha cabeça.

— Venha, vamos tomar café — falo.

— A Luh está mesmo envolvida, cuide bem da minha filha — meu pai fala para ele. — Nunca tinha visto ela preferir algo ou alguém — ele faz um gesto com a mão indicando o Mark — antes do café.

— Isso é verdade — Lúcio comenta divertido —, estou de prova que isso nunca tinha acontecido antes.

Pego a minha xícara e levo o Mark para a sala, afastando-o de todo esse alvoroço. Assim, poderemos conversar e ficar juntos, longe de certos olhares.

— Nossa, me desculpe por isso — comento enquanto sento-me no sofá.

— Não se desculpe, está tudo bem — ele responde despreocupado —, eu adoro o jeito da sua mãe, é natural. Eu a admiro por isso.

Sorrio com a sua perspectiva.

— Me conta — peço séria —, o que acontece entre você e a Paula?

Antes eu não me importava, mas as coisas mudaram.

— Eu não gosto dela — ele diz simplesmente.

— Por quê?

— Bom, para te explicar, preciso te contar algo antes. — Ele se aproxima de mim e me puxa para perto do seu corpo. Encosto no seu peito e ele começa a falar. — Lembra que eu te disse que sou um jogador?

— Sim, eu me lembro.

— Eu jogo polo.

— Polo? — pergunto encantada. — Por isso os cavalos... — pensando alto.

— Sim, e eu treino na Argentina.

— Sim, o Lúcio me disse que chegou há pouco tempo... em férias — me dou conta que ele precisará voltar em algum momento. — Quando você vai voltar? — pergunto com o coração apertado ao imaginá-lo longe de mim tão cedo.

— Eu não sei... — ele responde pensativo. — Preciso decidir algumas coisas, mas depois falamos disso. Deixe-me contar sobre a Paula.

— Ok.

— Certa vez, ela foi visitar o Lúcio lá na Argentina. Foi a primeira vez que nos vimos e eu a tratei muito bem, pois, a meu ver, ela é a irmã do meu melhor amigo e ele merece isso.

— Mas? — pergunto ansiosa pelo resto da história.

— Um dos passeios que o Lúcio a levou foi em um dos meus jogos de polo. Ela, por sua vez, viu que sou conhecido e enlouqueceu. Decidiu que eu seria dela de qualquer maneira e começou as investidas. Nunca dei bola, nunca retribuí uma cantada — ele puxa meu rosto delicadamente para ele,

para que nossos olhos se encontrem e eu saiba que ele está sendo sincero —, eu juro.

— Eu sei — digo com carinho —, eu vejo.

— Só que um dia, ainda nessa viagem, ela invadiu meu quarto sem que eu percebesse, e quando saí do banho, ela estava deitada na minha cama, em uma tentativa bizarra de me seduzir.

— Isso é bem a cara dela — comento. — Devo perguntar se ela estava nua ou irei preferir não saber?

— Você vai preferir não saber — ele faz uma careta. — Sinto muito, querida.

— Não foi sua culpa, conheço bem a prima que eu tenho. Fiquei anos sem vê-la e recentemente minha mãe me convenceu a dar mais uma chance a ela, porém eu não consigo; apenas a tolero no mesmo ambiente que eu — explico —, o que foi um avanço, por sinal.

— Eu percebi — ele dá de ombros —, e quem te culparia?

— Minha mãe e minha tia. Elas cismaram em nos aproximar de novo, mas não vai acontecer, muito menos agora, que eu tenho algo que ela quer — sorrio maliciosa, brincando, e pouco me importando com a obsessão dela pelo Mark.

— Pois é... Desde então, sempre que nos encontramos, ela tenta alguma coisa, mesmo depois do fora que eu dei naquele dia e todos os que se seguiram depois. Ela é cansativa, mas pelo menos o Lúcio entende e respeita o fato de eu querer distância.

— Falando em Lúcio, precisamos saber que história é essa de ele ter algo a ver com a gente.

— Sim, fica tranquila — ele acaricia meu rosto —, ele vai nos explicar tudo.

E ele explicou. Lúcio foi o responsável por ter trocado o número do

tal Felipe pelo meu, e ele fez de propósito.

— Quando contei a minha mãe que eu voltaria ao Brasil dentro de pouco tempo para abrir o meu restaurante, quis saber como todos estavam, inclusive você, Luh — Lúcio conta despreocupado. — Ela me disse que sabia pouco, pois você estava afastada da família ainda, mas a tia Nanci sempre a mantinha informada, como, por exemplo, no fato de você estar sozinha. Você me conhece, Luh, sabe que eu a amo como uma irmã, assim como amo o Caco como um irmão também, então pensei: por que não? Estávamos os dois voltando para o Brasil, tudo tão fácil, que eu só dei um empurrãozinho no destino. Tudo poderia ter dado errado, poderia ter sido apenas uma mensagem de engano, mas vocês fizeram acontecer, pois tinha que ser.

— Meu Deus, Lú — falo chocada com a sua confissão —, eu não acredito!

— acredite — ele sorri orgulhoso —, e pode me agradecer também.

Mark, que estava ao lado dele, fala logo em seguida ao tapa que deu na cabeça do amigo.

— Você podia ter me contado.

— Nunca — Lúcio debocha —, você é correto demais e não teria aceitado uma coisa dessas.

— Isso é verdade — ele responde —, não teria mesmo.

— Viu só — ele ri —, o destino me agradece pelos serviços prestados — ele faz uma reverência como se estivesse agradecendo ao público depois de uma peça de teatro.

— Pilantra... — digo enfim.



— Quer dar uma volta lá fora? — pergunto ao Mark. — Está nevando

de novo.

— Claro — ele responde sem pensar.

Caminhamos de mãos dadas e em silêncio por alguns minutos, apenas apreciando o momento.

— Eu me sinto realizada. — Paro de andar e volto o meu corpo de frente para o dele. — Nem acredito que realizei meu sonho — pego na mão um floquinho que cai próximo a nós, mostrando que me refiro a neve —, e ainda por cima encontrei você.

— Eu sei — ele respira fundo e me abraça —, parece um sonho.

— É real — discordo —, hoje eu sei que eu sonhei a vida inteira com a neve, pois no fundo, aqui dentro de mim — ponho a mão, a mesma que eu seguro o floquinho, no meu coração —, eu sentia que o amor chegaria junto com ela; e você chegou.

— Luciana — ele diz meu nome daquele jeito que eu amo —, eu estou completamente apaixonado por você.

Ele me puxa para perto e me beija. Um beijo intenso, repleto de promessas. Um beijo que me faz suspirar.

— Eu também — digo enfim.

Capítulo 18

— Me conta sobre o polo — peço curiosa.

— Eu amo — ele olha para mim e sorri, enquanto andamos de mãos dadas e curtimos a neve —, sempre amei os cavalos e o polo veio junto com essa paixão. No início era apenas um professor particular lá no Haras, mas eu era bom, então ele me colocou para jogar e aí eu me encontrei, sabia que era isso o que eu queria fazer. — Ele levanta minha mão e leva aos seus lábios para beijá-la. — Depois surgiu o convite para treinar na Argentina. Lá, o esporte é mais forte que aqui no Brasil, e eu aceitei. Aprendi muito e cheguei onde estou.

— Desculpa a minha ignorância sobre o assunto, eu não sei nada sobre o jogo. Há uma seleção nacional, como no futebol?

— Sim — ele sorri lindamente —, eu faço parte dela. — Ele me olha rapidamente, com timidez. — Ganhamos o Mundial no ano passado — ele conta orgulhoso.

— Caramba! — falo impressionada. — E por que não me disse antes?

— Pelo simples fato de que eu queria que você gostasse de mim pelo que eu sou e não pela minha fama.

— Como a Paula... — constato.

— Como a Paula... — ele concorda. — E tantas outras.

— Onde eu fui amarrar o meu bode? — digo rindo, mas no fundo me sinto insegura com esse tanto de mulheres que ele citou.

Ele entra na minha frente, fazendo com que a gente pare de andar e que ele possa olhar nos meus olhos enquanto fala.

— Só você — ele diz convicto e decidido —, desde que começamos a conversar é só você.

Puxo seu corpo para junto do meu e o beijo apaixonadamente, para só depois responder.

— Idem. — Me afasto com pesar e começamos a andar novamente. — Agora me conte um pouco sobre o jogo em si, não sei nada a respeito — peço gentilmente, pois estou muito interessada em saber mais da sua vida.

— O polo nasceu na Índia, inspirado na caça a pequenos roedores — ele se anima ao falar do esporte. — Jogamos em um campo, com uma bola de madeira ou plástico. São duas equipes com quatro jogadores, e estes, são numerados de acordo com a sua função: 1 e 2 são atacantes, 3 é o meio de campo e o 4 é a defesa. O jogo é dividido por períodos de 7 minutos e meio cada, com 3 minutos de intervalo entre eles.

— Que máximo! — comento admirada, pois nem imaginava — Você usa o mesmo cavalo o jogo inteiro?

— Não, normalmente trocamos de cavalo a cada período ou antes, se necessário. Temos que pensar na segurança do animal e não forçá-los demais. Os melhores cavalos são da raça polo, criada na Argentina; e o puro-sangue inglês.

— Como o Apolo. — Lembro que ele comentou no restaurante sobre seu apego por um cavalo em especial.

— Sim — ele sorri ao se lembrar do amigo equino —, o Apolo é mesmo especial. Um dia você irá conhecê-lo.

— Espero que sim — sorrio ao me imaginar fazendo uma viagem para a Argentina —, seria maravilhoso.



Voltamos para casa, onde os preparativos do churrasco estão a todo o vapor.

— Luh, que bom que voltou — minha mãe fala agitada —, preciso de um favor.

— Pode falar, mãe. — Acho engraçado o jeito que ela se desespera à toa.

— Acabou o sal grosso — ela diz em pânico —, como fui distraída. Comprei as carnes, o carvão, a salada, a maionese e esqueci o sal grosso!

— Fica calma, Nanci — Mark diz tranquilamente. — Posso buscar.

— Ah, querido, obrigada — ela sorri de maneira amável —, mas vou pedir que ajude o Samuel com a churrasqueira, enquanto a Luciana busca o sal, pode ser?

— Claro que sim — ele beija minha testa em despedida e demora um segundo a mais que o normal para sentir o cheiro do meu cabelo —, até já. — E segue na direção do quintal e ao socorro do meu pai.

— Ele é um bom rapaz — minha mãe o acompanha com os olhos —, você tem sorte, assim como eu tive também. — Ela me encara e posso ver o amor que ela sente por meu pai, mesmo depois de tantos anos de casamento.

— Eu sei, mãe — falo completamente consciente da sorte que eu tive. — Eu sei.

— Vá, me traga dois pacotes de sal grosso, por favor — ela volta à sua animação de costume e encerra o assunto —, e cuidado na rua, o asfalto está escorregadio por conta da neve.

— Pode deixar.

Vou até a mercearia mais próxima e compro o sal e duas barras de

chocolate que irei dividir com o Mark depois que todos estiverem dormindo.

Estou a menos de um quarteirão da casa, quando vejo a Paula e o Costela parados em frente à porta. Ela está séria, olha fixamente na minha direção enquanto segura o Costela pela coleira.

Costela.

Então, ela fala algo para ele e o solta. Ele corre em disparada para cima do carro, me assustando. Por impulso, piso forte no freio, fazendo com que o carro derrape, perca a estabilidade, escorregando no asfalto.

Desesperada, tento segurar o veículo ao mesmo tempo em que desvio do meu cãozinho. Acabo batendo em uma árvore na calçada oposta à da casa dos meus pais, e, por sorte, nada de grave aconteceu.

Saio do carro e a primeira coisa que vejo é o Costela vindo na minha direção. Ele está assustado, então eu o pego no colo para acalmá-lo.

— Está tudo bem. — Acaricio o seu corpinho e sinto o seu coração disparado na palma da minha mão.

Vejo que a frente do meu carro foi ralada pelo contato com a árvore, então me dou conta do que acabou de acontecer: a Paula soltou o Costela de propósito e com a intenção de causar um acidente. Olho em volta, procurando por ela. Sou capaz de matá-la, tamanha a raiva que sinto.

Mark, ao ouvir o barulho, corre para fora de casa, e assim que me vê, seu rosto assume uma feição de alívio e, então, ele vem na minha direção.

— Você está bem? — Ele me abraça com certo desespero. — Está machucada?

— Estou bem — digo possessa — foi ela, foi a Paula.

— Nós vimos — ele afirma.

Entro em disparada para dentro de casa, seguida de perto pelo Mark.

— É verdade — minha mãe afirma chocada —, eu vi.

— Não pode ser — tia Noemi não consegue acreditar no que ouviu —, deve estar havendo um engano.

— Não, mãe — Lúcio fala chateado pelo que a irmã acabou de fazer —, eu a escutei atijando o Costela e o soltando assim que viu o carro da Luh se aproximar.

— Onde ela está? — pergunto furiosa.

— Estou aqui — ela diz encostada na parede do corredor, só assistindo à cena de longe, completamente despreocupada.

— Sua desgraçada — tento uma investida para cima dela, porém Mark me segura —, o que pretendia com isso? Me matar? Matar o Costela?

— Eu odeio você — ela diz entredentes, confessando todo o seu ódio por mim —, odeio!

— Que é isso, filha? — Tia Noemi balança a cabeça de um lado para o outro, tentando entender o que está acontecendo. — Por que está falando desse jeito?

— Porque é verdade! — ela está transtornada. — Essa garota tirou tudo de mim. Primeiro ela roubou o meu irmão — Lúcio a encara chocada e sem acreditar no absurdo que ela diz —; depois os meus amigos — ela se refere aos nossos amigos comuns da época da escola, o que a torna ainda mais maluca, pois eu não tinha amigos —, e agora o Caco.

— Você é louca — sussurro, mas todos escutam.

— Louca? — As lágrimas de raiva escorrem pelo seu rosto, fazendo o rímel manchar a sua pele. — Você que é dissimulada, se faz de boazinha e todos caem na sua conversa. Quando você voltou para a família, eu não acreditei! Foi bem quando o Lúcio voltou da Argentina, como a luz e a mariposa; um sempre buscando o outro, insuportável! Até os nomes de vocês começam com a mesma sílaba... — Ela olha com desprezo para o irmão. —

Você sempre a protegeu, nunca se importou comigo... Sempre foi ela! E agora isso! — Ela olha para mim e para o Mark. — Eu disse que ele era meu!

Nesse momento o Mark me solta, me incentivando a fazer o que está entalado na minha garganta há anos.

— Cala a sua boca, criança mimada. — Acerto o seu rosto com a palma da minha mão. — Nunca mais fale comigo, nunca mais apareça na minha frente ou eu não me responsabilizo pelos meus atos!

— Saia da minha casa! — minha mãe finalmente acorda e enxerga a verdadeira face da sobrinha. — Eu sinto muito, Noemi, mas a sua filha passou de todos os limites e não é mais bem-vinda aqui.

— Eu sei — tia Noemi fala decepcionada —, me perdoem — ela fala para os meus pais e para mim — por não ter educado minha filha direito.

Meu tio pega a filha pelos cabelos e a arrasta para o quarto. Minha tia vai atrás, não sem antes passar por nós e dizer com a cabeça baixa que sente muito.

— Me perdoa — minha mãe me abraça apertado —, você tentou me mostrar, me disse inúmeras vezes que ela não presta e eu não acreditei em você.

— Tudo bem, mãe — retribuo o abraço —, ela sempre se fez de boa moça na frente de vocês... Eu compreendo.

— Vem — Mark chama a minha atenção para ele —, vamos dar uma volta. — Ele me tira de casa, evitando que eu passe por mais algum aborrecimento. E quando voltamos, a Paula e meus tios já tinham ido embora.

Melhor assim.

Capítulo 19

Meus tios irão assumir o custo do conserto do meu carro e, segundo eles, é o mínimo que podem fazer, depois do absurdo que a Paula fez.

Meus pais cortaram relação com a sobrinha e, tanto minha tia Noemi quanto o meu tio Inácio entendem e respeitam essa decisão. Fico feliz que eles saibam separar as coisas, pois caso contrário, ficaria péssima em saber que minha mãe se afastou da irmã que tanto ama.

Estou voltando hoje para Florianópolis, pois a dona Madalena não está se sentindo bem. Não sei se os acontecimentos recentes mexeram com a sua pressão ou se ela está mesmo apenas cansada, como afirma. De qualquer forma, acho melhor levá-la para casa e chamar um médico, se necessário.

Estamos na estrada. O Mark nos acompanha de perto com a moto.

Sorrio cada vez que olho para o retrovisor e o vejo nos seguindo. Ele fica lindo em cima do veículo, mas nada se compara a quando ele está em cima de um cavalo. Pego-me pensando na primeira vez em que eu o assistir jogando: haja coração!

A despedida não foi tão ruim desta vez. Dar adeus aos meus pais me pareceu mais fácil, possivelmente pelo fato de eu ter visto como eles estão bem instalados e felizes. Ir até Urupema não é uma viagem longa, é possível que a cada quinze dias eu consiga visitá-los.

— Chegamos. — Dona Madalena dorme profundamente no banco do passageiro; então, ponho a minha mão com delicadeza no seu braço para acordá-la.

Ela abre os olhos devagar, tentando se situar e ver onde está.

— Chegamos? — ela pergunta perdida e eu estranho o seu comportamento.

— A senhora está bem? — pergunto preocupada. — Quer que eu chame um médico?

— Não, menina — ela começa a se mexer para sair do carro —, estou apenas cansada. Não tenho mais vinte anos e meu corpo sente o peso da idade — ela tenta sorrir, mas não me convence.

Mark estaciona a sua moto ao lado do meu carro. Quando entramos na garagem, eu o apresentei para o Manoel, dizendo que a partir de hoje ele poderia usar a minha segunda vaga sempre que viesse me visitar.

Ele me ajuda com a dona Madalena, e quando estamos na porta do seu apartamento, me sinto insegura em deixá-la sozinha.

— A senhora tem certeza que está bem? — insisto.

— Tenho — ela me abraça gentilmente e posso sentir a sua fragilidade —, pode ir. Obrigada pela viagem, eu simplesmente amei.

— Tudo bem — falo vencida —, se precisar de alguma coisa, me chama, por favor.

— Certo — ela começa a fechar a porta —, comportem-se. — Ela ainda tenta parecer divertida.

— Tchau — sussurro, mas a porta já havia fechado.

— Ela vai ficar bem — Mark tenta me alegrar.

— Vai, sim — sorrio para ele e tento ser otimista. — Mais tarde passo aqui para ver como ela está.

Ele me puxa para junto do seu corpo e me beija docemente.

— Enfim, sós — ele comenta com um sorriso malicioso nos lábios.

Costela late alto, nos assustando.

— Ciumento! — falo para o cão, fingindo estar brava. — Venha, vamos entrar. Não repare, é simples, mas é meu.

— Vou reparar, sim — ele rouquejou e fez as minhas borboletas vibrarem dentro de mim, enquanto olha fixamente nos meus olhos, dando-me a entender que ele vai reparar em outras coisas além da casa.

— Mark — advirto —, vamos devagar... — Lembro-o do nosso acordo, mas torço para ele ignorar.

— Não — ele ri daquele jeito que eu amo —, quase te perdi com essa história de ir devagar.

E quando estamos dentro do meu apartamento e com a porta fechada, ele me puxa para seus braços e me beija como não havia beijado ainda: com pressa e com o ardor que só a paixão é capaz de ter.

— Mark... — falo o seu nome, mas não quero que pare.

— Seja minha — ele pede e nos seus olhos cor de mel eu encontro o amor.

— Sim — encosto minha testa na dele —, mil vezes, sim.



— Preciso voltar para a Argentina — ele fala inseguro e desanimado —, mas não quero ir.

Estamos deitados na cama, depois de termos feito amor pela primeira vez. E foi perfeito, exatamente como deveria ser: com amor e respeito.

Ele me amou de uma forma intensa, mas ao mesmo tempo com

carinho e cuidado. Eu via nos seus olhos o quanto aquele momento foi importante e especial, o quanto ele me desejava e, acima de tudo, o quanto me amava.

Eu sou mesmo uma garota de sorte.

— Não queria que fosse — falo com cuidado —, não me entenda mal; eu sei que é a sua profissão, mas não quero me separar de você. Logo agora que nos encontramos... Tivemos tão pouco tempo... — Uma lágrima cai dos meus olhos, molhando o seu peito, onde estou deitada.

— Eu sei — ele acaricia meus cabelos, enquanto olha pensativo para o teto do meu quarto —, eu também não queria me afastar, mas não é uma separação, querida — ele fala com carinho, de forma doce —, é um distanciamento temporário.

— Só vamos nos ver nas férias — constato —, não sei se vou conseguir suportar essa distância. Sua vida e sua carreira estão lá, já a minha está aqui.

— Não vamos nos precipitar — ele fala confiante —, daremos um jeito — ele beija a minha testa e me puxa para cima, a fim de alcançar meus lábios —, eu prometo.

Sinceramente eu não sei como resolver essa questão. Eu não posso e não tenho o direito de pedir para ele ficar no Brasil. Nunca faria isso, nunca interferiria ou prejudicaria a sua carreira, de forma nenhuma.

— Vamos aproveitar o aqui e o agora — peço com o coração apertado pela saudade que já sinto só em imaginá-lo longe de mim.

E foi o que fizemos: aproveitamos os dias restantes como se não houvesse amanhã.

Nos amamos da forma mais bonita que se pode amar, deixando nossos corações marcados para sempre. Eu seria sempre dele, assim como ele seria sempre meu.



O Mark embarca hoje para a Argentina e não estou sabendo lidar com essa separação.

Eu não queria que ele fosse... Estou tão apaixonada que não consigo acreditar que voltaremos às mensagens, como era antes. Agora que o tive em meus braços durante todos esses dias, voltar para o virtual parece um terrível castigo.

Ele veio se despedir da dona Madalena. Ela está cada dia mais debilitada e isso nos preocupa. Ela deixou uma cópia da chave do seu apartamento comigo, e me deu a liberdade de entrar sempre que eu quiser, afinal, ela tem passado a maior parte dos seus dias deitada na cama, sem forças para se levantar. Hoje, quando entramos, vimos que a situação está pior: seus móveis estão cobertos de pó, não há roupas no varal e nem o tradicional cheiro de comida no ambiente, o que prova que ela tem levantado cada vez menos.

Vou arrumar tudo para ela mais tarde. Talvez chame o Lúcio para me ajudar com o jantar.

Encontramos nossa amiga deitada na cama, como esperado. Ela está pálida e cada vez mais fraca.

Olho para o Mark, que tem no rosto a mesma preocupação que eu.

— Dona Madalena, a senhora está bem? — Estou muito aflita em ver como está prostrada. — Quer que eu chame um médico?

— Acho melhor — Mark diz preocupado, sem dar a chance de ela discordar. — Eu tenho alguém para chamar.

Então, ele pega o celular e fala com um conhecido, pedindo para que ele venha imediatamente.

— É o médico da minha família. Seu nome é Alberto, ele é de

confiança e costuma cuidar dos meus pais.

— Obrigada — sussurro baixo, por conta do nó na garganta que impede a minha voz de sair. — Vou ficar com ela e receber o médico — falo com o coração sangrando, pois gostaria de levá-lo ao aeroporto, como combinado anteriormente, para ter a chance de me despedir direito; mas com a situação atual, não será possível. — Não posso deixá-la sozinha, não tão fraca quanto ela está, me desculpe.

— Não se desculpe — ele pede e sua compreensão me emociona —, ela precisa de você.

Ele beija a minha testa e, ao se afastar, olha com pesar para a dona Madalena antes de lhe dizer:

— Estou voltando para a Argentina e vim me despedir.

Ela dá um pequeno sorriso.

— Cuide da menina — ela fala baixo, sem forças até para falar mais alto —, ela é especial.

— Muito especial — ele concorda e sorri docemente para a nossa amiga —, fique tranquila que ela será muito bem-cuidada, como merece ser. — Ele olha para mim e vejo a sinceridade nos seus olhos.

— Estou cansada — ela repete a frase com uma frequência maior a cada dia.

— O médico está vindo — falo para que ela saiba que será cuidada. Ela recusou o médico diversas vezes, mas agora não posso mais ignorar a situação —, a senhora vai ficar bem.

Mark me chama e pede discretamente para falar a sós. Seguimos para a sala e quando estamos a uma distância segura dos ouvidos dela, ele diz:

— Vou esperar o doutor Alberto chegar.

— Se esperar, vai perder seu voo — concluo após olhar o relógio no

meu pulso.

— Ela não está bem, Luh — ele franze a testa, temendo o pior.

— Você precisa se apresentar no trabalho — insisto. — Vá, e assim que eu tiver notícias te ligo ou envio mensagem, caso o seu telefone ainda esteja desligado devido ao avião.

— Tudo bem — ele finalmente aceita.

Após se despedir com bastante carinho da dona Madalena, é a minha vez.

— Vá tranquilo — eu falo confiante —, vai dar tudo certo.

— Eu não sei, querida — ele comenta chateado —, ela não parece bem.

— Eu sei, mas precisamos ser otimistas — tento animá-lo. — Me liga quando chegar. — Me encaixo nos seus braços, não querendo sair nunca mais dali.

— Eu te amo. — Ele não me solta.

— Eu também. — Ficamos abraçados durante bastante tempo, até que, enfim, ele me solta.

— Prometo te encontrar assim que possível — ele protela mais um pouco.

— Sei que vai, e eu estarei aqui te esperando. — Beijo seus lábios uma última vez. — Vá!

Ele foi, não sem deixar um buraco enorme no meu peito. Uma sensação de vazio tão dolorida quanto somente a mais terrível dor física é capaz de dar.

Capítulo 20

Doutor Alberto chegou e examinou a dona Madalena.

— Luciana, as notícias não são boas — ele fala com cuidado. — Acredito que seja conveniente chamar a família para se despedir, pois ela não tem muito tempo.

— Ela não tem família — sussurro para mim mesma, me dando conta de como isso é triste, em como deve ser terrível estar partindo dessa vida sem ter alguém aqui, amparando e dando conforto.

— Veja bem — ele explica —, ela está muito cansada, com oxigenação baixa pela falta de ar e bastante confusa; o que na idade dela nos faz pensar que a sua hora se aproxima.

— Ela estava bem — conto como tudo parecia normal antes da viagem —, e de repente ela começou a ficar caidinha.

— Ela estava bem ou apenas dizia que estava? — ele pergunta e me faz ver a situação por outro ângulo.

— Eu não sei — falo pensativa —, não passo o dia todo com ela, inclusive não são todos os dias que nos vemos, então não posso afirmar.

— Por isso insisto, se ela tiver alguém que queira se despedir, essa é a hora. Não sei quantos dias lhe restam.

— Não há nada que possamos fazer? — pergunto em pânico.

— Eu sinto muito.

Levo o doutor até a saída e me despeço em meio às lágrimas. Assim que eu fecho a porta, fico olhando para ela, ali na minha frente, sem saber o que fazer.

Fico imaginando se não há mesmo ninguém na sua vida, alguém que eu precise avisar. Ela sempre diz que é sozinha e não tem ninguém. Só não sei se isso é verdade ou se ela não quer falar sobre o assunto.

Vou até o seu quarto e ela está dormindo. Não posso voltar para a minha casa e deixá-la sozinha, não mais.

Sento-me na poltrona, ao lado da sua cama, enquanto zelo o seu sono.

Preciso dar a notícia ao Mark. Ele vai ficar arrasado por não poder estar aqui ao meu lado neste momento terrível.

Pego o meu celular e digito as mesmas palavras citadas pelo doutor Alberto momentos antes:

“Não tenho boas notícias. Me liga assim que ler essa mensagem.”

— Oi, menina — dona Madalena acorda e fala baixo, quase sem forças.

— Oi! — Levanto-me da poltrona e vou até ela. Eu me sento na beirada da sua cama, ao seu lado. — Como a senhora está se sentindo?

— Estou muito cansada.

— Dona Madalena — tento abordar o assunto sem levantar suspeitas ou assustá-la —, a senhora não quer que eu chame alguém para ajudá-la ou até mesmo estar com a senhora enquanto não se recupera?

— Não, filha — ela sorri tranquilamente —, eu não tenho ninguém. Quando eu partir dessa vida, reencontrarei meu marido e familiares do outro lado, mas por ora, sou sozinha.

— A senhora não é sozinha — seguro sua mão com carinho para

confortá-la —, tem a mim.

Ela apenas sorri antes de fechar os olhos e dormir novamente.

Ligo para o Lúcio e peço para ele trazer uma sopa com bastante legumes, na esperança de animá-la um pouco. Enquanto ele não chega, eu me ocupo em dar um jeito na casa; tiro o pó, lavo suas roupas e tento deixar tudo um pouco mais organizado, como ela sempre gostou. Depois de ajudá-la no banho, troco a sua roupa de cama para que ela se sinta o mais confortável possível.

Lúcio chega com o jantar.

— Como ela está? — ele pergunta assim que eu abro a porta.

— Fraca — digo simplesmente, pois eu já o havia deixado a par da situação pelo telefone.

Sirvo a sopa e levo até a cama. Ela toma todo o conteúdo e se diz satisfeita ao terminar.

— Obrigada, filho — ela olha para o Lúcio. — Agora leve a Luciana daqui, ela precisa descansar.

— Não — falo indignada —, não vou deixá-la sozinha.

— Vai, sim — ela sorri novamente e eu me pergunto como consegue —, você vai para a sua casa agora, vai cuidar da sua vida e, principalmente, vai dormir na sua cama e não nessa poltrona desconfortável. — Ela faz uma pausa para respirar, bastante ofegante. — Amanhã de manhã você vem me ver.

— Mas... — tento falar e ela me interrompe novamente.

— Por favor — ela pede determinada —, ou eu juro que eu pego o meu guarda-chuva.

Rio e choro ao mesmo tempo, escapando um soluço sem controle.

— Vamos, Luh — meu primo me chama —, essa é a vontade dela.

Abraço a minha amiga com todo o amor que posso lhe dar. E ao me afastar e olhar novamente para ela, sinto que esse é o nosso adeus.

— Obrigada — ela diz antes de eu sair —, por tudo.

— Eu que agradeço.

Saio do seu apartamento com medo do que eu irei encontrar quando voltar.



Lúcio me deixa na porta de casa e não entra. Ele sabe que eu preciso ficar sozinha para assimilar o que está acontecendo. Acho que a dona Madalena e eu não somos diferentes, afinal. Nos despedimos com a promessa de ele voltar amanhã cedo, e pediu para que eu o espere antes de visitar a minha amiga e vizinha. Acredito que ele também teme o pior.

Por mim, não a deixaria sozinha, não estou em paz com isso; mas essa foi uma decisão dela e eu tenho que respeitar.

Meu telefone toca e, para a minha surpresa, não é o Mark, como eu esperava que fosse, e sim o investigador que está cuidando do meu caso da boate.

Sinceramente, depois de todos esses acontecimentos recentes, eu tinha até me esquecido dele. Primeiro foi o meu encontro com o Mark e a grata surpresa em saber que ele era o Caco; depois essa situação com a dona Madalena.

— Como vai, investigador? — cumprimento ao atender o telefone.

— Vou bem, obrigado — ele responde educadamente. — Estou ligando para contar as novidades: o *barman* confessou que colocou a substância na sua bebida a pedido de outra pessoa.

— Sério? — pergunto surpresa. — E ele falou quem é essa pessoa?

— Sim, a sua prima Paula.

— Isso não me surpreende — comento normalmente, esquecendo com quem estou falando —, depois do que ela fez alguns dias atrás, eu acredito em qualquer coisa.

— O que ela fez? — ele parece interessado, querendo saber se é caso de polícia.

— Ela poderia ter me matado, soltou o meu cãozinho de propósito quando me viu chegando em casa. Ele correu na minha direção e para não o atropelar, desviei rapidamente, e isso me fez bater em uma árvore.

— Você gostaria de abrir uma queixa contra ela? Seria algo a mais no processo, já que não temos provas, além do depoimento do rapaz.

— O que o fez falar depois de tanto tempo? — Estou mesmo curiosa.
— Ele não contou no depoimento, por que somente agora?

— Segundo ele, cansou de esperar ajuda da sua prima, que sabia que ele estava encrocado e não fez nada para ajudá-lo.

— Bom, isso é a cara dela — comento —, e o que vai acontecer agora?

— Vou chamá-la para depor novamente. Vamos ver o que ela tem a dizer sobre isso. Entenda que não há provas contra ela, apenas o depoimento de alguém que pode estar mentindo.

— Entendo o que quer dizer, a justiça tem que levar em conta que o *barman* pode estar querendo prejudicá-la com uma acusação falsa, o que eu duvido.

— Exatamente.

— Certo, obrigada por enquanto.

— Luciana — ele impede que eu desligue —, só para você saber, o rapaz será indiciado por danos morais, por ter aplicado o golpe do “Boa noite, Cinderela”, com pena de três meses a um ano de reclusão, já que não houve roubo e não se enquadra no artigo 157 do Código Penal Brasileiro.

— Tudo bem, eu só lamento a situação do moço que, por má influência, se meteu em uma enrascada e possivelmente assumirá a culpa sozinho.

— São as escolhas que cada um faz — ele comenta despreocupado e muito acostumado com os casos que investiga. — Toda a escolha tem uma consequência, simples assim.

— Verdade — digo enfim —, obrigada por me manter informada.

— Tudo bem, qualquer novidade entro em contato.

Desligo o telefone e me surpreendo por não estar sentindo nada a respeito do que acabei de ouvir; em saber que a Paula já não é mais capaz de abalar as minhas emoções. Isso é bom, pois ela finalmente ocupa a posição que sempre deveria ter tido na minha vida: a nada, a coisa nenhuma, a ninguém.



Já é tarde quando o Mark me liga.

— Oi, querida. Como estão as coisas?

— Ruins — digo chateada —, eu só queria que você estivesse aqui comigo.

— Eu queria estar... — sua voz sai baixa e com tristeza. — Só Deus sabe como eu queria estar aí.

— Eu sei.

— Me conta, o que o médico disse?

Então eu conto tudo o que ele falou, que o Lúcio trouxe a sopa e que depois de comer ela nos mandou embora.

— Ela não quer dar trabalho e nem te ver triste — ele conclui ao ouvir a história.

— Acredito que sim, mas me dói deixá-la sozinha.

Conto também sobre a ligação do investigador.

— E o que fará a respeito? — ele pergunta, indignado com a atitude da Paula, mais uma vez. — Ela tem que pagar.

— Não há provas, querido — falo tranquila para demonstrar que eu realmente não me importo, não mais. — Sabe como são as leis do nosso país, no final nada acontecerá a ela.

— Isso é um absurdo! — ele não se conforma.

— O mais importante para mim, o que eu mais queria desde o início, aconteceu.

— O quê? — ele questiona curioso.

— Que a minha família enxergasse a verdadeira face da Paula, o que ela realmente é e o que é capaz de fazer.

— Mesmo assim não é justo — ele insiste.

— Em relação a ela, essa é a única coisa que me importa — digo enfim.

Capítulo 21

Lúcio chega bem cedo na manhã seguinte, como o prometido.

— Vamos? — Ele estende a mão para mim.

— Vamos.

Respiro fundo e atravesso o *hall* do elevador. Com as chaves que a dona Madalena havia deixado comigo, entro no seu apartamento.

Eu não sei dizer como, talvez por toda a magia inexplicável que a envolve desde o começo — algo que eu nunca irei compreender —, mas assim que entro na sua casa, sinto que ela não está mais entre nós.

Caio de joelhos no meio da sala e choro.

— Calma, Luh — Lúcio tenta me acalmar, mas ele não compreende.
— Vamos ver como ela está.

— Ela se foi — Olho para cima e encontro os seus olhos confusos. —
Eu sei.

Ele segue apressado em direção ao quarto e não demora a voltar.

— Sim, você tem razão — ele fala inconformado. — Como sabia?

— Eu não sei. — Ele me puxa para cima, me ajudando a levantar, me abraçando enquanto eu choro nos seus braços.

— Eu quero vê-la — digo depois que me acalmei um pouco.

— Você tem certeza?

— Tenho.

Sigo para o seu quarto e a encontro na cama, exatamente como a deixamos ontem. Quanto tempo demorou para ela partir? Será que ela sentiu dor?

— Ela parece estar dormindo — comento enquanto eu chego mais perto. Me aproximo e confiro a sua pulsação: nada. — Vá em paz, minha amiga.

Entre as suas mãos, vejo um pedaço de papel dobrado. Do lado de fora está escrito o meu nome. É uma carta, então eu leio:

“Querida Luciana,

Estou tão cansada.

Eu sei que a minha hora está chegando, e eu estou bem com isso.

Vou finalmente reencontrar o meu João.

Depois de uma vida juntos, estar cinco anos longe, me parece tempo demais.

Agora você entende, pois encontrou o verdadeiro amor; aquele no qual você não acreditava. Nem mesmo quando ele estava embaixo do seu nariz você enxergou, pois se achava incapaz de amar.

Eu sempre soube, desde que o vi pela primeira vez no Haras...

Antes de partir, quero deixar uma coisa para você. Sabe que eu e o meu João não tivemos filhos; e você foi, nessa reta final, como um anjo em minha vida. Me trouxe alegria e realizações, fazendo os meus dias mais coloridos.

Te agradeço muito, menina.

Fez dos meus dias especiais e serei eternamente grata.

Quero que fique com a minha caixa de pedras. Aquela...

Ela é especial demais para mim e eu não ficaria em paz sabendo que ela estaria largada em um lixo qualquer.

Guarde-a com você; e se for a sua vontade, estude litomancia. Ela poderá te surpreender, de novo...

Seja feliz, menina.

Até o nosso reencontro.”

Capítulo 22

O funeral da dona Madalena foi muito bonito. Havia muitas flores e mais pessoas do que eu imaginava. Estavam presentes, além do Manoel, alguns vizinhos do nosso condomínio, que de alguma forma ficaram sabendo sobre o seu falecimento e vieram prestar a sua última homenagem.

Meus pais vieram de Urupema para a cerimônia e agora estão hospedados na minha casa. Meus tios e primo também foram ao enterro, sem a companhia da Paula.

— O que aconteceu com a tia Noemi? — pergunto curiosa. — Ela e a Paula nunca se desgrudam — comento, achando estranho o fato de nunca ter visto a minha tia sem a companhia da filha.

— Ela a expulsou de casa — minha mãe conta chateada. — E quem vai julgar? Depois da ligação do investigador, essa foi a gota d'água.

— Segundo o próprio investigador, não temos certeza; será a palavra dela contra a do *barman*.

— Sim, na questão judicial vai ser isso mesmo, ela nunca dará o braço a torcer, mas no calor da discussão entre elas, quando a Noemi a colocou contra a parede, ela acabou falando. — Minha mãe faz uma careta ao contar, como se estivesse com nojo.

— Sério? — Não estou surpresa com a confissão da infeliz, e sim admirada com a coragem da minha tia.

— Sim, e a Noemi a expulsou de casa, porque a Paula se negou a fazer terapia ou um acompanhamento psiquiátrico.

— Ela nunca aceitaria isso, apesar de precisar muito.

— De fato — ela concorda —, e por saber disso, essa foi a condição que os seus tios impuseram para que ela volte para casa. Não sei onde isso vai dar...

— Eu também não — dou de ombros —, a Paula é passado, e eu não me importo mais. Tenho coisas mais importantes para pensar do que em onde ela está ou o que está fazendo, como, por exemplo, os pertences da minha amiga e vizinha. A Paula que se dane.

Olho para a caixa de pedras na minha mão.

Acabo de voltar do apartamento da dona Madalena e, assim como ela me pediu, vou guardar sua caixinha com carinho. Uma empresa foi chamada para retirar os móveis e os seus pertences, que serão encaminhados para doação. Como o seu apartamento era alugado, o proprietário não quer perder tempo e precisa pegar as chaves de volta o quanto antes, para colocar o imóvel para alugar novamente. Então, já garanti que a caixa esteja comigo e em segurança.

Vou guardá-la no meu armário e depois penso no que farei com ela.

— O que é isso? — minha mãe pergunta apontando para a caixa.

— São as pedras da litomancia — sorrio com carinho ao me lembrar do nosso episódio maluco —, ela me pediu para guardar.

— Então guarde, meu amor. Faça o que ela pediu.

— Vou, sim.



Um mês depois

Estou morrendo de saudades do Mark.

Sinto uma falta tão grande da sua presença que chega a doer.

As mensagens e telefonemas não são mais suficientes para acalmar o meu coração vazio; e há momentos em que eu ando de um lado para o outro dentro do meu apartamento, tentando aliviar a frustração de não tê-lo aqui. E o pior é que eu não posso fazer nada... ou posso?

O que me impede de ir atrás do homem que eu amo?

Nada.

Eu posso trabalhar em qualquer lugar que tenha conexão com a internet, meus pais estão muito bem na casa nova, e a dona Madalena... Bom, ela não está mais aqui. Acredito que não terei problemas em tirar uns dias para ir até a Argentina e fazer uma surpresa a ele.

Isso seria incrível. Poderia matar a minha saudade, conhecer a sua vida lá, seus amigos, assistir a um treino... Então está decidido!

Acesso o *Google* e pesquiso por passagens aéreas e encontro uma opção em conta para daqui a três dias. Isso me daria tempo o suficiente para arrumar as malas, deixar o Costela na casa dos meus pais e descobrir o seu endereço com o Lúcio.

Vou lutar pelo que eu quero e não ficar lamentando uma situação ruim, sem fazer nada a respeito.

A vida é muito curta para assisti-la passar, sem correr atrás dos nossos sonhos e da nossa felicidade, seja lá onde ela possa estar; e a minha, está na Argentina.



Desembarco no aeroporto internacional de Ezeiza e sigo em viagem por terra, por mais ou menos uma hora até os Pampas Argentinos, onde está localizado o clube de polo onde o Mark treina e está no momento. Sei disso, porque o Lúcio me deu todo o itinerário, desde o seu local de trabalho aos horários de treino, assim como seu endereço residencial. Não tem como eu não encontrá-lo, e meu coração palpita em expectativa.

O meu táxi para em frente ao clube no início da tarde, e sei, pelo horário, que Mark está no meio de um treino.

Peço algumas informações na recepção e entro com um crachá de visitante. Uma pergunta aqui, outra ali, me virando para entender e ser entendida, consigo chegar ao campo onde ele está.

Não demoro a reconhecê-lo em cima do cavalo. Seu apelido Caco não é à toa, é perfeito para ele. Ele nasceu para estar em cima do animal e faz tudo com muita elegância e competência.

Tenho que me controlar para não invadir o campo e me jogar nos seus braços, tamanha a minha saudade. Porém, como se sentisse a minha presença, ele olha diretamente para mim e seus olhos brilham juntamente com o sorriso que nasce nos seus lábios.

Ele fala algo para um dos jogadores ao seu lado e começa, então, a galopar na minha direção e, quando ele está perto o suficiente para me ouvir, eu digo:

— Surpresa!

Ele desce apressado do cavalo e pula a cerca que delimita o campo, como se sua vida dependesse disso. Aproxima nossos corpos e, sem dizer qualquer palavra, envolve o meu rosto com ambas as mãos e me beija com urgência, com saudade, e neste momento, eu tenho a certeza que vir até a Argentina foi, sem dúvidas, a melhor escolha da minha vida.

— Que saudade! — ele fala sem desgrudar nossas bocas. — Eu estava enlouquecendo sem você.

— Desculpa vir sem avisar — falo quando ele une as nossas testas e me olha apaixonado —, espero não causar problemas — digo me referindo ao jogo que parou por minha causa.

— Você não causa nenhum problema — ele beija docemente meus lábios, sem suportar a distância —, pelo contrário: acabou de resolver um dos grandes. Estou muito feliz que esteja aqui.

— Eu já não suportava mais ficar longe de você — falo envergonhada enquanto me encaixo nos seus braços —, precisava disso — aperto-o mais forte —, desse contato.

— Vamos, Caco — um dos jogadores, que percebo ser brasileiro também, o chama para o jogo.

— Preciso terminar o treino — ele diz fazendo uma careta. — Fique aqui e me assista jogar. — Pisca para mim e eu me derreto toda.

— Com o maior prazer! — digo animada.

— Ah, e esse aqui — ele fala ao montar no cavalo — é o Apolo.

— Uau! — reparo melhor no animal, pois até agora a minha atenção era exclusivamente do meu amado. — Ele é lindo!

E então, ele se afasta com um enorme sorriso no rosto e com uma expressão totalmente diferente daquela séria que ele estava quando cheguei, antes de ele me ver.

Me sinto completamente realizada ao saber que eu faço tão bem para ele, quanto ele faz para mim.



Mark me apresentou os companheiros de time, os amigos e todo o clube de polo. Depois do jogo, andamos pelo local enquanto ele me mostrava cada detalhe que considerou importante, fazendo eu me sentir importante

também.

Estamos agora na sua casa, deitados na sua cama, depois de uma noite em claro, onde matamos a saudade da melhor forma que posso imaginar: nos amando.

— Eu não acredito que está aqui — ele sussurra entre os meus cabelos. Estou deitada no seu peito, enquanto aproveitamos preguiçosamente a companhia um do outro.

— acredite — falo, porém me lembro que será por pouco tempo, pois em algum momento terei que voltar para casa.

Como se lesse os meus pensamentos, ele pergunta angustiado:

— Para quando está marcada a sua passagem de volta?

— Eu não comprei ainda, mas não posso demorar demais... — comento pensativa, preocupada principalmente com o Costela.

Permanecemos assim, em silêncio, tentando digerir o fato de que em breve teremos que nos despedir novamente.

— Eu não vou conseguir — ele quebra o silêncio com o seu desabafo —, de novo, não...

— O que vamos fazer? — Porque me sinto da mesma forma. Só em pensar em outra despedida, o meu coração sangra.

— Eu ainda não sei — ele beija carinhosamente a minha cabeça —, mas vou descobrir.

Capítulo 23

Meus dias na Argentina foram maravilhosos. Participei ativamente dos treinos do Mark e pude ver de perto como ele é apaixonado e feliz com o que faz. Ele definitivamente nasceu para isso.

Aproveitamos cada segundo juntos, passeamos em Buenos Aires no fim de semana e também conheci alguns pontos turísticos e agradáveis restaurantes. No final da minha estada, eu até arranhei um pouco o castelhano, deixando-o orgulhoso.

Mas como tudo que é bom acaba rápido, a nossa despedida foi tão ruim quanto prevista, porém, inevitável, pelo menos por enquanto, até descobrirmos como resolver a nossa situação.

Pelo jeito, o nosso namoro seria à distância, contando os dias para um novo reencontro. Enquanto isso, as mensagens e telefonemas teriam que ser o suficiente.

Ele me prometeu vir para o Brasil o quanto antes, para matarmos a saudade, pois como eu tinha ido até a Argentina dessa vez, na próxima seria ele a viajar.

Conversamos muito a respeito da questão da distância, e apesar de ser muito difícil manter um relacionamento assim, nós tivemos sorte em encontrar um ao outro. Será muito complicado lidar com toda a ausência física, mas o importante mesmo é que fomos abençoados, encontrando o verdadeiro amor. O resto é apenas um obstáculo, o qual nós iremos superar unidos, ansiando o momento em que, enfim, poderemos ficar juntos para sempre.

Eu mal posso esperar!



Um ano depois

Jogo as pedras e, ao analisá-las, sei que algo muito bom está para acontecer na minha vida.

Passei o último ano estudando litomancia e acredite: eu levo jeito para a coisa.

Pouco tempo depois do falecimento da dona Madalena, em um momento de saudade, resolvi pegar a caixa que ela havia me deixado e que estava guardada em meu armário. Depois do luto da sua morte, me senti forte para encarar a caixinha e abri-la. Para a minha surpresa, havia outra cartinha ali, com a data próxima ao dia em que tudo mudou; o dia em que ela jogou as pedras para mim.

Na carta, ela explica sobre a arte divinatória, conta a sua história e algumas experiências que teve durante a sua vida. Contou também como essa arte foi importante, mas que na maioria das vezes foi motivo de chacota e, por isso, decidiu parar. Ela diz que gostaria de voltar no tempo, para que assim pudesse dar guarda-chuvadas em cada um que tirou sarro de suas crenças: “Ah, se eu soubesse do poder do guarda-chuva antes...”, ela disse, me fazendo sorrir ao lembrar do seu jeito.

De lá para cá tenho estudado muito, a fim de ocupar os meus dias, homenageando minha amiga, e ao mesmo tempo, preenchendo o vazio deixado pelo Mark.

Porém, me surpreendi; nunca imaginei que teria o dom.

Dona Madalena sabia... E não foi por acaso ou por medo da caixa ir para o lixo que ela a deixou para mim. Hoje eu sei que ela sempre soube que era eu a pessoa que continuaria o seu legado.

A primeira vez que previ foi quando joguei as pedras para a minha amiga Gio, no final do ano passado. Previ que algo especial aconteceria na sua carreira, que faria com que fosse reconhecida profissionalmente e, assim, teria as vendas dos seus livros alavancadas. Dito e feito: no início do ano ela foi anunciada como a mais nova ganhadora do Prêmio *Kindle* de Literatura.

A partir daí, eu acreditei que eu poderia, sim, seguir em frente com a litomancia e honrar o pedido da minha amiga da melhor forma possível: espalhando a arte e fazendo o bem.

A campainha toca e estranho o fato de que, seja quem for, o Manoel não anunciou a visita.

Abro a porta desconfiada e meu coração dispara dentro do meu peito ao ver o Mark parado ali. Desta vez é ele quem me faz uma surpresa depois de meses sem nos ver.

— Meu contrato acabou e fiquei sabendo de uma oportunidade para mim e para o Apolo em um clube por aqui — ele fala casualmente, como se tivesse ido até a esquina e voltado. — Estou procurando um local para firmar base no Brasil. Conhece algum lugar disponível?

— Mark! — Finalmente me jogo nos seus braços com a certeza de que não sairei mais dali. — Você está em casa — digo me referindo não só à minha residência, como, principalmente, aos meus braços.



Foto: Mark e Apolo.

Agradecimentos

Olá,

Quero agradecer a você que chegou até aqui e dedicou o seu tempo à leitura do meu livro. **Muito obrigada!**

Me siga nas redes sociais!

Facebook: <https://www.facebook.com/gisele.schiefer>

Instagram: <https://www.instagram.com/gischiefer/>

Página do livro no Facebook:
<https://www.facebook.com/AutoraG.Schiefer>

Mande mensagem e me diga o que achou do livro.

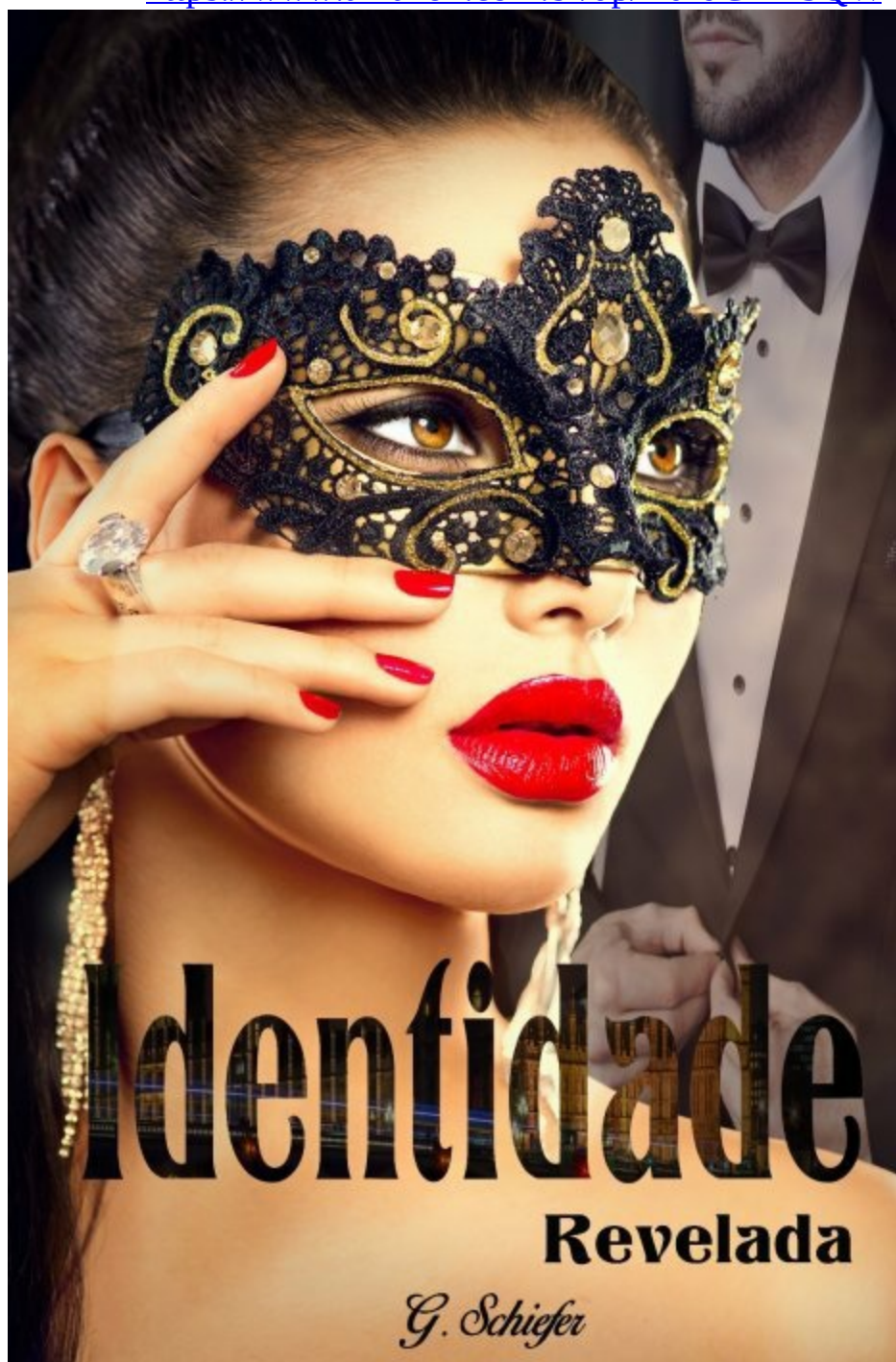
Um grande beijo,

G. Schiefer

Conheça outras obras da autora

Identidade Revelada

<https://www.amazon.com.br/dp/B07JCHBSQW>



Identidade Revelada: Especial de Natal
<https://www.amazon.com.br/dp/B07L5VF4GP>



Na Luz Da Lua

<https://www.amazon.com.br/dp/B07RGXF3DT>



[\[1\]](#) Flunitrazepam é um medicamento que apresenta efeito ansiolítico, anticonvulsivante, sedativo e induz redução do desempenho psicomotor, amnésia, relaxamento muscular e sono. É a substância mais comum usada no famoso golpe “boa noite, Cinderela”.